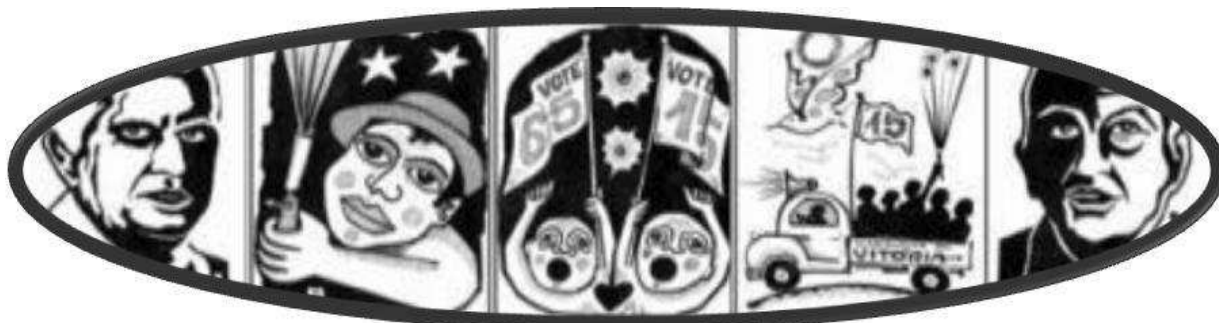




UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLÓDSON DOS SANTOS SILVA

**Do lado de cá & do lado de lá
Tempos e espaços dos conflitos da “política” em Santana
do Acaraú - CE**



Fortaleza
Novembro de 2009

CLÓDSON DOS SANTOS SILVA

**Do lado de cá & do lado de lá
Tempos e espaços dos conflitos da “política”
em Santana do Acaraú - CE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Professora Dra. Irllys Alencar F. Barreira.

Fortaleza
Novembro de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

S579d

Silva, Clódson dos Santos

Do lado de cá & do lado de lá [manuscrito]: tempos e espaços dos conflitos da “política” em Santana do Acaraú-CE / por Clódson dos Santos Silva. – 2009.

173 f.: il. ; 30 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2009.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Irllys de Alencar Firmo Barreira.

Inclui bibliografia.

1-SANTANA DO ACARAÚ – POLÍTICA SOCIAL. 2-SANTANA DO ACARAÚ – POLÍTICA E GOVERNO. 3- CONFLITO SOCIAL – SANTANA DO ACARAÚ. I – Barreira, Irllys de Alencar Firmo. II - Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III – Título.

CDD(22.ed.) 352.14098131

Laninelvia Mesquita de Deus Peixoto – Bibliotecária – CRB-3/794
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

FOLHA DE APROVAÇÃO

Clódson dos Santos Silva

Do lado de cá & do lado de lá - Tempos e espaços dos conflitos da “política”
em Santana do Acaraú – CE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal do Ceará para obtenção
do título de Doutor em Sociologia.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca Examinadora

Professora Dra. Irllys Alencar F. Barreira (Orientadora)

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC).

Assinatura: _____

Professora Dra. Beatriz Maria Alasia Heredia

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Assinatura: _____

Professor Dr. Geovani Jacó de Freitas (UECE)

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Assinatura: _____

Professor Dr. César Barreira

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC).

Assinatura: _____

Professor Dr. Marilde Loiola de Menezes

Instituição: Universidade de Brasília (Unb).

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Newta e Marcelo que mesmo do outro lado do país sempre estão presentes em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Irllys Barreira, sempre atenciosa e aberta ao diálogo. Ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, especialmente ao professor José Manoel Sobral que me acolheu tão bem durante minha estadia em Portugal. Aos meus amigos, Paulo, Ana, Lindomar, Cleber, Aragão e Cid. Esta tese não teria sido possível sem o auxílio de vocês que não me faltaram nas horas mais difíceis. Sou grato aos professores Gil e Beatriz Heredia que participaram da qualificação do projeto desta pesquisa contribuindo, assim, para maior qualidade desta tese. A todos santanenses que colaboraram com entrevistas e conversas informais e, desta forma, me proporcionaram diferentes ângulos sobre a história política local. Aos membros das famílias Arcanjo e Vasconcelos, especialmente aos irmãos Raimundo Nonato Arcanjo e Antônio Galvino Arcanjo. Ao Senhor Batista e sua família, a Ivo Braga, companheiro de incursões durante o período eleitoral de 2008, Manoelzinho, Paulo Roberto, Oziel, Professor Paulo. Agradeço também ao artista plástico Audifax Rios que gentilmente confeccionou as gravuras que ilustram a tese, além de me proporcionar longas e instigantes conversas sobre os bastidores da história política de Santana do Acaraú nas inúmeras vezes que me recebeu em seu ateliê. Agradeço aos meus pais, Newta e Marcelo, que mesmo do outro lado do país sempre estiveram presentes. A Helen, que acreditou em mim incondicionalmente, sem você não teria conseguido. A Pretinha e Linda pela companhia nas madrugadas de estudo. Ressalto ainda o apoio financeiro do CNPq e Capes.

RESUMO

SILVA, Clódsen dos Santos. **Do lado de cá & do lado de lá – tempos e espaços dos conflitos da “política” em Santana do Acaraú – CE.** 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

Em Santana do Acaraú - Ceará - BR, a disputa pelo poder local se acirra na época das eleições, principalmente nos pleitos municipais. Esse é o momento identificado pelos moradores como “tempo da política”, nele as facções políticas são claramente identificadas em um tipo de “conflito aberto/autorizado”. É um período de festas, manifestado nos rituais de comensalidade, nas carreatas, nas passeatas e nos comícios e também é um período de conflitos expressos nos novos recortes sociais que dividem pessoas que, em outros momentos, estariam unidas por relações de parentesco, amizade e/ou vizinhança. Contudo, nem sempre os conflitos característicos do tempo da política findam com a apuração dos votos e a investidura do cargo. O modo como a campanha foi conduzida, as acusações de fraude e a solicitação de recontagem dos votos, podem colocar em risco “o fecho do tempo da política”, levando os conflitos característicos de tal temporalidade para além do período eleitoral. A partir dos significados nativos da política, examino de que forma os conflitos da política são vivenciados pelos santanenses em três temporalidades distintas: os conflitos em momentos eleitorais; os conflitos no cotidiano; os conflitos em dois momentos *sui generis*, em que a persistência do conflito político adquiriu outras dimensões. Desta forma, procuro nesta tese compreender como é construído socialmente o lugar da política, atribuindo a ela territorialidade, uma linguagem e temporalidade específicas, enfim, um período em que ela é permitida, “o tempo da política”, e como isso reforça e constrói a política como o lugar dos políticos profissionais.

Palavras-chave: Poder Local, Eleições, Conflito.

ABSTRACT

Santana do Acaraú's (Ceará, Brasil) power dispute becomes tense during local elections. To the population, this period is identified as "the time of politics". It is a festive time, manifested in various rituals: motorcades, marches, lunch, dinner and political speeches. As well as it is a period of conflict, expressed in the new social groups which oppose people that otherwise would be united by relationships of kin, friendship and/or neighborhood. However, it is not always that the conflicts peculiar to "the time of politics" ends with the counting of votes or after to take up office. The way campaign was made, accusations of fraud and requests for vote recounting may risk the "closure of the time of politics" and take confrontations beyond elections period. Departing from the native meanings of politics, I examine how political conflicts are lived with by the Santanians in three different times: elections, everyday life and "political time" sui generis, when the conflicts persistence acquired other dimension. With this thesis I try to understand the way politics is socially constructed in terms of a specific time, space and language where it is permitted, and how it builds and strengthens the policy and the place of professional politicians.

Keywords: Local Power, Elections, Conflict

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Espaços de Santana do Acaraú.....	32
FIGURA 2	Cenas do cotidiano.....	34
FIGURA 3	Cenas da vida econômica local.....	45
FIGURA 4	Estátua de Chagas Vasconcelos	63
FIGURA 5	Prefeitura e Alcione Clube.....	72
FIGURA 6	Cartaz das eleições municipais de 2008.....	88
FIGURA 7	Comícios.....	106
FIGURA 8	Pontos de concentração.....	116
FIGURA 9	Cortejos da política.....	117
FIGURA 10	Do lado de cá & do lado de lá”.....	123
FIGURA 11	Comemoração da vitória.....	124
FIGURA 12	Apuração das eleições municipais de 1994.....	131
FIGURA 13	<i>Urna 45 do Sapó</i>	132
FIGURA 14	“É tempo de paz”	161
MAPA 1	Mapa Cotidiano	39
MAPA 2	Genealogia das Famílias Arcanjo e Vasconcelos	65
MAPA 3	Quadro das Alianças Políticas.....	77
MAPA 4	Territorialização no “Tempo da Política”.....	115
MAPA 5	Mapa de Santana do Acaraú.....	182
DIAGRAMA 1	Modelo Ideal Típico de “Tempo da Política”.....	147
DIAGRAMA 2	Caso da Urna 45 do Sapó	153
DIAGRAMA 3	Conflitos Políticos Fora do Período Eleitoral.....	155

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. NOTAS SOBRE O COTIDIANO DE SANTANA DO ACARAÚ	28
2.1 A VIDA DE TODOS OS DIAS.....	31
3. TRIUMVIRATU – POLÍTICA & HISTÓRIA DE FAMÍLIA	55
3.1 HISTÓRIA DE FAMÍLIA	60
3.2 TRIUMVIRATU	63
3.3 PRIMOS INTRIGADOS – CONFLITOS EM FAMÍLIA.....	73
4. INCURSÕES EM SANTANA DO ACARAÚ EM “TEMPO DE POLÍTICA”	90
4.1 É TEMPO DE POLÍTICA	92
4.2 PRÉVIAS DO “TEMPO DA POLÍTICA”.....	97
4.3 INCURSÕES EM “TEMPO DE POLÍTICA”	104
PRÓLOGO	126
5. OUTROS TEMPOS E ESPAÇOS DA POLÍTICA	128
5.1 CASO I - <i>URNA 45 DO SAPÓ - TEMPO DA POLÍTICA SUI GENERIS</i>	124
5.2 CASO II – CONFLITOS DA POLÍTICA FORA DO PERÍODO ELEITORAL	137
5.3 LIMINARIDADES DA POLÍTICA	146
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
BIBLIOGRAFIA	169
APÊNDICE	178
ANEXOS	182

1. INTRODUÇÃO

Os pontos de partida das ciências da cultura continuarão a ser variáveis no imenso futuro, enquanto uma espécie de imobilidade chinesa da vida espiritual não desacostumar a humanidade de fazer perguntas à sempre inesgotável vida (WEBER, 2000, p.100).

Nessa oportuna epígrafe de Weber percebe-se a angústia que todo cientista social passa, ao ter que recortar seu objeto de estudo. Como o objeto do conhecimento sociológico não se impõe à análise, de forma espontânea, mas é construído através de procedimentos metodológicos pelo pesquisador, o sociólogo, ao interpretar determinado fenômeno social, seleciona apenas um pequeno fragmento contingente dos infinitos elementos que compõem seu campo de observação designado como realidade. O *métier* sociológico passa pela delimitação de pontos de entrada diante de uma realidade complexa, ou seja, o investigador social elege alguns aspectos que considera relevantes para a compreensão de um determinado fenômeno. Por isso, Weber considera que as ciências sociais são dotadas de eterna juventude, pois o fluxo constante e progressivo do mundo social sempre suscitará, ao olhar do pesquisador, novos problemas.

O objeto de pesquisa proposto nesta tese retrata bem essa situação. Ele é resultado de algumas inquietações que vislumbrei entre os anos de 2002 e 2004 no decorrer do trabalho de campo da minha dissertação “*O Que se diz e o que se faz em nome da participação – Conselhão Santana do Acaraú - CE*” que não foram esgotados naquele momento devido ao recorte empírico que dei ao meu objeto de estudo.

Na dissertação tive como *locus* as reuniões do Grande Conselho Comunitário Municipal do Município de Santana do Acaraú¹, denominado popularmente como “Conselhão” – reconhecido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), como um dos modelos de gestão participativa no Brasil. Naquele trabalho procurei distanciar-me de um diagnóstico sobre a efetividade da “participação” (se ela existe ou não) e de seus resultados materiais alcançados, tal como acontece em muitos estudos que tratam dessa temática como único critério analítico. A partir do modelo da representação teatral proposto por Goffman (2002), interpretei o Conselhão como um espaço de sociabilidade em que os sentidos construídos pelos seus frequentadores nas suas interações sociais compõem um material fecundo para a interpretação sociológica.

E foi no decorrer da pesquisa de campo da dissertação entre novembro 2002 e abril de 2004, que, assistindo às reuniões do Conselhão, comecei a perceber várias controvérsias em torno do significado da política. Durante as reuniões, por exemplo, o diretor daquele fórum enfatizava insistentemente que: “O Conselhão não é do Joãozinho, não é do Farias, não é de político nenhum, o Conselhão é do Povo²”. Dessa forma, procurava reafirmar ao público presente a autonomia daquele fórum em relação aos conflitos políticos locais. Entretanto, o significado da política continuava gerando interpretações diversas entre as pessoas que frequentam o Conselhão, pois a “política” era vista como algo que não deveria estar presente nas reuniões naquele momento. As falas de dois agricultores retratam bem tal situação:

¹ Município da região Norte do Estado do Ceará, localizado a 262 km de Fortaleza.

² Ex-prefeitos de Santana do Acaraú: João Ananias Vasconcelos Neto e José Aldeny Farias.

Na época da campanha política, a negada acocha mais o lado da política. Aqui não é para ser política, para ser política tinha uma reunião política. É da comunidade, é da comunidade. É política, é da política. Rapaz, o Conselhão de tal dia é uma reunião política não é uma reunião comunitária. (...) Porque nós temos a nossa hora de nós falar, de nós fazer críticas, de pedir, de agradecer, nós temos, qualquer um do Conselhão tem direito de acenar e falar o que sabe, mas quando tem uma reunião política vem deputado, vem governador, vem senador, vem pra cá, aí os pobres sobram, sobram porque o tempo não dá. Cada um quer falar o que quer meia hora uma hora e aí nós sobra.[...] Porque aqui quando tem uma reunião que é mesmo do Conselhão, que é só comunitário, é uma reunião boa, sadia, a gente conversa, amigo de todo mundo, conversas passadas de um para o outro, para ver como é que está a comunidade e tudo é, aonde chega tem conhecidos, aqui é um ponto muito bom da pessoa se encontrar, porque faz conhecimento com tudo (Representante da Comunidade do Povo Unido do Bairro do Pedregal – grifos meus).

Querem fazer política no Conselhão. E o Conselhão é um órgão que é para a gente discutir as necessidades das comunidades, não é um órgão político que a gente possa estar falando em política. [...] Muita gente leva a política como sendo um negócio sério, um negócio que seja honesto, e não tem político honesto. Você pode saber disso que não tem nenhum político honesto, a gente tem que batalhar pelo pão de cada dia, ter o futuro do filho da gente (Representante da Associação do bairro Jericó – grifos meus).

Um pesquisador desavisado que presenciasse uma dessas reuniões durante o período que descrevo aqui, provavelmente ficaria perplexo. Já que tais pessoas faziam questão de afirmar que a política é uma atividade fora de seus cotidianos, que o Conselhão não é lugar da política. Que a política é contrária aos interesses da comunidade e que a sua presença coloca em xeque as relações sociais de amizade, vizinhança e parentesco.

Entretanto, tais atores sociais participam discussões acerca da definição das prioridades de investimento da prefeitura, fiscalizam o andamento

de obras públicas, levam suas reclamações e sugestões ao conhecimento de prefeito, vereadores e secretários municipais. Além disso, frequentam as reuniões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e interessam-se pelas sessões da Câmara Municipal de vereadores. Ou seja, participam de eventos de natureza eminentemente política, embora não identifiquem tal participação como uma atividade política.

A política é recorrentemente associada pelos santanenses ao período eleitoral. Tal fato não é uma especificidade local, fenômeno semelhante foi reconhecido primeiramente nas pesquisas de campo de Moacir Palmeira (1992 e 1996) e Beatriz Heredia (2006) em populações de alguns municípios de Pernambuco e do Rio Grande do Sul.

A partir de uma “antropologia da política”, Palmeira e Heredia investigaram a política “do ponto de vista nativo”. Analisando as percepções sociais que tais populações têm da política, eles mostraram como nessas localidades, a política é identificada com o período eleitoral. Segundo os autores, existe um “tempo da política” que corresponde ao período eleitoral.

Nas áreas que estudamos, ao contrário de outras atividades, a política não é pensada como uma atividade permanente. Ela se circunscreve a um período determinado, o período eleitoral, que é designado sintomaticamente como o tempo da política. O tempo da política representa o momento em que as facções (os partidos reais) são identificados, e em que, por assim dizer, existem plenamente, em conflito aberto, as municipalidades divididas de uma maneira pouco habitual nas grandes cidades. Como a facção, fora do tempo da política, resume-se aos chefes políticos e a uns poucos seguidores, a disputa eleitoral é exatamente uma disputa para incorporar o maior número possível de pessoas, o maior número de apoios a cada facção. É o seu lado da sociedade que tem que ser aumentado. Está, pois, em jogo uma disputa que é mais ampla do que a disputa eleitoral *stricto sensu*. Está em questão tanto a tentativa de acesso a certos cargos de mando quanto o peso relativo de diferentes partes da sociedade, o que é decisivo para a ordenação das relações sociais durante um certo período de tempo (PALMEIRA e HEREDIA, 2006, p.284-285).

A proposição que Palmeira e Heredia construíram a partir da pesquisa de campo com moradores daqueles municípios se assemelha à maneira como a política é pensada e vivenciada pelos santanenses. Recorrentemente, a representação que os moradores locais têm sobre a política está circunscrita ao período eleitoral. Além disso, os santanenses também utilizam a categoria “tempo da política” para designar tal temporalidade. É nesse sentido que muitos deles falam sobre quando o “tempo da política” começa, ou de quando ele termina. Utilizam-se dessa temporalidade como um marco referencial, atribuindo qualidades: “naquele ano a política foi quente”, “a política daquele período foi animada”.

O “tempo da política” é vivenciado como um período de festas, manifestado nos rituais de comensalidade, nas carreatas, nas passeatas, no prazer dos embates mais ou menos simulados e nos comícios, mas também um período de competição e conflitos expressos nas novas clivagens sociais que dividem pessoas que no cotidiano estariam unidas por relações de parentesco, amizade ou vizinhança (PALMEIRA e HEREDIA, 1997).

Uma das formas que os conflitos característicos do “tempo da política” se expressam em Santana do Acaraú é mediante o aparecimento público das facções no período eleitoral. De acordo com Jeremy Boissevain, as facções são coalizões temporárias formadas por seguidores que são arregimentados por um líder, num cenário de conflito, a partir de relações pessoais (BOISSEVAIN, 1978, p.192).³

³ Nesse estudo Boissevain (1978) descreve uma festa religiosa do final do século XIX em uma vila de Hal-Farrug. A festa de St. Martin organizada por um pequeno grupo de moradores comemorava a união do povoado. Mas, em 1878, um pároco recém-chegado passa a disputar a organização do evento. Além disso, o novo pároco era devoto do St. Joseph e instituiu outra festa para seu santo de devoção. O dinheiro que antes era arrecadado exclusivamente para a festa de St. Martin passou a ser disputado também

Para Boissevain, o líder é um dos elementos fundamentais para compreender a dinâmica das facções. Os seguidores são recrutados pessoalmente de acordo com princípios estruturalmente diversos, em nome de uma pessoa (líder) em conflito com outra pessoa ou grupo de pessoas. Os seguidores por sua vez, também mobilizam o apoio dos membros das suas próprias redes pessoais (BOISSEVAIN, 1978, p.192).

O conflito e a rivalidade são elementos fundamentais para a existência e visibilidade das facções. Os grupos que são enredados nos conflitos competem por honra, alocação de bens, recursos materiais e simbólicos (BOURDIEU, 2004a). Quanto mais tempo dura o conflito, quanto mais tempo a facção continua a existir plenamente (BOISSEVAIN, 1978, p.196).

Boissevain destaca também a existência de uma pequena área em torno do líder que é formada por um grupo reduzido de pessoas que mantém conexões estreitas e formam o núcleo da facção. É nesse sentido que Palmeira e Heredia (2006) afirmam que no “tempo da política” as facções passam existir plenamente dando visibilidade aos conflitos. Fora dessa temporalidade, as facções se resumem a esse pequeno grupo.

O aparecimento das facções instaura publicamente o conflito fazendo com que as pessoas de uma determinada unidade social, que em outros momentos aparentemente estariam unidas, tenham que escolher publicamente um dos lados em disputa (BOISSEVAIN, 1978).

para a festa de St. Joseph. Com a nova festa, sob o comando do pároco, foram também criados novos cargos que passaram a rivalizar com os organizadores da festa de St. Martin. O acirramento desses dois grupos forçou o restante dos moradores da vila a escolher um dos lados em disputa festa que antes comemorava a união da vila, com o surgimento das facções, passou a ser sinônimo de divisão.

Contudo, os conflitos tal como foram tratados nesta pesquisa não são, por si só, negativos ou desagregadores. Segundo Simmel, o conflito é um elemento importante para compreender a dinâmica social.

[...] Si toda acción recíproca entre hombres es una socialización, la lucha, que constituye una de las más vivas acciones recíprocas y que es lógicamente imposible de limitar a un individuo, ha de constituir necesariamente una socialización (SIMMEL, 1977, p.265).

O conflito age em todos os momentos da vida social. Seus aspectos positivos e negativos estão integrados; podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente (SIMMEL, 1987, p.123).

[...] Así como el cosmos necesita «amor y odio», fuerzas de atracción y de repulsión, para tener una forma, así la sociedad necesita una relación cuantitativa de armonía y desarmonía, de asociación y competencia, de favor y desfavor, para llegar a una forma determinada (SIMMEL, 1977, p.267).

A existência de desavenças, embates e discordâncias faz parte da interação social. O conflito provoca e modifica interesses de grupo, adesões e rupturas, já que afeta os grupos em disputa, tanto em sua relação um com o outro, mas também em relação ao próprio grupo.

Em situações pacíficas limitamos nossas interações às pessoas com quem temos um maior número de afinidades. Já os cenários de conflito são capazes de agregar pessoas que no cotidiano dificilmente colaborariam num mesmo empreendimento. Ou seja, o conflito nos leva a buscar adesão mesmo daquelas pessoas com quem não temos ou não queremos ter algo em comum. Dissipado o conflito, voltamos a manter a distância anterior daquelas pessoas

que outrora estavam enfileiradas no mesmo lado de uma disputa (SIMMEL, 1987, p.163).

Na existência de um conflito com um grupo externo, as diferenças internas de cada facção diminuem ou mesmo são temporariamente suspensas, unindo pessoas que em outros momentos estariam dispersas. Também é uma oportunidade de eliminar elementos que poderiam ameaçar a clareza dos limites com o outro grupo. A unidade do grupo se fortalece diante de um conflito com um adversário externo. Esse efeito pode se estender depois do período da luta, isto é, "o conflito é mais a oportunidade para as unificações exigidas internamente do que o propósito dessas unificações" (SIMMEL, 1987, p.157- 159).

Atentando para os últimos cinquenta anos da história política de Santana do Acaraú, percebemos que os conflitos políticos ocorreram entre descendentes de uma mesma família, porém pertencentes a facções políticas distintas. Tais facções só eram claramente identificadas em um tipo de "conflito aberto/autorizado" durante o período eleitoral.

Nessas ocasiões, o espaço físico da sede do município passa a ser demarcado entre os partidários de cada uma das facções. Desta forma, tal temporalidade representa uma quebra no cotidiano local. É um período de festas que, por outro lado, também é um período de competição, rivalidades e conflitos expressos nos novos recortes sociais que separam as pessoas que, em outras ocasiões, estariam unidas por relações de parentesco, amizade e/ou vizinhança (PALMEIRA e HEREDIA, 1997).

No decorrer da história política de Santana do Acaraú, até 1996, os conflitos característicos do "tempo da política" ficavam circunscritos ao período eleitoral. Tal associação era reforçada pelo fato de, frequentemente, o candidato

majoritário derrotado sair temporariamente da cena pública, após a divulgação do candidato eleito.

Vale lembrar que uma parcela significativa desses políticos, mesmo posicionados em facções opostas durante o período eleitoral, pertence a uma mesma linhagem familiar e que a maioria deles mantém uma relação social amistosa fora do período eleitoral. Desta forma, tais arranjos possibilitavam que os conflitos políticos mais acirrados ficassem circunscritos e fossem ritualizados durante o período eleitoral.

Entretanto, em duas ocasiões específicas – *Urna 45 de Sapó*, entre os anos de 1996 a 1998, e na gestão de José Aldeny Farias, entre meados de 2001 a 2004 – por diferentes razões, os conflitos característicos do “tempo da política”, extrapolaram o período eleitoral. Transformaram o cotidiano de Santana do Acaraú em um momento peculiar, prolongando as divisões, os conflitos e as rivalidades entre os santanenses.

Embora Palmeira e Heredia (1997) tenham sinalizado para a possibilidade dos conflitos característicos do “tempo da política” extrapolar o período eleitoral e subverter o cotidiano, tais autores não se debruçaram sobre um estudo de caso em que tais condições existissem.

Desta forma, partindo das importantes contribuições de Palmeira e Heredia (1993, 1995, 1997 e 2006) sobre o “tempo da política”, procuro, neste trabalho, compreender/interpretar de que forma os conflitos são vivenciados pelos santanenses em três temporalidades distintas: em momentos eleitorais; no cotidiano; e em um “tempo da política” *sui generis*, em que a persistência do conflito adquiriu dimensões diferenciadas, para além do período eleitoral.

Tomando por base essas três temporalidades, procuro compreender/interpretar como é construído socialmente o lugar da política, atribuindo a ela uma territorialidade, uma linguagem e uma temporalidade específicas. Enfim, um período onde os conflitos da política são permitidos, (“o tempo da política”). Também analiso de que forma operam os rituais que circunscrevem os conflitos políticos no período eleitoral. Norteado, portanto, por essas questões, busquei subsídios para compreender como os conflitos característicos do “tempo da política” extrapolaram o período eleitoral e instituíram outra temporalidade, invadindo abertamente o cotidiano daquele município.

A partir dessas questões procurei compreender como a política é percebida e vivenciada por aqueles que “fazem política”, ou mais precisamente, por aqueles que vivem da e para a política (BOURDIEU, 2004a). Quais as relações – intra ou inter facções – entre os políticos profissionais, não apenas durante o período eleitoral, mas também fora dele e, principalmente, nesse período em que os conflitos políticos foram prorrogados, invadindo o cotidiano.

Nesse sentido, vale sublinhar que além da identificação da política a um período circunscrito, a história política de Santana do Acaraú é marcada fortemente pelas relações pessoais de poder, a ponto de os entrevistados classificarem a história da política local de acordo com o “chefe político” que ocupa e/ou tutela o cargo de prefeito, em detrimento de uma divisão por siglas partidárias ou orientação política (direita-esquerda). Assim, temos o “tempo do Dr. Chagas”, o “tempo do Dr. João”, o “tempo do Dr. Ari”, o “tempo do Farias”.

Tal fato não é uma especificidade da política em Santana do Acaraú. A importância da dominação pessoal e do poder advindo de bases familiares frequentemente instigou os cientistas sociais; Gilberto Freyre (2003), Sérgio

Buarque de Holanda (1995), Victor Nunes Leal (1997), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976) ressaltaram a importância deste fato para compreender a estrutura de poder político ao longo da história brasileira, assunto que é tratado no capítulo dois.

Além dessa interseção da política com o universo familiar, a análise do campo político levou em consideração também a divisão do trabalho político entre agentes politicamente ativos (profissionais que vivem da política e para ela) e agentes politicamente passivos (profanos). Os políticos profissionais, subsidiados por seu “capital político”, participam do campo político como produtores de representações da política; já os profanos, são reduzidos a consumidores (BOURDIEU, 2004a).

Nestes termos, o que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada: o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de “consumidores”, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção (BOURDIEU, 2004a, p.164).

Contudo, no interior do campo político há lutas intra ou inter facções, envolvendo políticos profissionais que disputam posições na hierarquia do Estado, nos partidos políticos. Existem também lutas voltadas para o exterior, para elaboração e difusão de uma representação do mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível de pessoas e de assegurar, portanto, postos

que lhes assegurem um poder sobre os seus tributários (BOURDIEU, 2004a, p.174).

A experiência de Santana do Acaraú é *locus* privilegiado para compreender como operam as regras do jogo político. Em casos como o este, tais elementos ficam mais evidentes, já que as interações entre os atores sociais são bastante estreitas. Claro que o estudo de caso aqui trabalhado não pode ser generalizado num sentido estrito do termo, mas, como pensa Bourdieu:

Trata-se de interrogar sistematicamente o caso particular, constituído em 'caso particular do possível', como diz Bachelard, para retirar dele as propriedades gerais ou invariantes que só se denunciam mediante uma investigação assim conduzida (BOURDIEU, 2004a, p.32).

Como estudo de um único caso, esta investigação não permite avaliar até que ponto a totalidade dos resultados aqui analisados são especificidades de determinado objeto de estudo. Entretanto, isso não significa dizer que tais elementos, observados localmente, não estejam presentes em outros ambientes, nem quer dizer que exista um recorte radical entre política local e política nacional. Em sociedades como a brasileira, as relações pessoais desempenham um papel central na organização do mundo social, e a atividade política é exemplar nesse sentido, em qualquer esfera. Assim sendo, tais relações atravessam recortes arbitrários entre o local e o nacional, permeando o "mundo da política" em todas as suas esferas. Guardadas as devidas diferenciações contextuais, é possível pensarmos que as particularidades relativas ao caso de Santana do Acaraú se articulam com circunstâncias estruturais da política brasileira.

Esta pesquisa não está preocupada como a política deveria ser. A proposta desta investigação é de reconhecer o significado nativo da política em Santana do Acaraú, procurando construir uma análise interpretativa, descrevendo os discursos e as práticas construídas em nome da política, a partir do ponto de vista dos seus protagonistas – por esse motivo, muitas categorias emergiram do trabalho empírico.

Todavia, o que tornou tal empreendimento complexo é o fato de que muitas vezes as regras, os valores e as práticas encontradas no interior do campo político divergem de modelos construídos *a priori* pelo pesquisador. No entanto, reduzir tais valores e práticas ao “atraso”, ao “clientelismo”, ao “analfabetismo político” em nome de um modelo idealizado, não ajuda a compreender a complexidade do caso estudado. Acredito que, atentando para os bastidores da política, para as suas redes, seus valores e práticas, é possível compreender quais são as regras e valores na produção e reprodução do poder político naquele município.

ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM EMPÍRICA

Para operacionalizar o estudo de caso proposto, foram definidos como marco temporal três momentos distintos da história política de Santana do Acaraú em que os conflitos da política tomaram formas distintas:

- I. Ascensão dos três primos – José Arcanjo Neto, José Ananias Vasconcelos e Francisco das Chagas de Vasconcelos a partir do final da década de 1950 na política local até o final de década de

1980, quando João Ananias Vasconcelos Neto é eleito prefeito pondo fim à hegemonia de Francisco das Chagas Vasconcelos.

- II. Eleições municipais de 2008, ocasião em que tive a oportunidade de observar *in loco* como os conflitos característicos do “tempo da política” são vivenciados e ritualizados durante as eleições municipais.

- III. Dois episódios da história política local *sui generis*: a) O episódio popularmente conhecido como *Urna 45 do Sapó*, que se estendeu entre os anos de 1996 a 1998; b) Os conflitos ocorridos na gestão de José Aldeny Farias, entre 2001 a 2004. Estes dois momentos peculiares na história política local ocorreram fora do calendário eleitoral oficial e por diferentes razões fazem parte de um conjunto de eventos que foram associados pelos santanenses ao “tempo da política”.

A partir desses três marcos temporais, empreguei estratégias de abordagem empírica tradicionais da antropologia social, a saber: entrevistas e observação participante. Evidente que interpretar os discursos dos diferentes segmentos sociais que estão envolvidos nessas disputas não é recuperar assepticamente as experiências dessas pessoas, mas sim, através de uma “leitura” dessas experiências, ressignificar os sentidos que essas pessoas

constroem sob suas práticas. Segundo Geertz, tal tarefa passa pela compreensão de

[...] uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 1989, p.20).

Conforme Geertz, é muito difícil, para não dizer impossível, que um cientista social chegue a conhecer a maneira como um “nativo” pensa, sente e percebe o mundo. Nossos dados não são um resgate da experiência direta daquelas pessoas. Nas palavras do autor, “[...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas” (GEERTZ, 1989, p.19). A leitura que fazemos das entrevistas, os textos que produzimos são eles mesmos interpretações de interpretações. “Por definição, somente um ‘nativo’ faz a interpretação em primeira mão; é a sua cultura” (GEERTZ, 1989, p.24).

Norteados por tais questões, mapeei os diferentes atores sociais envolvidos no caso. Uma das instigantes pistas que segui para compreender a dinâmica da política local foi atentar para o envolvimento dos “Arcanjos” e “Vasconcelos”, tronco de uma mesma família, que governaram Santana do Acaraú desde final dos anos 1950. Entretanto, três dos principais representantes dessa linhagem do ponto de vista político – José Arcanjo Neto, José Ananias Vasconcelos e Francisco das Chagas de Vasconcelos – faleceram no início da pesquisa de campo. Desta forma, procuramos reconstruir suas trajetórias de vida por meio de entrevistas com familiares, partidários, amigos e rivais. Além disso,

examinei diários, jornais da época, pronunciamentos, correspondências, arquivos de audio e video. A esse respeito, levei em consideração as limitações que Bourdieu (2005) descreveu sobre as biografias. A partir de diferentes versões, sempre tomadas em função do meu problema de pesquisa, redobrei meus cuidados para não ser seduzido por uma criação artificial de sentido das biografias dos chefes políticos aqui examinados. Busquei com a “história de família” – instrumento metodológico sugerido por Pina Cabral e Antonia Pedroso de Lima (2005) – reconstruir a “superfície social” onde trajetórias de vida dos políticos aqui estudados se desenrolaram através de relatos altercentrados.

A construção da genealogia dos “Arcanjos” e “Vasconcelos” foi momento muito fecundo da pesquisa de campo. Tal exercício demandou repetidas visitas aos familiares mais próximos dos chefes políticos aqui estudados. Contudo, foi a partir desse exercício que conquistei a empatia de vários membros dessas famílias. As longas horas de conversa que tive com eles foram uma importante via de acesso aos bastidores da política local já que, além de identificar as relações de parentesco, meus informantes também descreviam como eram as relações pessoais e políticas dos membros dessas famílias.

Trabalhei também com dados hemerográficos relativos ao município de Santana do Acaraú através dos periódicos: *O Município* – editado nas primeiras décadas do século XX; *A Defesa e A crítica*, publicados na década de cinquenta; *O Santanense* editado em meados dos anos noventa do mesmo século; *O Correio Santanense*, que circulou entre os anos de 2001 e 2005, e exemplares de *O Povo* e *Diário do Nordeste*, editados de 1982 a 2008. O acesso a parte desses periódicos só foi possível mediante acesso aos acervos pessoais de munícipes santanenses e edições encontradas na Biblioteca Pública do Ceará.

Outra fonte de dados foi a coleção de cerca de cinquenta *pasquins* que foram publicados durante os últimos anos.

Tais documentos foram examinados levando em consideração dois aspectos: 1) como uma importante fonte de informação sobre os elementos que compõem o cotidiano local; 2) como expressões dos conflitos políticos travados entre as facções que recorrentemente empregavam tais publicações como mais um artifício nos embates políticos.

O acervo de áudio da Câmara Municipal de Santana do Acaraú, que desde 2002 tem suas sessões registradas integralmente em CDs, foi uma rica fonte de informações. Esses dados foram examinados objetivando mapear as disputas internas entre os vereadores e suas respectivas facções, bem como os conflitos entre Câmara Municipal e a Prefeitura. Analisei, também, gravações de carreatas, comícios, reuniões e discursos dos políticos locais em várias ocasiões.

Realizei, também, pesquisa bibliográfica nas seguintes instituições: Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – UFC, Biblioteca do Estado do Ceará, Biblioteca da Universidade de São Paulo – USP, Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais – ICS, Biblioteca do ISCTEC, Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. A pesquisa nos acervos da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, Delegacia de Santana do Acaraú, Fórum de Santana do Acaraú e Câmara Federal, também foram de grande valia.

Os capítulos da tese não obedecem a uma ordem cronológica linear. No primeiro capítulo – “Notas sobre o cotidiano de Santana do Acaraú” – sigo algumas das rotas do cotidiano para esmiuçar detalhes da vida social local, especificamente o papel dos conflitos e das relações entre tempo e espaço nas interações sociais. Procuro mostrar que apesar dos santanenses pensarem-se

sob o signo da união e do consenso, o cotidiano local é permeado de vários tipos de conflitos que ficam circunscritos aos bastidores das instituições políticas, são arbitrados na esfera familiar, estão presentes nas interdições.

No segundo capítulo – Triumviratu Política & História de Família – analiso as articulações entre família e política para mostrar como alguns membros da família Arcanjo e Vasconcelos conquistaram a hegemonia política a partir de 1958 em Santana do Acaraú. Examino ainda como Arcanjos e Vasconcelos se configuraram e reconfiguraram ao longo dos últimos cinquenta anos, estabelecendo uma forma particular de gerir os conflitos políticos locais.

No terceiro capítulo trato das eleições municipais de 2008. Neste capítulo, acompanho *in loco* o dia-a-dia do mês de campanha eleitoral que antecede a votação. Participando de comícios, carreatas, reuniões e rituais e comensalidade, procuro compreender de que forma os conflitos são ritualizados no “tempo da política”.

No quarto capítulo e último capítulo, examino duas ocasiões *sui generis* em que a política, na maneira como é concebida pelos santanenses, subverteu o cotidiano local. Neste capítulo, analiso ainda como operam os rituais que abrem e encerram o tempo da política, procurando mostrar que nem sempre o “tempo da política” equivale necessariamente ao período estabelecido pela justiça eleitoral.

2. NOTAS SOBRE O COTIDIANO DE SANTANA DO ACARAÚ

Segundo o dicionário Aurélio (1999), o cotidiano é aquilo que se faz ou sucede todos os dias. Destarte, o cotidiano estaria restrito às atividades diárias que realizamos habitualmente, à rotina, à monotonia, ou seja, ao que se passa quando nada parece passar. Entretanto, instigados por essa aparente imobilidade, vários cientistas sociais enxergaram no cotidiano um fecundo objeto de estudo.

Bronislaw Malinowski (1978) em sua etnografia - *Argonautas do Pacífico Ocidental* - destacou a importância do pesquisador de campo analisar com igual seriedade todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e corriqueiros da vida cotidiana. Ao lado dos eventos não cotidianos, tais como as cerimônias, os rituais e festividades, o autor sublinha a necessidade do etnógrafo de atentar para os pequenos incidentes comuns, os eventos corriqueiros do dia a dia, daquilo que Malinowski denominou como “imponderáveis da vida real”

A rotina de trabalho diário; os detalhes de seus cuidados corporais; o modo como prepara a comida e se alimenta; o tom das conversas e da vida social ao redor das fogueiras; a existência de hostilidade ou de fortes laços de amizade, as simpatias ou aversões momentâneas entre as pessoas; a maneira sutil, porém inconfundível, como a vaidade e a ambição pessoal refletem no comportamento de um indivíduo e nas reações emocionais daqueles que os cercam (MALINOWSKI, 1978, p. 29).

De acordo com Malinowski (1978, p.30), os “imponderáveis da vida real” presentes no cotidiano são parte integrante da essência da vida grupal, neles estão entrelaçados os numerosos fios que vinculam a família, o clã, a aldeia e a tribo.

Já Simmel (2004a, 2004b) partiu de eventos triviais, tal como fez ao analisar o dinheiro, a moda, o segredo, a aventura ou o dia-a-dia nas grandes metrópoles para compreender a sociedade ocidental. E. Goffman (2002) com esteio em microanálises das interações face-a-face estabelecidas na vida de todos os dias, examina o caráter performático da vida social. Peter Berger e Thomas Luckmann (2004), por sua vez, estudaram a construção da realidade social a partir do conhecimento da vida diária. Lefebvre (1968 e 1991), inspirado no marxismo, desenvolveu uma fecunda análise sobre a hegemonia da ideologia burguesa no cotidiano. E foi a partir das reflexões de Lefebvre, que Martins (2008) chamou a atenção para a historicidade e tensões que permeiam a vida cotidiana. Segundo este autor, a noção de vida cotidiana não pode ser reduzida aos usos e costumes, nem circunscrita à esfera privada, mas deve ser pensada a partir da articulação entre os espaços públicos e privados.

Segundo Agnes Heller (2008, p.33) o homem já nasce inserido no cotidiano. O seu amadurecimento social significa que o indivíduo adquiriu todas as habilidades essenciais para a vida cotidiana numa determinada da sociedade e classe social. Para a autora é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

Agnes Heller (2008) ainda destaca que o conteúdo e a significação da vida cotidiana são predominantemente heterogêneos; São partes orgânicas da vida cotidiana; a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o

descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. Além disso, vida cotidiana é também hierárquica. Tal hierarquia se altera em função das diferentes estruturas econômico-sociais. Dependendo do contexto histórico-social um elemento pode se destacar perante os outros fazendo que a vida cotidiana se estruture a partir dessa atividade.

Michel de Certeau (1996), ao privilegiar as “criações anônimas” e “perecíveis” presentes no dia-a-dia, já havia chamado a atenção para o fato de que o cotidiano não é só feito de rotina, conformismo e passividade. Machado Pais (2007) por sua vez, argumenta que que é justamente nos aspectos frívolos e anedóticos da vida social, no “nada de novo” do cotidiano que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria ruptura. Conforme Pais,

[...] a ideia de rotina é próxima a de quotidianidade e expressa o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso a práticas constantemente adversas à inovação. É certo que, considerado do ponto de vista da sua regularidade, normatividade e repetitividade, o quotidiano manifesta-se como um campo de ritualidades. A rotina é, aliás, um elemento básico das actividades sociais do dia a dia. No «conhecimento prático» ou «quotidiano» a rotina aparece como uma espécie de «cunha» entre ações «inconscientes» (tomada a expressão no seu corrente sentido psicológico) e aquelas que são levadas a cabo de uma forma deliberadamente consciente. Nesse sentido, o conceito de rotinização reporta-se à prevalência de determinadas formas de conduta sustentadas por uma «segurança ontológica», isto é, por uma confiança ou certeza de que a realidade é o que ela aparenta ser (PAIS, 2007, p.30-31).

Para Pais (2007, p.32), “as rotas do quotidiano são caminhos denunciadores dos múltiplos meandros da vida social que escapam aos itinerários ou caminhos abstractos que algumas teorias sociológicas projetam sobre o social”. Assim sendo, a proposta deste capítulo é, a partir de elementos micro e

macroestruturais, seguir algumas das rotas do cotidiano de Santana do Acaraú com o objetivo de explorar detalhes da vida social local, especificamente o papel dos conflitos e das relações entre tempo e espaço nas interações sociais⁴. Em última instância, sabemos que o cotidiano não é uma parcela isolável do social, mas podemos tomar, para fins metodológicos, alguns dos seus aspectos como um contraponto ideal-típico aos eventos especiais não cotidianos estudados nos capítulos seguintes (WEBER, 2000).

2.1 A VIDA DE TODOS OS DIAS

Quem chega à sede de Santana do Acaraú pela primeira vez logo nota o ar bucólico deste pequeno município localizado no norte do Ceará. Seu casario antigo, com ruas largas e arborizadas, calçamento de paralelepípedos e igreja branca, às margens do rio Acaraú, lembram o cenário fictício de alguma das obras de Dias Gomes⁵.

O município faz parte da região Norte do Estado do Ceará, fica a 262 km de Fortaleza. Além da sede, está dividido em nove distritos: Mutambeiras, Parapuri, João Cordeiro, Sapó, Bahia, Baixa Fria, Barro Preto,

⁴ Segundo Giddens (2006) os aspectos micro e macroestruturais da vida social estão intimamente ligados. Se por um lado a análise das interações sociais diretas é essencial para iluminar padrões institucionais mais abrangentes, por outro, as maneiras que as pessoas vivem seu cotidiano são muito influenciadas pelos elementos macroestruturais.

⁵ Refiro-me aqui a peça *O Berço do Herói e O Bem Amado*. Entretanto, de fato, Santana do Acaraú foi palco de um filme – *A Saga do Guerreiro Alumioso* – dirigido por Rosemberg Cariry.

Serrote e Bonfim⁶. A extensão territorial da sede, além de bairros residenciais, também engloba paisagens rurais.

Figura 1 – Espaços de Santana do Acaraú



Em Santana do Acaraú o ciclo de atividades diárias da população local difere muito dos grandes centros urbanos industriais. Nesse município, concomitantemente com a regulação temporal baseada no tempo do relógio, o ritmo temporal da natureza também influencia diretamente o cotidiano local, fazendo com que a sede do município conserve ares tipicamente rurais. Tal fato é endossado pelo crescente número de moradores provenientes de áreas rurais que, ao migrarem para os bairros “periféricos” da sede do município nas últimas décadas, trouxeram consigo seus modos de vida. Atualmente, cerca de onze mil

⁶ Ver mapa em Anexo I.

pessoas habitam a sede. Entretanto, um número expressivo (49%) da população total de 29.977 vive na zona rural⁷.

Muitas vezes, ainda durante o percurso da única linha de ônibus que leva passageiros da capital cearense diretamente a Santana do Acaraú, ou ainda nos primeiros dias de estadia, o visitante é confrontado pela população local com questões recorrentes: “você é parente de quem?”, “Qual é sua família?”.

Os santanenses, especialmente os idosos, dominam verdadeiros mapas de localização social formulados a partir do “parentesco”. Aliás, a posse do conhecimento sobre tais códigos é algo muito prestigiado localmente. Por intermédio dessas questões, muitas vezes colocadas “despropositadamente” a quem é de fora, eles são capazes de inferir direta ou indiretamente sobre o prestígio e reputação de alguém através dos vínculos que essa pessoa possua com as famílias locais ou por meio do círculo de amizades que o visitante porventura possua no município.

Destarte, é muito difícil para o visitante passar despercebido por Santana do Acaraú. E para um pesquisador que tem por ofício observar e interpretar, pude perceber que naquele município o “feitiço vira contra o feiticeiro”. A impressão é a de que, mesmo que “desinteressadamente”, sempre somos observados, especialmente ao final da tarde, quando um grande número de santanenses colocam habitualmente suas cadeiras nas calçadas para conversar e observar os transeuntes.

Em Santana do Acaraú a calçada é um daqueles espaços complexos, limítrofes, descritos por Damatta (1986, 1997b) na interação complementar entre a casa e a rua. O autor toma a casa e a rua não

⁷ Segundo dados Censo 2010 da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

simplesmente como espaços físicos, mas também morais. Na gramática espacial local, a calçada não é totalmente casa, nem completamente rua. É um espaço permanentemente ocupado por alguns membros da família, por amigos e vizinhos, que serve de ponte entre o interior e o exterior da casa. O hábito de colocar as cadeiras nas calçadas funciona como uma rede de informações que difunde notícias com bastante velocidade. Por meio dos fragmentos de informações compartilhados com outros moradores, os santanenses são capazes de identificar quem é de “fora”, de estabelecer conexões entre o visitante e outros moradores locais, de deduzir os objetivos da estadia daquele estranho⁸.

Figura 2 – Cenas do cotidiano



⁸ Caso de natureza semelhante foi descrito por Comerford (2003) em sua pesquisa de campo na Zona da Mata em Minas Gerais.

Todavia, tal mecanismo não se destina exclusivamente a localizar socialmente quem é de fora. Aliás, só secundariamente funciona nesse sentido. Essas redes de informação se debruçam preferencialmente sobre a reputação dos membros da própria comunidade (BAILEY, 1971). Nesse mesmo sentido, Norbert Elias e Scotson em *Estabelecidos e outsiders* (2000) chamaram a atenção para a importância sociológica da fofoca para compreender os conflitos e as relações de poder em pequenas comunidades. No estudo etnográfico sobre Winston Parva (nome fictício adotado pelos autores) as redes de fofocas foram definidas como “informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.121). No caso por eles estudado, os autores ainda destacaram duas tipologias: a *fofoca elogiosa (pride gossip)*, empregada pelos moradores da “aldeia” para afirmar a sua superioridade social; e a *fofoca depreciativa (blame gossip)*, dirigida aos membros do loteamento, com intuito de estigmatizar os habitantes daquele bairro.

Os dados etnográficos analisados por Comerford (2003) sobre o sindicalismo de trabalhadores rurais na região da Zona da Mata mineira demonstram de que forma a “fofoca” manifesta-se nas relações sociais cotidianas como um tipo de “sociabilidade agonística” onde a família é a unidade social básica estruturando as demais relações sociais.

Partindo do conceito de *luta simbólica* desenvolvido por Bourdieu (2004a, p.174), Comerford examina como as qualidades e diferenças pessoais e familiares são apropriadas por um grupo de moradores com intuito de construir e impor interpretações, desqualificando as interpretações concorrentes e seus emissores. De acordo com Comerford

Os acontecimentos cotidianos são sempre acontecimentos no plano das famílias e de suas relações, ou seja, em alguma medida, sempre dizem algo sobre as qualidades e fraquezas de cada família e sobre a qualidade das relações entre elas no momento a que se refere a narrativa, mesmo que estejam, [...] se referindo diretamente apenas a uma pessoa, e não a toda uma família, já que as pessoas e suas famílias a princípio assumem posições solidárias e compartilham qualidades (COMERFORD, 2003, p.33).

Semelhantemente em Santana do Acaraú as reputações individuais e familiares também estão imbricadas e é sobre a relação (indivíduo/família) que as fofocas se debruçam para tornar público os pequenos conflitos que permeiam o cotidiano local. Desta forma, pessoas e grupos familiares são estigmatizados ou tem afirmada a sua superioridade social em relação aos seus desafetos.

O aparente sossego que predomina no dia-a-dia de Santana do Acaraú encobre em seus bastidores uma série de conflitos. Como sabemos, toda estrutura social e política comportam algum grau de conflito e violência. Contudo, o aparato jurídico estatal, a família e a vizinhança exercem constrangimentos sobre os conflitos individuais. Por exemplo, os desentendimentos entre vizinhos, amigos e parentes, as brigas passionais – que têm como pano de fundo o álcool e a infidelidade conjugal – são os tipos mais corriqueiros de conflitos encontrados no município. Entretanto, só em última instância as autoridades policiais locais são acionadas para solucionar tais desavenças.

Conforme Damatta (1989), o universo familiar brasileiro é pensado a partir do signo da união e da harmonia. Desta forma, o comércio e a política são moralmente excluídos desses espaços.

[...] as discussões políticas, que revelam e indicam posições individualizadas e quase sempre discordantes dos membros de uma família, estão banidas da mesa e das salas íntimas, sobretudo dos quartos. Se elas são inevitáveis, transcorrem certamente nas varandas e quintais, locais marginais da casa,

posto que situados entre o seu interior (cujo calor revela a igualdade de substância e de opiniões das pessoas que ali residem) e a rua: o mundo exterior que se mede pela “luta”, pela competição e pelo anonimato cruel de individualidades e individualismos (DAMATTA, 1986, p.19).

Os conflitos existem, contudo, uma parte significativa desses conflitos individuais quase sempre fica circunscrita e são arbitradas na esfera familiar. A falta de visibilidade desses eventos dificulta ao pesquisador identificar as principais clivagens que marcam o cotidiano local. Nesse sentido, as fofocas se revelaram uma importante via de acesso aos conflitos. Por meio delas, os santanenses deixam transparecer aquilo que fica reservado aos bastidores das casas e famílias dos seus vizinhos, amigos e parentes. Apesar de se debruçar ludicamente sobre os conflitos alheios, as fofocas estão carregadas de preceitos morais, nelas predominam uma visão de que o dia-a-dia local deveria ser predominantemente consensual.

Outro aspecto que vale a pena destacar é que, como em muitas outras cidades do interior brasileiro, em Santana do Acaraú o espaço e a ordem social se confundem. Segundo Damatta (1997b, p.30), nesses locais “[...] o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado ou ‘embebido’ [...] em outros valores que servem para orientação geral”. Para Simmel (1977, p.644), o espaço por si só é uma forma destituída de significados, são apropriações que os atores sociais fazem dele que lhe atribuem um significado sociológico. Ou seja, para compreendermos como o espaço é pensado e apropriado, temos que atentar para os valores e as redes de relações sociais locais. Com efeito, é nesse sentido que podemos pensar a localização espacial em Santana do Acaraú como

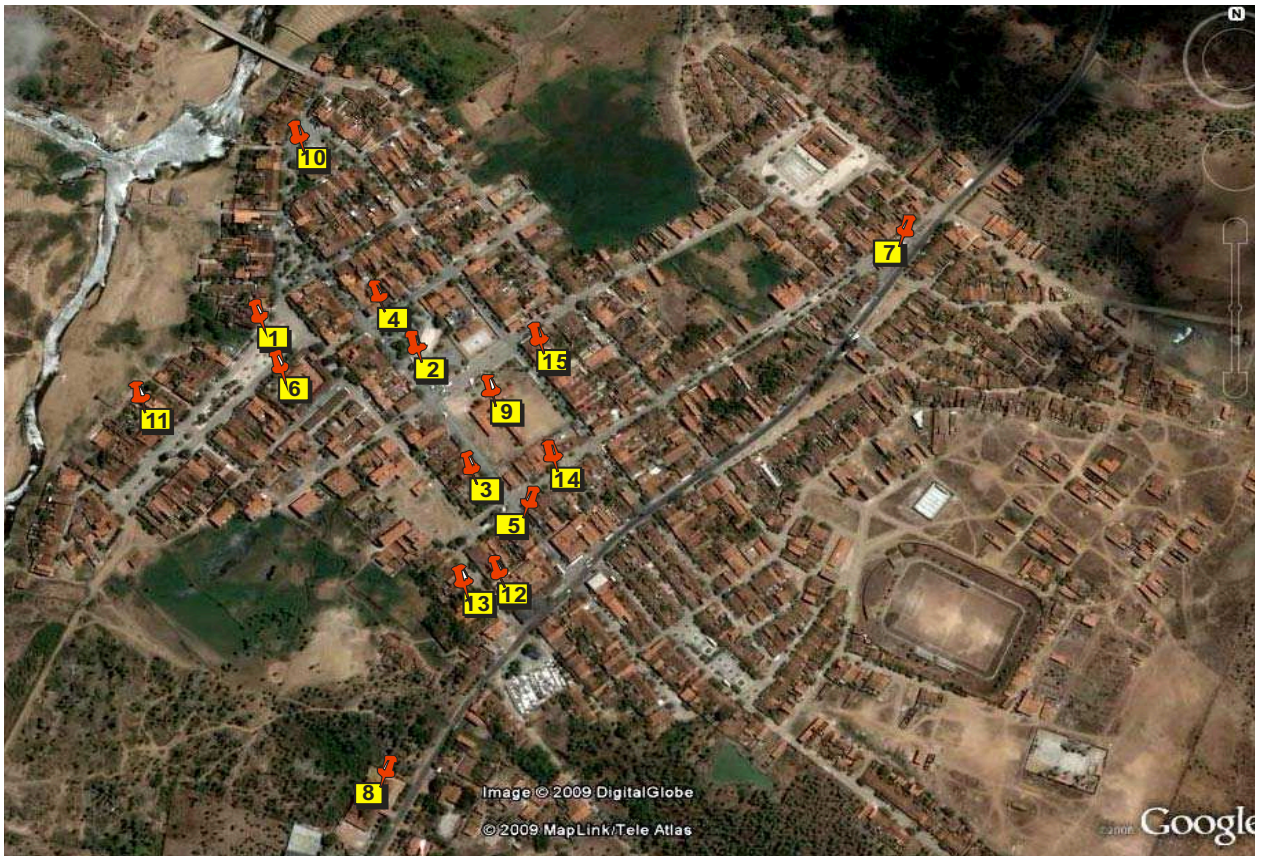
personalizada. Os moradores do distrito do Sapó, por exemplo, não são apenas identificados pela localização geográfica do espaço onde residem, mas pela estreita relação daquela comunidade com uma das facções políticas de Santana do Acaraú. Os espaços personalizados denotam reputações, hierarquias, distinções e clivagens.

Na sede do município, o “centro” e a “periferia” também não podem ser deduzidos exclusivamente a partir de critérios geográficos. Apesar da proximidade física desses espaços, existem enormes distâncias sociais que os separam. De acordo com Shils (1996), o centro, ou zona central, é um fenômeno que pertence à esfera dos valores e das crenças.

A zona central não é em si um fenômeno localizado no espaço. Possui quase sempre uma localização mais ou menos definida no interior de território delimitado em que a sociedade vive. No entanto, sua centralidade nada tem a ver com a geometria e pouco tem a ver com a geografia (SHILS, 1996, p.53).

Mesmo no campo da política, o centro de poder não se encontra permanentemente fixo na sede do município, mas também nas fazendas onde os políticos que governam ou já governaram Santana do Acaraú são facilmente localizados. Nesse contexto, o prefeito ou o chefe político representam simbolicamente o centro do poder da comunidade política, o “exercício efetivo da autoridade” emana dessas figuras e o poder se descola juntamente com eles. O centro se encontra onde eles estão (SHILS, 1996).

Mapa 1 – Mapa Cotidiano



Fonte: Google Earth - Image c 2009 DigitalGlobe c2009 MapLink/Tele Atlas

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1 Praça São João | 9 Colégio Nazar é Severiano |
| 2 Clube Alcione | 10 Igreja |
| 3 Cadeia | 11 Prefeitura |
| 4 Praça do Congresso | 12 Antiga Maternidade Escola |
| 5 Banco do Brasil | 13 Casa de José de Arcaujo |
| 6 Mercado Municipal | 14 Câmara |
| 7 Posto Famol / Estátua de Chagas | 15 Casa de Chagas Vasconcelos |
| 8 Colégio Santanense | |

Foi nesse cenário que desembarquei pela primeira vez em Santana do Acaraú, em novembro de 2002, quando a convite da professora Irllys Barreira, ingressei no projeto de pesquisa *Gestão Municipal e Formas de Participação Popular*⁹. Inicialmente, me identifiquei como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, e aos poucos passei a ser identificado por muitas pessoas como o “rapaz da UFC que pesquisa o Conselhão”. Desta forma, frequentemente me associavam aos agricultores da zona rural e aos moradores dos bairros “periféricos” que frequentavam tal fórum.

Com o tempo, muitas pessoas passaram a me tratar pelo primeiro nome, outras se limitavam a me chamar de “professor”, ainda em outros casos eu era visto como “o rapaz da UFC que estava escrevendo um livro sobre a história de Santana”. Aos poucos, minhas atitudes, e as diferentes interpretações que os santanenses faziam delas, construíram o meu lugar no mapa de navegação social daquele município.

Claro que tal identificação escapou do controle que pretendia exercer sobre ela. Desta forma, mesmo munido de cartas de apresentação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – instituição que é muito prestigiada localmente – muitas vezes tal identificação passou por zonas de incertezas e opacidade sobre o meu real papel naquele lugar.

A esse respeito posso citar o fato de que nos primeiros dias da minha estadia durante o período eleitoral de 2008, quando fui confundido por

⁹ Este projeto de pesquisa foi dirigido pelo NuAP, coordenado nacionalmente por Moacir G. S. Palmeira e Beatriz A. de Heredia. No Ceará, foi coordenado pelas professoras Maria Auxiliadora Lemenhe e Irllys Alencar Firmo Barreira. Também participaram como pesquisadores de campo Lindomar Coelho e Danyelle Nilin. No Ceará, esta pesquisa contemplou três municípios: Icapuí, Santana do Acaraú e Sobral.

algumas pessoas como “delegado” ou “funcionário do TRE”. Nessas ocasiões, apesar de ter enviado cartas de apresentação para o comitê dos candidatos, e de expor pessoalmente os objetivos da minha pesquisa para os coordenadores das campanhas, não deixei de ser inicialmente fotografado e investigado por membros das duas facções políticas que disputavam o executivo local.

O estudo sobre a história política de Santana do Acaraú me levou a percorrer diversos espaços que iam de reuniões no sindicato dos trabalhadores rurais às sessões na câmara de vereadores; de encontros do “Conselhão” às missas; de festas escolares a conversas em mesas de bar. As caronas em caminhões pau-de-arrara, as visitas ao mercado municipal, a fila do banco, os bancos das praças, os estabelecimentos comerciais ou mesmo sentado em uma cadeira na calçada juntamente com outros moradores locais, exercitando o olhar curioso sobre os transeuntes, me possibilitaram observar o cotidiano local a partir de diversos prismas.

Desde o ano de 2002 acompanhei intermitentemente o dia-a-dia da sede de Santana do Acaraú – em determinados momentos por meio de visitas esporádicas, em outros, com estadias que variaram de algumas semanas até um mês. A partir dessas observações, notei que algumas práticas marcam o cotidiano local. Na sede, por exemplo, pela manhã, o fluxo de pessoas é intenso. Vale ressaltar que, se por um lado, especialmente nas manhãs de quarta-feira, sexta e sábado, a todo momento chegam pessoas provenientes da zona rural em caminhões pau-de-arara, carros, motos, bicicletas entre outros, a fim de fazer compras e realizar pequenos negócios na feira de rua, no mercado municipal e no comércio local, por outro, muitos santanenses partem diariamente para o município de Sobral com intuito de trabalhar, estudar ou fazer compras.

O perfil econômico do norte cearense está fortemente associado ao município de Sobral, que é a economia mais dinâmica da região. Assim como em outros municípios circunvizinhos, tal hegemonia repercute política, cultural e economicamente em Santana do Acaraú.

Nos anos cinquenta do século XX, o algodão e a carnaúba foram as principais atividades econômicas do município. Naquele período, ascendeu uma nova elite econômica ligada às profissões liberais e a exportação de produtos agrícolas. Uma parte significativa do parque arquitetônico da sede do município foi edificada nessa época. Clubes literários, jornais, banda de música municipal, teatro, clubes sociais, associações filantrópicas foram algumas das expressões da pujança dessa elite local que, a partir do final da década de cinquenta daquele século, passou a dominar a política local.

A após a seca de 1958, e com a substituição da cera de carnaúba por produtos sintéticos no mercado internacional e a crise na produção do algodão no Ceará, o município foi perdendo importância econômica na região norte cearense e gradativamente passando a depender cada vez mais das verbas públicas – administradas pela prefeitura – e dos repasses do Estado e da União¹⁰.

Atualmente, a produção agrícola de Santana concentra-se no plantio de milho, feijão, arroz e mandioca. Todavia, nas últimas décadas, o setor agrícola vem perdendo produtividade, que é um fato alarmante, já que quase metade da população local reside e trabalha em áreas rurais¹¹. Vale destacar que a

¹⁰ Antes de ser substituída por produtos sintéticos, a cera da carnaúba, também conhecida como “rainha das ceras”, foi um insumo utilizado em larga escala na produção de componentes eletrônicos, na indústria farmacêutica e de cosméticos. Atualmente, os santanenses aproveitam apenas as folhas da carnaubeira para fabricação de utensílios de palha.

¹¹ Em 2004, quando o Produto Interno Bruto (PIB) local era de R\$ 43.877,24 milhões, o setor industrial correspondia a 10,91% desse montante, já o setor de serviço correspondia a 58,84% e a agropecuária 30,25%.

concentração fundiária do município é bastante elevada¹² e que a maior parte da população com rendimentos recebe até dois salários mínimos. Apenas 1% da população recebe mais que dez salários mínimos¹³.

Na década de noventa do século passado as ligações entre políticos sobralenses, de uma mesma facção, em várias instâncias de governo, resultou na elaboração de políticas públicas que tinham como principal mecanismo a “Guerra Fiscal” que foi levada a cabo pelo então “Governo das Mudanças” do qual fazia parte Ciro Gomes – principal chefe político de Sobral.

A mão de obra barata e a isenção do ICMS por cinco, dez ou quinze anos atraíram muitas indústrias para o Nordeste. O município de Sobral foi um dos que mais recebeu tais investimentos no Ceará. O principal deles foi a implantação da indústria de calçados Grendene que, desde 1971, estava sediada em Farroupilha, no interior do Rio Grande do Sul, e durante a década de 1990 transferiu a maior parte do seu parque industrial para Sobral. Das treze unidades fabris da Grendene, atualmente sete estão localizadas em Sobral.

Muitas pessoas que residem em Santana do Acaraú possuem empregos no município de Sobral. Dois ônibus da Grendene transportam trabalhadores santanenses para aquele município. Além disso, cerca de quinze “topiques” deslocam regularmente moradores locais para fazer compras e trabalhar em Sobral, e a União dos Universitários de Santana do Acaraú translada alunos universitários para a Universidade Vale do Acaraú (UVA) com sede naquele município.

Em 2005, numa tentativa de amenizar a atração que Sobral exerce sobre a economia da região, o Fórum dos Assentados de Santana do Acaraú,

¹² Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA (1999).

¹³ Segundo dados da RAIS (2002)

formado por treze assentamentos e novecentas famílias, juntamente com o Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária – INCRA, criou o Banco Solidário de Santana do Acaraú – BASSA. Tal proposta pretendia, a partir da circulação de uma moeda social, “SANTANA”, trabalhar com economia solidária, incentivando a comercialização dos produtos dentro do município para dessa forma gerar emprego e renda localmente¹⁴. Entretanto, tal iniciativa não logrou êxito.

Não há grandes nem médias indústrias em Santana. O que existe são pequenos comércios e unidades prestadoras de serviços que não possuem registro formal e que empregam predominantemente pessoas de uma mesma família. A confecção de artigos de palha, por exemplo, absorve a mão de obra de habitantes de bairros “periféricos” do município, entretanto, sem nenhum vínculo formal e com uma produção de baixo valor agregado.

Atualmente, os serviços financeiros, tais como pagamento de contas, recebimentos de salários e benefícios sociais são realizados na agência do Banco do Brasil e na casa lotérica local. Tal fato faz desses locais pontos de encontro dos santanenses todo início de mês.

Vale destacar a importância que o pagamento dos benefícios sociais tem na economia local. Não é por acaso que, justamente no começo do mês, nos dias de pagamento dos benefícios sociais e dos salários dos funcionários públicos, a sede do município fica mais movimentada.

¹⁴ O BASSA surgiu a partir da experiência do Banco Palmas que existe no Conjunto Palmeiras em Fortaleza – CE desde 1990.

Figura 3 – O pagamento dos benefícios sociais e o salário do funcionalismo público movimentam o comércio local no começo de cada mês.



Como em muitos municípios do interior brasileiro, a economia de Santana do Acaraú depende significativamente de recursos oriundos de transferências governamentais, tais como programas de renda mínima, bolsa família e aposentadoria de trabalhadores rurais, pensões, seguro desemprego, frentes de trabalho etc. Recursos esses que, em algum momento, são mediados por pessoas pertencentes a instituições reconhecidas pelos habitantes locais como “políticos”, tais como dirigentes do Sindicato de Trabalhadores Rurais ligados a partidos políticos, vereadores, secretários do executivo local entre outros.

As outras fontes de renda do município são os empregos formais no setor privado e no serviço público. Todavia, a maior parcela desses empregos formais está ligada diretamente à prefeitura municipal¹⁵.

Entretanto, mesmo os empregos gerados no setor de serviços, no comércio e nas poucas e pequenas indústrias locais dependem quase que exclusivamente da renda gerada pelas transferências governamentais e da renda originada pelos empregos na prefeitura. As próprias compras que a prefeitura realiza no comércio local desempenham um papel importantíssimo na economia do município. As atividades ligadas direta ou indiretamente ao universo da “política” têm um peso econômico mais significativo para muitos santanenses do que em municípios que possuem um setor privado economicamente mais dinâmico.

Em Santana do Acaraú não observei uma separação nítida entre atores públicos e privados, ou em relação à elite política e à econômica. Esses segmentos estão estreitamente ligados por laços de parentesco e amizade e envolvidos diretamente em conflitos acerca da alocação de bens e recursos materiais e simbólicos (BOURDIEU, 2004a).

O porte da economia local, para se ter uma idéia aproximada, possibilita cenas inusitadas para quem está acostumado com o ritmo dos grandes centros urbanos brasileiros. Nos dias de semana, por volta das doze horas, uma parte significativa das pessoas que circula na sede do município retorna à zona rural. A prefeitura e suas secretarias encerram as atividades às treze horas. O comércio local fecha totalmente, e os moradores da zona urbana se recolhem

¹⁵ Segundo dados da Secretaria de Finanças da Prefeitura de Santana do Acaraú, em março de 2007, o poder executivo local empregava 1.274 funcionários. Deste montante, 39% estão locados em postos de trabalhos ligados à área de educação, e 11% ligados à área de saúde.

para suas casas. Tal período, que corresponde ao horário de calor mais intenso, as ruas ficam completamente vazias.

É somente a partir das quatorze horas, quando a temperatura se torna um pouco mais amena, que o comércio local aos poucos reabre. Entretanto, a movimentação na sede do município é bem menor do que pela manhã. Já no final da tarde é comum ver famílias inteiras sentadas em cadeiras na frente das suas residências conversando e observando os transeuntes.

Todavia, mesmo nesse cenário, existem diferentes notações de tempo¹⁶ que são geradas por diferentes situações de trabalho. O ritmo temporal da sede do município descrito acima só é possível porque os estabelecimentos de serviço e comércio em Santana do Acaraú empregam quase sempre membros familiares, o que faz com que ocorra pouca separação entre “trabalho” e a “vida” cotidiana. Em muito destes casos, “as relações sociais e o trabalho são imbricadas – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e ‘passar do dia’” (THOMPSON, 1998, p.271-272).

Já para os santanenses que trabalham formalmente registrados nas grandes indústrias e no comércio em Sobral, o ritmo é marcado pelo livro de ponto, onde se registra exatamente o horário de entrada e saída diária do trabalhador. Por outro lado, para os agricultores o clima é o principal marco temporal, cotidianamente marcado pela alvorada e pelo anoitecer. No ciclo anual, o “tempo das chuvas” ou “período invernos” é inferido através da observação da natureza. Tal costume define o momento adequado para o plantio e as expectativas da colheita.

¹⁶ A respeito das relações entre espaço-tempo ver os trabalhos de Elias (1998) e Carmo (2006).

Na sede, o som quase diário das badaladas do sino da igreja matriz convocando os fiéis para a missa das sete horas sinaliza o início da noite. Período também marcado pela chegada das últimas “topiques” que regressam de Sobral, e pela chegada dos estudantes secundaristas das escolas públicas em caminhões pau-de-arara.

Tal rotina altera-se anualmente no “tempo do carnaval” e no “tempo dos festejos”. Este último, além das festas juninas, engloba também a festa da padroeira local (Sant’Ana), em julho e a festa de emancipação política de Santana do Acaraú, no início de novembro, que é realizada conjuntamente com a Feira Municipal de Santana do Acaraú – FEMUSA, em que, além da comercialização da produção local, exhibe também diversas manifestações culturais.

O recesso escolar no meio do ano coincide justamente com os festejos do mês de junho. Nessa ocasião, muitos jovens santanenses que estudam nos colégios e universidades na capital cearense regressam temporariamente ao município. O mesmo ocorre com muitas famílias santanenses que residem em Fortaleza e outras cidades cearenses, mas mantêm residências em Santana do Acaraú.

Um grande número de santanenses enaltecem o cotidiano no município, destacando Santana do Acaraú como um lugar “calmo”, “pacato”, “tranquilo”, “sossegado”. Entretanto, muitos jovens atribuem outras conotações ao mesmo cenário; “Santana é um lugar muito parado”, “sem movimento”, “sem oportunidades”.

Grosso modo o cotidiano de Santana do Acaraú é marcado por esses eventos. Evidente que em última instância é difícil traçar uma linha divisória rigorosa, rígida e definitiva entre o comportamento cotidiano e o não

cotidiano. Como sublinha Agnes Heller (2008), a vida cotidiana é heterogênea, solicita as nossas capacidades em várias direções. De acordo com Heller,

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos: por isso não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p.31).

No sentido oposto, Agnes Heller explica que um tipo de “ruptura” com a vida cotidiana pode ocorrer através de situações homogeneizantes. Em tais circunstâncias toda a atenção é focada sobre uma única questão e qualquer outra atividade é momentaneamente “suspensa” enquanto empregaremos nossa inteira individualidade humana na resolução de determinada tarefa (HELLER, 2008, p.44).

Emprestar tais argumentos para pensar situações distintas das analisadas por Agnes Heller (2008) apresenta certas limitações, contudo, tal exercício também pode se revelar um artifício bastante fecundo. Deste modo, em Santana do Acaraú, de dois em dois anos, o cenário cotidiano do município muda significativamente num tipo de evento com características homogeneizantes. Trata-se do que os moradores locais denominam de “tempo da política”.

Como já assinali na introdução, a representação recorrente da atividade política em Santana do Acaraú é circunscrita ao período eleitoral.

Destarte, assim como em muitos municípios brasileiros, no dia-a-dia de grande parte da população santanense a política é uma atividade quase imperceptível. Frequentemente os santanenses associam a política aos “políticos profissionais” – *homo politicus* –, indivíduos que, por conta da crescente profissionalização da política, fazem desta atividade sua principal profissão. Nos termos de Bourdieu (2004a), os profissionais da política seriam aqueles que vivem da e para a política, como é o caso das pessoas que atuam na direção dos partidos, dos parlamentares e membros do executivo, bem como diferentes tipos de profissionais que prestam assessorias aos mandatos dos políticos.

Em Santana do Acaraú, a política também é recorrentemente associada aos bastidores da administração pública (acordos, conchavos, negociatas, favores) em suas diferentes esferas (municipal, estadual, federal). Tal associação é marcada fortemente pelo descrédito que os políticos e seus partidos têm perante a opinião pública ocasionados pelos inúmeros casos de corrupção, nepotismo e malversação dos recursos públicos que ganharam mais publicidade nas últimas décadas.¹⁷

Assim sendo, no dia-a-dia a política é um assunto tratado com reserva e desconfiança por uma expressiva parte da população local, pois é associado à divisão, ao conflito, à competição e às intrigas. É neste sentido que repetidas vezes os santanenses empregam no cotidiano os provérbios: “político

¹⁷ Os meios de comunicação destacam quase sempre aspectos depreciativos da atuação dos nossos políticos, especialmente dos congressistas, o que de certa forma reforça ainda mais a imagem da política como algo externo ao cotidiano de grande parte dos brasileiros. A pesquisa do Ibope Opinião publicada em janeiro de 2007 sobre o que os brasileiros pensam dos congressistas (deputados federais e senadores) é exemplar nesse sentido. O Ibope apontou que apenas 3% das pessoas ouvidas acreditavam que os parlamentares representavam e defendiam os interesses da sociedade, 84% dos entrevistados achavam que esses políticos trabalham pouco e, 52% acreditavam que não passa de 10% o número de bons congressistas. Nossos parlamentares foram qualificados como: desonestos (55%); insensíveis aos interesses da sociedade (52%); e mentirosos (49%).

só aparece no tempo da política”, “política não se discute” ou ainda, “aqui não é lugar de política”, se referindo ao universo familiar¹⁸.

Por outro lado, a política também é vista como um mundo dos iniciados. Nos termos de Kuschnir (2000), o político-mediador detém *acessos*, um bem extraordinário, fora do alcance das demais pessoas, que possibilita captar e mobilizar recursos públicos e privados para depois redistribuí-los em forma de bens e serviços públicos para sua clientela. Entretanto, na ótica da população, a atuação dos políticos no decorrer do mandato junto a sua “base eleitoral” não é interpretada como uma ação política.

Nessa mesma direção Palmeira (2006, p.139-140), afirma que o mundo da política é visto como algo “pouco conhecido”, “de fora” e identificado a uma entidade de difícil definição: o “governo”, espaço reservado a “pessoas de conhecimento”, que, ao mesmo tempo, sabem “onde estão as coisas”, conhecem as leis, são conhecidos e têm conhecidos em vários lugares. Os políticos são identificados como proprietários de um saber-fazer que os diferencia das demais pessoas e os capacitam a gerir conflitos de toda espécie.

Com o intuito de mudar essas impressões que os santanenses têm sobre o mundo da política, durante a década de 1990, especialmente nas três gestões do PSB (1989-2002), uma assessoria municipalista desenvolveu um projeto de incentivo à participação popular buscando ressignificar a ideia de “política” através do *Método de Administração Concreta – Metac*, elaborado pelos municipalistas Américo Barreira, Francisco Guedes Barros e José Guedes Barros.

¹⁸ Goldman (2006) identifica um fenômeno semelhante ao analisar as relações ambíguas de membros do movimento afro em Ilhéus – BA, em relação à política. Se por um lado tal grupo almejava ser representado por um dos seus membros na câmara de vereadores, por outro, receavam de que tal inserção no mundo da política intensificasse as relações assimétricas no interior de grupos e famílias daquela localidade.

A principal diretriz do *Metac* era ressignificar a noção de administração pública de uma imagem de saber especializado, própria dos “políticos profissionais”, para um tipo de linguagem a que todos podiam ter acesso. O método foi direcionado especificamente para realidade camponesa:

“Administrar”, palavra bonita que “dotô”, prefeito e vereador usam, é o mesmo que “tomar de conta”, nada mais, nada menos que isto! Não precisa ser prefeito para administrar (ou tomar de conta), pois todos nós administramos (tomamos de conta). A Dona de casa administra a casa (toma de conta). O Agricultor administra o roçado (toma de conta). O Comerciante administra a mercearia (toma de conta), e os cidadãos, quando Prefeito e Vereadores, administram o Município (tomam de conta), principalmente da “porta pra fora” da nossa casa, da nossa roça, da nossa mercearia! (...) É por isso que a gente manda algumas pessoas dentre nós mesmos (elegendo prefeito e vereadores) para administrarem o que é “público”, que serve a todos nós (as ruas, praças, mercados, escolas, a merenda escolar, limpeza pública, esgotos, iluminação e muito mais). É preciso entender, inicialmente, que a gente, com o nosso consentimento, com a nossa escolha, com o nosso voto, é quem manda que alguns dentre nós entrem na vida pública! (GUEDES, 2001, p.4)

Pra começar, muitos metidos a “doutores”, se dizendo mais sabidos que nós, “enrolam a língua” pra ninguém entender nada e não poder dar palpite (e ainda admirados: “ô cabra sabido, nem parece nós!”). Falam difícil e complicado (e o diabo é que muita gente ainda acha isso bonito, mesmo que não entenda o que foi dito!). Muitos até não fazem por mal, mas o resultado é o mesmo: ninguém entende nada e fica tudo como ta! (GUEDES, 2001, p.8)

Por meio dessas ligações entre os princípios da administração pública e o cotidiano da população local, o *Metac* tinha por finalidade desconstruir a imagem nebulosa que o “mundo da política” carrega para o “cidadão comum”. Desta forma, a política era positivamente valorizada e inserida no cotidiano.

O fórum exerceu um papel pedagógico ao possibilitar uma arena de debate sobre as prioridades de investimentos governamentais no município. Desta forma, seus integrantes desenvolveram uma visão global sobre os

problemas de Santana e em certa medida desmistificaram o funcionamento da prefeitura, – habilidades que sinalizam para ideais democráticos. Contudo, apesar de todo esforço da equipe municipalista (que atuou no município durante cerca de dez anos), persistiu na ótica dos moradores locais a identificação da política como algo apartado do seu cotidiano e associado quase que exclusivamente às eleições (majoritárias e proporcionais) em seus diversos níveis (municipal, estadual e federal).

Segundo Palmeira e Heredia (1995), a sazonalidade da política presente nas representações e práticas sociais, ao invés de sugerir a sua falta de valor, afirma a sua importância. Segundo os autores, as eleições definem um “período” crucial no calendário. Assim como o ciclo de festas religiosas se configuram como o “tempo das festas” as eleições abrem espaço para o “tempo da política”¹⁹. Tal temporalidade representa para os moradores locais uma quebra no cotidiano. Conforme Palmeira e Heredia:

Mais do que a suspensão do cotidiano, o que temos durante o "tempo da política" é a criação de um outro cotidiano dentro do cotidiano, que não o elimina, mas interfere profundamente na sua maneira de operar. Durante esse período, as pessoas continuam a levar sua vida familiar, a trabalhar, a freqüentar cultos religiosos, etc. Mas, a partir do momento em que a linguagem política (linguagem da divisão) torna-se a linguagem autorizada, a política tende a invadir todos os domínios (mais uns que outros, pois como lembra Victor Turner, há domínios mais liminares – diríamos, "liminarizáveis" -- do que outros) obrigando-os a se redefinirem, de modo que não haja conflitos de regras (PALMEIRA e HEREDIA. 1997, p.236).

¹⁹O “tempo da política” é uma categoria nativa que vem sendo trabalhada desde as eleições de 1988 por Moacir Palmeira e Beatriz Heredia entre populações rurais em municípios de Pernambuco e do Rio Grande do Sul. .

O “tempo da política” é um período de festas, manifestado nos rituais de comensalidade, nas carreatas, nas passeatas, e nos comícios. Por outro lado, também é um período de competição, rivalidades e conflitos expressos nos novos recortes sociais que dividem pessoas que no dia-a-dia estariam aparentemente unidas por relações de parentesco, amizade e/ou vizinhança.

Numa sociedade atravessada por conflitos de toda ordem, mas que, num aparente paradoxo, tem a *união* - de que a família, a família modelar, não o grupo doméstico na sua crua realidade, é o melhor exemplo - como uma espécie de valor maior, a política, pensada sempre como algo externo às famílias e àqueles grupos sociais e atividades concebidos como lhes sendo coextensivos (grupo de vizinhos, parentelas; trabalho no roçado, negócio), é, de forma oposta, identificada à divisão (PALMEIRA e HEREDIA, 1997, p.224).

Em Santana do Acaraú do final da década de 1950 até meados dos anos 1990, as disputas políticas se confundem com a trajetória de vida de Francisco das Chagas Vasconcelos e dos seus dois primos; José Arcanjo Neto e José Ananias Vasconcelos, todos pertencentes a uma mesma família tradicional da região. Desde 1958, os conflitos políticos aconteceram entre descendentes desta mesma família, porém pertencentes a facções políticas distintas. Compreender a história política recente de Santana do Acaraú passa obrigatoriamente pela análise da trajetória de vida e da história de família desses personagens. Como tal agrupamento familiar se tornou hegemônico na política local, como os membros desse tronco familiar administraram os conflitos políticos e como eles se configuraram e reconfiguraram como facção política durante tal hegemonia é o assunto trabalhado no capítulo seguinte.

3. TRIUMVIRATU – POLÍTICA & HISTÓRIA DE FAMÍLIA

A política anula esse caráter de família, ela tem essa capacidade. Porque estabelece o amor ou o ódio, não existe meio termo, ou é o amor ou é o ódio, e eles estão ali milimetricamente próximos. Nós podemos estar aqui sendo os maiores amigos e amanhã sermos grandes adversários destilando fel um no outro. Então a política tem essa capacidade (João Ananias Vasconcelos Neto – chefe político em Santana do Acaraú).

As interações entre política e família ao longo da nossa história frequentemente instigaram os cientistas sociais que buscaram compreender as especificidades do sistema político brasileiro. Tomando como base a dominação pessoal e o poder advindo de bases familiares Freyre (2003), Holanda (1995), Leal (1997), Queiroz (1976) entre outros, analisaram a “família patriarcal brasileira” e suas repercussões sobre as instituições públicas brasileiras e chegaram a diferentes conclusões.

Em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre (2003) se debruça sobre a formação da família brasileira no regime e economia patriarcal entre os séculos XVI e XVII. Freyre identifica um sistema social, econômico e político brasileiro ancorado na escravidão, no latifúndio e no patriarcado rural. Já Sérgio Buarque de Holanda (1995) em *Raízes do Brasil* analisa justamente as tensões entre as formas tradicionais de sociabilidade, centradas na família, e o modelo de sociabilidade do mundo moderno, principalmente suas consequências sobre o funcionamento do Estado moderno. Por sua vez, Víctor Nunes Leal (1997), refletindo sobre o sistema político brasileiro, analisa o *continuum* do poder privado no espaço público materializado na figura do “coronel” na Primeira República. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), interpretando a relação entre família e a

política do período colonial brasileiro até a década de 30 do século XX, destaca a continuidade do mandonismo local como resultado da permanência de uma estrutura social baseada no latifúndio e no que a autora chama inicialmente de “família grande”.

De diferentes maneiras, a política brasileira foi interpretada por esses autores como um *continuum* do espaço privado sobre o espaço público, onde as “práticas políticas tradicionais” reverberam ainda hoje nas instituições políticas “modernas”. A associação entre a estrutura política brasileira e os interesses de origem familiar fez com que recorrentemente as instituições políticas brasileiras fossem classificadas como tradicionais, atrasadas ou mesmo incompletas quando comparadas superficialmente ao modelo idealizado das instituições políticas européias e norte-americanas. É nesse sentido que Jessé de Souza (2000) utiliza-se do termo *sociologia da inautenticidade* para questionar tais interpretações nas obras de Sérgio Buarque de Holanda (1995), Raymundo Faoro (1975) e Roberto Damatta (1997a).

Porém, apesar de tratarem de períodos circunscritos, tais autores difundiram conceitos (família patriarcal, patrimonialismo, coronelismo, mandonismo, clientelismo) que subsidiaram interpretações acadêmicas e políticas de contextos bem mais recentes da história política brasileira. A falta de clareza na apropriação desse arcabouço conceitual fez com que algumas dessas noções fossem tomadas como sinônimos, e, desta forma, acabassem tendo seu conteúdo esvaziado, o que acarretou uma grande imprecisão teórica.

A própria noção de família patriarcal foi tomada equivocadamente como sinônimo de família brasileira. Contudo, o modelo familiar apresentado por Freyre (2003) é historicamente datado no período colonial e característico das

áreas de lavoura canavieira do Nordeste. Desta forma, não podemos generalizá-lo para identificar a família brasileira de modo geral. Estudos historiográficos apontam que no Brasil existiram outras variações de modelo familiar em função do tempo, do espaço e dos grupos sociais (SAMARA, 1983).

Já o conceito de “coronelismo” que foi empregado por Victor Nunes Leal (1997) para analisar o sistema, a estrutura e a maneira pelas quais as relações de poder se desenvolviam na Primeira República, a partir do município ainda hoje é utilizado nos meios políticos com tom acusatório. Segundo José Murilo de Carvalho (1997), tal conceito, historicamente datado a partir do federalismo implantado pela República e da decadência econômica do latifúndio não existiu antes desse período e simbolicamente terminou com a prisão dos coronéis baianos em 1930, se extinguindo completamente em 1937, com o advento do Estado Novo e a derrubada do caudilho gaúcho Flores da Cunha. Contudo, tal conceito foi frequentemente ressignificado e tomado como sinônimo de “clientelismo”, “mandonismo” e “patrimonialismo”, como se todos carregassem o mesmo significado. Tal sincretismo teórico acabou criando inúmeras repercussões sobre o meio acadêmico e especialmente sobre os embates políticos.

Especificamente no caso cearense, essa confusão semântica foi agravada pelo fato do governo estadual ficar sob o controle de três chefes políticos com patentes militares (Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals) do início dos anos 70 até meados dos anos 80 do século XX.

Desta forma, a história política cearense muitas vezes foi interpretada como um caso ideal para estudo da dominação tradicional (CARONE, 1970 e

FAORO, 1975). Oliveira (1981, p.55) chegou mesmo a afirmar que o Ceará “é, talvez entre todos os Estados do Nordeste, o mais encarniçadamente oligárquico”.

Mesmo que o domínio político advindo de bases familiares não seja uma exclusividade local, e acredito que nem nacional, tais interpretações são fortemente reforçadas quando nos debruçarmos sobre a história cearense e encontramos ciclos políticos dominados por grupos familiares, tais como o dos Acioli, que controlaram a política do final do século XIX até 1912; ou mesmo durante a hegemonia dos três “coronéis” (Virgílio Távora, Adauto Bezerra, César Cals) que perdurou até final da década de 1980; e ainda hoje, com os Ferreira Gomes²⁰ que despontam como um grupo familiar ramificado em diferentes esferas do poder.

Contudo, no caso da hegemonia política da família Bezerra, por exemplo, apesar de “práticas políticas tradicionais”, tais governantes já não se enquadravam na descrição que Victor Nunes Leal (1980) fez sobre o modelo político da Primeira República. A pesquisa de Auxiliadora Lemenhe (1996) sobre a família de Adauto Bezerra é elucidativa nesse aspecto. Segundo a autora, apesar das práticas tradicionais que tal grupo familiar adotava para garantir fidelidade dos seus eleitores, eles se diferenciavam do poder coronelístico de base agrária porque exerciam o domínio político tendo como retaguarda econômica o capital industrial e financeiro. Ou seja, seu poder se revestia de uma dupla face: uma moderna – associada às relações com o capital e uma tradicional

²⁰ José Ferreira Gomes, bisavô dos irmãos Ciro Gomes, Cid Gomes e Ivo Gomes foi o primeiro prefeito de Sobral após a proclamação da República; o avô, José Euclides Ferreira Gomes foi deputado estadual, o pai, José Euclides Filho, prefeito de Sobral, a primeira esposa de Ciro Gomes foi vereadora, deputada e senadora. Ciro foi prefeito de Fortaleza, Governador, ministro nos governos de Itamar Franco e Lula e atualmente é deputado federal. Cid, foi prefeito de Sobral e é o atual governador do Ceará. Ivo Gomes foi prefeito de Sobral e atualmente é deputado estadual. Seu primo Tim Gomes, ex-presidente da Câmara Municipal de Fortaleza e atual vice-prefeito da capital cearense.

– no que se refere às práticas políticas e às construções simbólicas (LEMENHE, 1996, p.118).

Embora com várias especificidades que serão explicitadas no decorrer deste capítulo, em Santana do Acaraú os conflitos políticos também são marcados fortemente pelo “domínio de parentelas”. Nos últimos cinquenta anos, a história política local é narrada em dois períodos; no primeiro, 1958 a 1988, o poder político era disputado por duas facções políticas chefiadas pelos primos José Arcanjo Neto, José Ananias Vasconcelos e Francisco das Chagas Vasconcelos. No segundo período, de 1989 a 2008, o poder político passou a ser rivalizado entre a facção de Francisco das Chagas Vasconcelos e João Ananias Vasconcelos Neto – filho de José Ananias Vasconcelos.

De que forma tal agrupamento familiar alcançou a hegemonia política? Como tais facções se configuraram e reconfiguraram ao longo dos últimos cinquenta anos? De que forma os membros desse tronco familiar geriram os conflitos políticos? Estas são as questões tratadas neste capítulo. Acredito que tais respostas são fundamentais para subsidiar a compreensão das regras e valores na produção e reprodução do poder político naquela cidade.

3.1 HISTÓRIA DE FAMÍLIA

A analisar as famílias que constituem estruturas dominantes e suas relações com a política local é um grande desafio. Entretanto, quando procuramos realizar tal tarefa a partir de biografias dos chefes políticos locais, isso se torna algo ainda mais complexo.

Segundo Levi (2005), um dos grandes problemas para quem se propõe escrever sobre a vida de um indivíduo é pensar que os atores históricos seguem um padrão de racionalidade anacrônico e limitado. Ao iludir-se por tal interpretação, o pesquisador pode acabar contentando-se com “[...] modelos que associam a uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.” (LEVI, 2005, p.169).

É nesse sentido que Pierre Bourdieu (2005) alerta sobre o risco da escrita biográfica reduzir o relato biográfico a um conjunto de eventos que dizem respeito exclusivamente ao ego. Recorrentemente a trajetória biográfica do ego é coerentemente organizada e norteada por um percurso inexorável: “desde muito novo ele se interessava pela política”. Nesse sentido, narra-se arbitrariamente a vida como um caminho, um percurso, uma estrada, um deslocamento linear, unidirecional, ordenado lógica e cronologicamente desde o nascimento até o fim da história.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 2005, p.185).

Diante disso, Bourdieu chama a atenção para a “ilusão biográfica”, e para a necessidade de reconstruir o contexto, a “superfície social” em que o ego age em vários momentos e diferentes campos. Buscando superar tais lacunas, Pina Cabral e Antonia Pedroso de Lima (2005), sugerem, como instrumento metodológico, a “história de família”. Tal metodologia é resultado da integração da história de vida com o método genealógico. Tal estratégia busca estimular relatos altercentrados em vez de autocentrados.

[...] uma “história de família” (*hf*) é um método de análise sócio-antropológica que tem por finalidade dar conta do percurso de vida de um sujeito social, integrando-o nas relações intersubjetivas em que está envolvido através da constituição do seu universo de parentesco. Enquadrar desta forma o percurso de vida do ego permite contextualizar os actores das nossas pesquisas numa parte essencial da complexa teia de relações que constitui a sua vida, escapando ao reducionismo individualizante das descrições biográficas de um ego único. Neste sentido, através das *hf* propomo-nos *desenhar o universo de relações familiares de uma pessoa (um ego) e encontrar os processos de estruturação interna (sempre inacabados, está claro) do campo de relações delimitado pelos horizontes desse universo numa perspectiva temporal e dinâmica que dê conta do processo de constituição desse universo ao longo da vida de ego e daqueles que, por lhe estarem mais próximos, contribuem de forma decisiva para sua constituição enquanto pessoa social* (PINA CABRAL e LIMA, 2005, p.359-360 – Grifos do autor).

Os autores propõem que a atenção do pesquisador não se limite exclusivamente ao ego, mas se debruce sob as relações dos numerosos sujeitos envolvidos nos relatos egocentrados. Desta forma, ao falar do seu percurso de vida, das suas relações familiares o ego traz à tona contextos de sociabilidade mais amplos.

Tal metodologia é extremamente fecunda para o caso aqui trabalhado, especialmente pela impossibilidade de ter acesso direto aos sujeitos

biografados, já que os três chefes políticos examinados neste capítulo faleceram no início das minhas incursões em Santana do Acaraú. Desta forma, foi por meio da história da família dos Arcanjos e Vasconcelos que reconstruí o contexto em que as trajetórias de vida de Francisco das Chagas Vasconcelos, José Ananias Vasconcelos e José Arcanjo Neto se desenrolaram.

Isso só foi possível a partir de diferentes narrativas que obtive com base em entrevistas com parentes, amigos, aliados e rivais políticos. Fazem parte, ainda, outros documentos, tais como jornais da época, correspondências, material de áudio e vídeo. Procurei não negligenciar os pontos de vistas divergentes presentes nas diferentes versões dessas narrativas.

Todavia, mesmo reconhecendo tal polifonia, a reorganização dessas trajetórias em última instância são inevitavelmente parciais e arbitrárias, já que aqui são interpretadas e reconstruídas em função de um problema de pesquisa específico.

Cabe ainda ressaltar que não interessa analisar a “família” como uma realidade social fechada em si mesma. Ao nos debruçarmos sobre a história de família de alguns descendentes dos Arcanjos e Vasconcelos estamos preocupados especificamente em compreender a dimensão relacional entre os membros de uma mesma família e os conflitos políticos em Santana do Acaraú.

3.2 TRIUMVIRATU

Figura 4 – Estátua de Francisco das Chagas Vasconcelos (*1930 - 2003 †)



Santana meu Amor. Quando eu for apenas uma saudade acreditem: onde se encontrar um santanense sofrendo e meu PMDB reunido, podem ter certeza, eu estarei ao lado de vocês.

A epígrafe citada acima se encontra grafada na estátua de Francisco das Chagas de Vasconcelos, localizada em uma das entradas da sede de Santana do Acaraú. Em uma clara referência bíblica, a citação revela alguns traços da personalidade e das práticas políticas deste chefe político que durante quase trinta anos manteve o mando político daquele município.

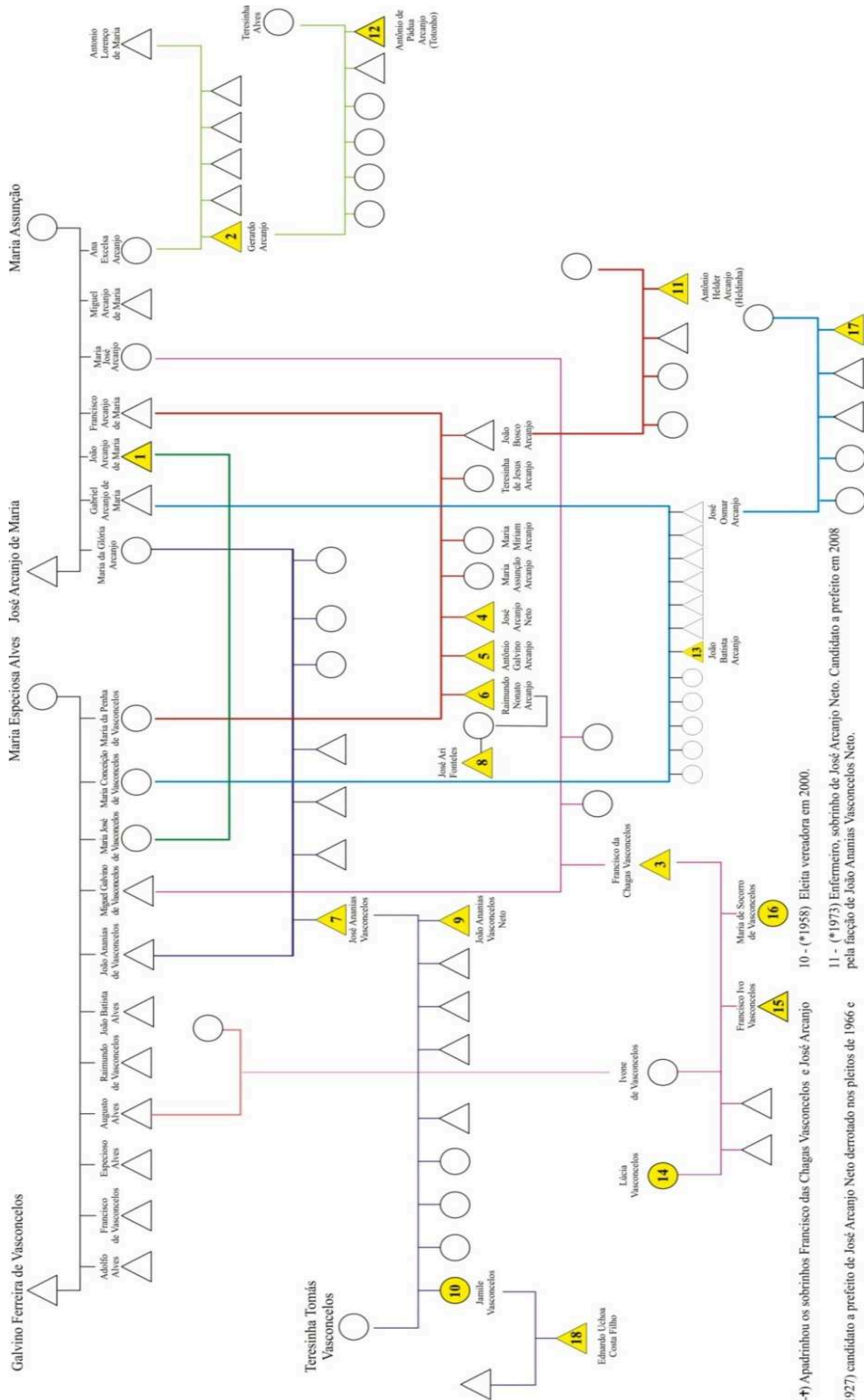
Em vida, até início da década de 1990, Francisco das Chagas Vasconcelos rivalizou no campo da política acirradamente com seu primo José Arcanjo Neto. Posteriormente, até próximo da sua morte, teve como principal adversário João Ananias Vasconcelos Neto, filho do seu primo José Ananias Vasconcelos.

Durante o período em que atuou na política, Francisco das Chagas Vasconcelos foi estereotipado por seus adversários como “coronel” e associado à “política atrasada”, que se impunha pelo poder e perseguia seus “inimigos políticos”, a “doença de Chagas” que afligia Santana do Acaraú.

Depois da sua morte em 2003, um fenômeno interessantíssimo tomou conta daquele município; publicamente, passou a existir uma unanimidade entre as facções políticas locais em torno da imagem de Francisco das Chagas Vasconcelos. A eleição municipal de 2004 foi exemplar nesse sentido, pois a “herança política”, fundada no capital simbólico que cercava seu nome (BOURDIEU, 2004a), foi disputada entre os dois candidatos que, em diferentes momentos históricos, haviam sido aliados e rivais de Francisco das Chagas Vasconcelos. Já na campanha eleitoral de 2008, em uma das músicas eleitorais do candidato do partido que Francisco das Chagas Vasconcelos chefiava, ele foi apresentado como um “Anjo Bom” que estaria “olhando e torcendo lá de cima” pelo candidato da sua facção. No palanque da facção adversária, mesmo com ponderações, Chagas também era recorrentemente lembrado positivamente.

Ainda em vida, Francisco das Chagas Vasconcelos se autointitulava e era conhecido popularmente como “Anjo Bom”, “Advogado dos Pobres” e fazia questão de difundir tal imagem cantarolando músicas que o enalteciam. Ainda hoje, Chagas possui um séquito de admiradores que guarda como relíquias as gravações dos seus pronunciamentos em comícios ou no plenário da Câmara Municipal. Compreender a história política recente de Santana do Acaraú passa obrigatoriamente pela análise da sua trajetória de vida e da história da sua família. De meados do século vinte até os anos a história da política de Santana do Acaraú não se distingue da trajetória de vida de Francisco das Chagas Vasconcelos e dos seus dois primos - José Arcanjo Neto e José Ananias Vasconcelos -, todos descendentes de uma mesma família tradicional da região, porém colocados em lados opostos por conta dos conflitos políticos.

Mapa 2 – Genealogia das Famílias Arcanjo e Vasconcelos



- 01 - (*-†) Apadrinhou os sobrinhos Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto.
- 02 - (*1927) candidato a prefeito de José Arcanjo Neto derrotado nos pleitos de 1966 e 1976.
- 03 - (*1930 - 2003†) Chefe Político que rivalizou com José Arcanjo Neto e João Ananias Vasconcelos Neto.
- 04 - (*1927 - 2004†) Chefe político que rivalizou com Chagas Vasconcelos.
- 05 - (*1935) vereador por vários mandatos.
- 06 - (*1938) Candidato a vereador em 2004 pelo PT.
- 07 - (*1919 - 2002†) Prefeito eleito em 1962 e 1972 com apoio do seu primo Francisco das Chagas Vasconcelos.
- 08 - (*) Prefeito eleito em 1992.
- 09 - (*1954) Chefe político com vários mandatos. Atual secretário de Saúde do Ceará.
- 10 - (*1958) Eleita vereador em 2000.
- 11 - (*1973) Enfermeiro, sobrinho de José Arcanjo Neto. Candidato a prefeito em 2008 pela facção de João Ananias Vasconcelos Neto.
- 12 - (*1960) ex-vereador e ex-prefeito.
- 13 - (*-†) Prefeito eleito em 1976
- 14 - (*1954) 2ª esposa de Francisco das Chagas Vasconcelos. Candidata a vice-prefeita de José Aldeney Farias (PSDB) em 2004.
- 15 - Deputado Estadual em 1986.
- 16 - (*1959) Prefeita eleita em 1982.
- 17 - (*1958) Partidário de Chagas, vereador várias vezes.
- 18 - (*1980) vereador eleito em 2008.

Conforme as narrativas locais, os pais de José Arcanjo Neto, Francisco das Chagas Vasconcelos e José Ananias Vasconcelos faziam parte de um grupo de casais formado por cinco irmãos de uma família que se uniram por casamento com cinco irmãos de outra família nas primeiras décadas do século XX²¹.

José Ananias Vasconcelos, filho de Maria da Glória Arcanjo e João Ananias Vasconcelos, nasceu em 1919. Passou a maior parte da sua infância na fazenda do seu pai no município de Massapê. A partir dos dezesseis anos de idade passou a residir na sede de Santana do Acaraú, administrando um pequeno comércio. José Arcanjo Neto nasceu em 1927 na mesma localidade, foi o primeiro de sete filhos de Francisco Arcanjo de Maria e Maria da Penha Vasconcelos. Além de pequenos proprietários rurais, seus pais possuíam um engenho e um armazém de secos e molhados. Seu pai faleceu em 1940, quando José Arcanjo Neto tinha treze anos de idade. Após tal perda, seu tio paterno João Arcanjo de Maria, homem de posses, porém sem descendentes, se responsabilizou pela manutenção material daquela família. Francisco das Chagas de Vasconcelos nasceu em 13 de janeiro de 1930 em Santana do Acaraú, único varão dos três filhos de Maria José Arcanjo e Miguel Galvino de Vasconcelos. Seus pais eram pequenos proprietários rurais e comerciantes.

Dos três primos, José Ananias Vasconcelos foi o único que permaneceu toda a sua vida em Santana do Acaraú se dedicando à vida comercial. Inicialmente como proprietário de um pequeno armazém de secos e

²¹ Apesar da diferença nos sobrenomes, José Arcanjo Neto descende do tronco familiar dos Vasconcelos. No final do século XIX, membros dessa família começaram a utilizar sobrenomes tais como: "Arcanjo" "de Maria" em sinal de devoção a Igreja Católica. Entretanto, por conta da reincidência "Arcanjo" e "de Maria" se transformaram posteriormente em sobrenomes de família.

molhados e mais tarde como um grande comerciante e exportador de algodão, mamona, oiticica e cera de carnaúba. Os outros dois primos - José Arcanjo e Chagas Vasconcelos - foram apadrinhados por seu tio João Arcanjo de Maria que custeou os seus estudos. Após frequentar o ensino fundamental em Santana do Acaraú, Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto ingressaram no primeiro grau no município de Sobral. Posteriormente, passaram a residir na casa de um amigo do seu tio João Arcanjo de Maria, em Fortaleza, dividindo o mesmo quarto durante o período em que cursavam o ensino médio no prestigiado Liceu do Ceará – instituição de ensino público que reunia naquela época os filhos da elite cearense.

Na década de 1950, depois de concluírem o científico, José Arcanjo Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos tomam caminhos distintos. José Arcanjo Neto ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, passando a morar em Recife, onde mais tarde receberia a companhia do seu irmão, ex-seminarista, Antônio Galvino Arcanjo. Francisco das Chagas Vasconcelos permaneceu em Fortaleza, conciliando o trabalho na prefeitura municipal com o curso de Direito na Universidade Federal do Ceará. Na universidade, além de se destacar nos concursos nacionais de oratória, passa a militar no movimento estudantil como presidente do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua. Também se torna presidente da União da Mocidade Pessedista do Ceará, participando de campanhas eleitorais daquela agremiação partidária.

Mesmo residindo fora de Santana do Acaraú, José Arcanjo Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos acompanhavam e participavam ativamente da vida política do município. Em dezembro de 1949, ano que antecede as eleições municipais, eles integraram uma equipe de estudantes santanenses na

redação de um panfleto intitulado *A Crítica*". Tratava-se de um pequeno jornal datilografado, sem autoria que, além de mensagens religiosas, trazia avaliações sobre as gestões dos prefeitos de Santana do Acaraú daquela época²².

Em seu primeiro número, o editorial de *A Crítica* lamentava a periodicidade do jornal *A Defesa* que circulara no município entre 1948-49²³. *A Crítica* anunciava-se como herdeira da função de vigilância sobre o executivo local, outrora exercida pela *A Defesa*. Entretanto, assim como *A Defesa*, as publicações mensais de *A Crítica* aos poucos se tornaram cada vez mais esporádicas, até que desapareceram completamente.

A inserção dos três primos na vida política partidária local tem como pano de fundo a Terceira República inaugurada com o fim do Estado Novo (1937-1945). O ciclo político que vai de 1945 a 1964 representa a primeira experiência democrática na história brasileira combinando o sufrágio universal, eleições competitivas e alternância no poder²⁴. Nacionalmente no sistema partidário destacam-se três agremiações políticas (PSD, UDN, PTB) em torno das quais orbitava uma dezena de partidos menores. A principal, o Partido Social Democrático (PSD), estava ligada à máquina administrativa do Estado Novo, especialmente aos interventores estaduais então nomeados por Getúlio Vargas. A União Democrática Nacional (UDN), vinculada às oligarquias, adotava uma plataforma liberal conservadora - posteriormente se transformaria na base de apoio do Regime Militar pós-64. O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB),

²² João Alfredo Araújo (1948–1950), José Osmar Carneiro PDS (1951-1954), Gerardo Araújo UDN 1954-1958).

²³ *A Defesa*, dirigido por José Isaias de Thomas Lourenço, era um periódico tipografado de estilo editorial semelhante ao jornal *A Crítica* – de cunho religioso e considerações sobre a política local.

²⁴ Entretanto, o sistema democrático desse ciclo político proibia o voto dos analfabetos e a partir de 1947 decretou a ilegalidade dos comunistas.

frequentemente aliado do PSD, foi originalmente organizado a partir da estrutura sindical corporativa montada por Getúlio Vargas nos anos 1930.

No Ceará, havia uma alternância no poder entre representantes da UDN e PSD. O êxito eleitoral dependia das alianças com partidos menores tais como o PTB, de Carlos Jereissati ou Partido Social Progressista (PSP), de Olavo de Oliveira. Tal fato ocorria devido à fragilidade das elites políticas locais, o que, de certo modo, dificultava que os grupos oligárquicos permanecessem continuamente no governo do estado (FARIAS, 2007, p.264).

No norte do Ceará, região onde está localizado o município de Santana do Acaraú, destacavam-se três chefes políticos: José Sabóia (UDN), Olavo Oliveira (PSP) e Francisco Monte (PSD). Os três primos (José Arcanjo Neto, Francisco das Chagas Vasconcelos e José Ananias Vasconcelos) iniciam sua militância política nas fileiras do PSD de Francisco Monte. José Ananias Vasconcelos foi o primeiro dos três primos a assumir um cargo eletivo na câmara de vereadores de Santana do Acaraú, em 1950.

Em dezembro de 1955, José Arcanjo Neto termina o curso de medicina e regressa para Santana do Acaraú com sua noiva, também médica, Maria Nogueira, além de seu irmão Antônio Galvino Arcanjo. Juntos, eles criam a Associação de Proteção à Maternidade e Infância de Santana do Acaraú. Por intermédio do deputado federal Francisco Monte os primos conseguem verbas no orçamento da União para criação da Maternidade Nossa Senhora Sant'ana. Nas dependências deste estabelecimento, Antônio Galvino Arcanjo – irmão de José Arcanjo Neto - instala uma pequena farmácia.

Naquele período não existia em Santana do Acaraú nenhum estabelecimento hospitalar. Tal fato fez com que a maternidade dirigida por José Arcanjo Neto passasse a atender um público muito mais amplo do que as gestantes, recebendo toda demanda de assistência hospitalar do município. Além do mais, José Arcanjo Neto clinicava em um consultório vizinho à sua residência, onde atendia indigentes.

Em dezembro de 1956, *A Crítica* reaparece, desta vez o anonimato é abandonado e José Arcanjo Neto assume publicamente a diretoria do jornal. *A Crítica* passou a ser um jornal tipografado e a ter tiragem de oitocentos exemplares, além de possuir vários anunciantes locais²⁵.

“A Crítica ressurgue pregando decência e moralidade”

Há alguns anos apareceu em Santana um jornalzinho assim, escondido no anonimato, pobre, desprezioso, mas, sobretudo audacioso. E todo povo acolheu porque ele simbolizava a reação deste mesmo povo. Hoje, ressurgue a Crítica deixando o anonimato de outrora e dentro do mesmo espírito de combate. Enfrentaremos, de viseira erguida o erro onde quer que ele se encontre, assumindo a responsabilidade de nossos atos. Ontem, uma atitude como esta não caberia no arroubo dos nossos gestos de estudantes, nem o crime tinha as proporções que apresenta atualmente. Quando a irresponsabilidade chega ao cúmulo como está acontecendo, necessário se faz que cada um de nós tome posição contrária à desonestidade. Esta sempre foi a posição de *A Crítica*. Não desejamos criticar pelo simples desejo de criticar, de destruir. Não. Criticar para nós é construir, é ajudar. Queremos para Santana outra coisa senão o progresso. Apenas não admitimos que o progresso venha de mãos dadas com o erro, com o crime, com a imoralidade. Lamentamos que a equipe que outrora fez *A Crítica* esteja dispersa. Ao reaparecer, porém o jornalzinho, os amigos distantes, os colegas santanenses estarão em pensamento ao nosso lado, estimulando-nos, combatendo conosco (José Arcanjo Neto, dezembro de 1956).

²⁵ Vale destacar que nesse período os grandes jornais que circulavam no Ceará também eram abertamente partidários. O jornal *O Povo* era porta-voz udenista, enquanto *O Nordeste* e *O Estado* eram partidários do PSD.

Nesse ínterim, os três primos começam tomar parte dos conflitos políticos locais, atuando incisivamente contra o gestor local. Ainda em 1956, por meio da Amplificadora Padre Antônio Tomaz²⁶, principal meio de comunicação local daquela época, José Arcanjo Neto protestava contra a maneira como a gestão de Geraldo Araújo (UDN) tratava do problema do abastecimento de água no município. Noutra frente, o editorial de *A Crítica* lamentava a falta de interesse da prefeitura em contribuir financeiramente para manutenção da Maternidade Escola.

Na mesma época, a Associação Cultural Santanense, dirigida por José Arcanjo Neto, promoveu uma campanha de arrecadação de fundos para construção de uma instituição de ensino de primeiro grau, de 5^a à 8^a série. Através dessa iniciativa, eles criaram o Ginásio de Santana do Acaraú - hoje Colégio Santanense. A esposa de José Arcanjo Neto, além de assumir a direção do Ginásio, lecionava literatura e inglês; Chagas Vasconcelos integrava o quadro docente lecionando inglês; José Arcanjo Neto ministrava aulas de educação física, ciência e religião, seu irmão - Antônio Galvino Arcanjo, lecionava latim e história.

Os três primos também desenvolveram iniciativas no âmbito sócio-cultural. Naquela época, as festas da elite santanense eram realizadas nas casas das famílias mais abastadas ou nas dependências da prefeitura. Aliás, o prédio da prefeitura era utilizado para diversos fins tais como câmara municipal, fórum, local de alistamento militar, teatro e clube dançante. No início da década de 1960, a Associação Cultural Santanense, ligada aos três primos, fundou o Alcione Clube

²⁶ Era uma rede de comunicação formada por um conjunto de alto-falantes distribuídos nas áreas centrais do município ligados por cabos a um pequeno estúdio localizado nas dependências da igreja matriz.

– para receber as celebrações da elite local. Francisco das Chagas Vasconcelos, ao mesmo tempo que dirigia o Alcione Clube, que tinha como público a elite “branca” local, também organizou informalmente nas dependências de um centro comunitário o Clube dos Operários - um espaço destinado às festividades da população “parda”, onde Chagas tinha grande inserção²⁷.

Figura 5 – Prefeitura Municipal e Alcione Clube



Gradativamente, os três primos a partir dos seus ofícios liberais – José Arcanjo Neto como médico, Francisco das Chagas Vasconcelos como advogado e José Ananias Vasconcelos como grande comerciante local – dos seus vínculos nas diferentes instituições sociais que haviam criado e das alianças com chefes políticos regionais do PSD, construíram uma grande rede de lealdade junto à população local. Desta forma, tornaram-se os principais opositores dos udenistas que governavam Santana do Acaraú naquele período.

²⁷ A polaridade entre esses dois clubes tinha nítidas características de segregação social e racial, sendo que o Clube dos Operários ficou conhecido popularmente como “Clube dos Caboclos” ou “Clube dos Pardos”.

3.3 PRIMOS INTRIGADOS – CONFLITOS EM FAMÍLIA

As crises sempre foram momentos fecundos de efervescência mítica. Segundo Girardet, “é, nos ‘períodos críticos’ que os mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade, exercem com mais violência seu poder de atração” (GIRARDET, 1987, p.180). O ano de 1958 representa um desses períodos em Santana do Acaraú. O depoimento abaixo relata um pouco dos eventos que cercaram as eleições municipais daquele ano.

Fui ver o mundo mesmo em 1958 por causa de uma seca. Eu era nascido em uma família abastada, meu pai era tabelião lá... não tínhamos problemas em casa...na seca e 1958 eu comecei a ver... uns tios meus, irmãos da mamãe vinheram lá do Marco [município próximo a Santana]. Eu via aquela coisa em casa, meus primos iam lá para Alvaça para se meter na estrada... na frente de emergência. Numa estrada que ia para São Bento... chegou até Alvaça só. O cara ia lá e ganhava 40 mil reis por dia... E muita gente enriquecendo na época... Foi quando em Santana começaram a fazer sobrado, foi o primeiro carnaval que eu vi. Um contraste desgraçado. Foi quando eu me situei, a seca mesmo em si, sem chuva, sem a safra, sem os legumes. E o povo pedindo mais esmolas. Foi a primeira vez que eu vi cortar mucunã para dar ao gado, carneiro. Eu nunca tinha visto, eu não era muito ligado a zona rural. Meu avô tinha umas fazendas, a gente ia lá em tempo de farinhadas, mas eu não era muito do interior não, eu era urbano realmente. E isso gado morto dentro da cidade. Numa baixa lá perto de casa, um quarteirão, chegava e a gente sentia aquele cheiro, era o gado morto, que morria lá, e lá mesmo ficava aquelas ossadas, eu nunca tinha visto aquilo (Escritor e Artista Plástico).

É no cenário desta “grande” seca que se abateu sobre o Ceará que a liderança de Francisco das Chagas Vasconcelos é forjada durante a campanha eleitoral para prefeitura de Santana do Acaraú, em 1958²⁸. Sua candidatura

²⁸ O impacto da seca de 1958 no Nordeste fez com que o governo de Juscelino Kubitschek criasse um Grupo de Trabalho dirigido por Celso Furtado para estudar tal problemática. O grupo constatou que o problema básico da região não era climático, mas econômico-social. A estrutura política e social da região não permitia o enfrentamento eficaz dos impactos da seca. Como resposta a esse dilema foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Seus objetivos eram:

invocava as imagens do “salvador”, da “mudança” e da “modernidade” que tinha como horizonte a gestão de Juscelino Kubitschek (PSD) no governo federal²⁹. Com a vitória de Francisco das Chagas Vasconcelos contra o candidato da UDN, a partir daquele pleito, inaugurar-se-ia localmente um novo ciclo político sob sua hegemonia que perduraria por trinta anos.

Entretanto, mesmo conquistando a gestão do poder executivo local e dirigindo várias instituições e estabelecimentos comerciais - Maternidade Escola, Farmácia, Ginásio Santanense, Jornal *A Crítica*, Alcione Clube, armazéns - no interior da facção chefiada pelos três primos, ainda na primeira gestão de Francisco das Chagas Vasconcelos (1959-1962), surgiram os primeiros conflitos.

Segundo relatos, naquela ocasião, José Arcanjo Neto reivindicava um maior “apoio” da prefeitura, dirigida por Francisco das Chagas Vasconcelos, para as suas ações filantrópicas na maternidade escola e no Ginásio Santanense dirigido por sua esposa. Em torno dessa demanda surgiram desavenças pessoais que levaram José Arcanjo Neto a romper politicamente com Francisco das Chagas Vasconcelos.

Nas eleições de 1962, enquanto o governador Parsifal Barroso articulava o pacto “União pelo Ceará” em que os dois maiores partidos políticos rivais daquela época - UDN e PSD - se aliariam para eleger Virgílio Távora (UDN) ao executivo estadual, em Santana do Acaraú, Chagas Vasconcelos (PSD) e José Arcanjo Neto (UDN) disputavam acirradamente entre si uma vaga para assembléia estadual. Naquele pleito, Chagas Vasconcelos foi eleito

umentar a infraestrutura de transporte e serviços da região, industrialização, democratização agrária, além do aumento da produção local.

²⁹ No panorama estadual o genro de Francisco Monte (PSD) - Parsifal Barroso (PTB-PSD), então Ministro do Trabalho da presidência de Juscelino Kubitschek, com apoio do governo federal, vence as eleições de 1958 para o executivo estadual contra o candidato udenista Virgílio Távora.

deputado estadual. Já José Arcanjo Neto alcançou apenas a suplência pela UDN. Por outro lado, José Ananias Vasconcelos, que havia permanecido ao lado de Chagas Vasconcelos, após a ruptura com José Arcanjo Neto, foi eleito prefeito de Santana do Acaraú pelo PSD.³⁰

Com a morte de Francisco Monte, em 1963, ocorreu uma reconfiguração das alianças políticas dos primos com as oligarquias políticas estaduais³¹. Cada vez mais Francisco das Chagas Vasconcelos se isola politicamente dos chefes políticos das regionais e José Arcanjo Neto se aproxima do governador Virgílio Távora (UDN) e de José Parsifal Barroso – genro de Francisco Monte.

Com o Golpe Militar em 1964, durante a gestão do governador Virgílio Távora (1963-1966), o cearense Humberto de Alencar Castelo Branco é eleito indiretamente Presidente da República mediante o Ato Institucional nº1 (AI-1). O Ato Institucional nº2 (AI-2), baixado em 1965, criou o bipartidarismo no sistema político brasileiro. No Ceará, UDN, PSD, PSP e alguns dissidentes do PTB são agrupados sob a legenda da Aliança Renovadora Nacional - ARENA, enquanto um grupo de políticos do PSD e PTB passam a compor os quadros do Movimento Democrático Brasileiro - MDB. O Ato Institucional nº 3 (AI-3) suspendeu as eleições para os governos estaduais (os governadores passaram a ser eleitos pelas assembleias estaduais) e para as prefeituras das capitais e de cidades tidas como de “segurança nacional” (os prefeitos passaram a ser indicados pelos governadores).

³⁰ Nesse cenário, a facção política contra quem os primos disputaram o executivo local, em 1958, esfacelou-se, polarizando-se entre a liderança de Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto.

³¹ Importante chefe político da região norte do Ceará com quem os três primos eram vinculados.

Em Santana do Acaraú as facções também se polarizam, Chagas Vasconcelos e seu séquito ingressaram no MDB e José Arcanjo Neto e seus partidários na ARENA. Nesse mesmo período, embora muito incipientemente, um pequeno grupo político começa a se organizar com a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em 1966, contudo sua atuação orbitava ora em torno de uma, ora em torno de outra das duas facções lideradas pelos primos.

Em 1966, Francisco das Chagas Vasconcelos (MDB) rivaliza novamente com José Arcanjo Neto (Arena) a uma vaga na assembleia estadual. Desta vez, apenas Francisco das Chagas Vasconcelos alcança a suplência. Nas eleições para o executivo municipal, que naquela época ocorriam simultaneamente com a escolha dos congressistas estaduais e federais, Raimundo Nazion de Aguiar (MDB) derrota o candidato da ARENA apoiado por José Arcanjo Neto. Durante sua gestão (1967-1970) entra em funcionamento um estabelecimento hospitalar que recebe o nome da mãe de Chagas Vasconcelos - Unidade Mista de Saúde D. Maria José Vasconcelos. Tal inauguração minimiza o fato do único estabelecimento de saúde local ser dirigido por José Arcanjo Neto, o que fazia com que Chagas Vasconcelos encaminhasse seus eleitores, muitas vezes pessoalmente, para hospitais na cidade de Sobral.

Nas eleições de 1970, Francisco das Chagas Vasconcelos é novamente eleito deputado estadual pelo MDB. Desta vez, José Arcanjo Neto disputa a prefeitura, entretanto, acumula mais uma derrota eleitoral para o candidato apoiado por Chagas Vasconcelos. Em uma nova eleição municipal em 1972, Antônio Alves Sobrinho, candidato apoiado por José Arcanjo Neto (ARENA), perde a eleição para José Ananias Vasconcelos que, com apoio de Chagas Vasconcelos, é eleito pela segunda vez prefeito, desta vez pelo MDB.

Mapa 3 - Quadro das Alianças Políticas

Ano	Facções	Facções	
Antes de 1958	UDN Geraldo Araújo <i>José Sabóia (Chefe Político Regional)</i>	PSD José Arcanjo Neto/Francisco das Chagas Vasconcelos/José Ananias Vasconcelos Antônio Galvino Arcanjo/João Arcanjo de Maria <i>Francisco Monte (Chefe Político Estadual)</i>	
Depois de 1959	UDN José Arcanjo Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/ João Arcanjo de Maria/ Antônio Galvino Arcanjo <i>Virgílio Távora (Chefe Político Estadual)</i>	PSD Francisco das Chagas Vasconcelos/ José Ananias Vasconcelos <i>José Parsifal Barroso (Chefe Político da Regional)</i>	
A partir de 1964	ARENA José Arcanjo Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/João Arcanjo de Maria/ Antônio Galvino Arcanjo <i>José Parsifal Barroso (Chefe Político da Regional)/ Virgílio Távora (Chefe Político Estadual)</i>	MDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ José Ananias Vasconcelos	
1982 Eleições Municipais	PDS José Arcanjo Neto/Antônio Galvino Arcanjo José Ananias Vasconcelos/João Ananias Vasconcelos Neto <i>Virgílio Távora (Chefe Político Estadual)</i>	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/José Aldeny Farias/ Raimundo Marcelo Arcanjo/Antônio de Pádua Arcanjo	
1988 Eleições Municipais	PSB José Arcanjo Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/ José Ananias Vasconcelos/ João Ananias Vasconcelos Neto/ Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ José Aldeny Farias/ Raimundo Marcelo Arcanjo/ Antônio de Pádua Arcanjo	
1992 Eleições Municipais	PSB João Ananias Vasconcelos Neto/ Antônio Galvino Arcanjo /Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ José Arcanjo Neto/ José Aldeny Farias/ Raimundo Marcelo Arcanjo/ Antônio de Pádua Arcanjo	
1994 Eleições Estaduais	PSB João Ananias Vasconcelos Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/ Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ José Arcanjo Neto/ José Aldeny Farias/ Raimundo Marcelo Arcanjo/ Antônio de Pádua Arcanjo	
1996 Eleições Municipais	PSB João Ananias Vasconcelos Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/ Antônio de Pádua Arcanjo/ Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ José Aldeny Farias/ Raimundo Marcelo Arcanjo	
1998 Eleição Municipal Suplementar	PSB João Ananias Vasconcelos Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/ José Aldeny Farias/ Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ Raimundo Marcelo Arcanjo	
2000 Eleições Municipais	PSB João Ananias Vasconcelos Neto/ Antônio Galvino Arcanjo/José Aldeny Farias/ Antônio de Pádua Arcanjo/ Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ Raimundo Marcelo Arcanjo	
2002 Eleições Estaduais	PSB João Ananias Vasconcelos Neto/Antônio Galvino Arcanjo/ Antônio de Pádua Arcanjo/ Sandra Maria Farias	PMDB Francisco das Chagas Vasconcelos/ Raimundo Marcelo Arcanjo	PSDB José Aldeny Farias/ Dissidentes do PSB e PMDB <i>Dep.Estadual Rogério Aguiar PSDB</i>
2004 Eleições Municipais	PC do B/ PMDB João Ananias Vasconcelos Neto/Antônio Galvino Arcanjo/ Antônio de Pádua Arcanjo/ Sandra Maria Farias/ Parte dos vereadores do PMDB.	PSDB/ PMDB José Aldeny Farias/ Viúva de Francisco das Chagas Vasconcelos e parte dos vereadores do PMDB <i>Dep.Estadual Rogério Aguiar PSDB</i>	
2008 Eleições Municipais	PC do B Antônio Galvino Arcanjo/ João Ananias Vasconcelos Neto/ Antônio de Pádua Arcanjo <i>Governador Cid Gomes</i>	PMDB Raimundo Marcelo Arcanjo/ Raimundo Nonato Arcanjo/ Sabino Vice/ Sandra Maria Farias/ Antonio Frederico Neto <i>Dep.Estadual Rogério Aguiar PSDB</i>	

Em 1974, Chagas Vasconcelos é mais uma vez eleito deputado estadual pelo MDB. Nas eleições de 1976, a prefeitura de Santana do Acaraú continua sob a gestão de um prefeito eleito com apoio de Chagas Vasconcelos.

Se localmente as práticas políticas da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos eram classificadas por seus adversários como “tradicionais” e “atrasadas”, no cenário estadual Chagas Vasconcelos se destacava na oposição ao regime militar. Tal fato fez com que, em 1978, os partidos de oposição ao regime militar reunidos no MDB cearense, lançassem a candidatura de Francisco das Chagas Vasconcelos ao senado federal. Todavia, o candidato do MDB foi derrotado eleitoralmente por José Lins Albuquerque, da Arena.

Com o gradual processo de redemocratização do início dos anos 1980, o Brasil volta a ter um sistema político pluripartidário. Em Santana do Acaraú, a facção de Francisco das Chagas Vasconcelos passa a se apresentar sob a legenda do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Já os partidários de José Arcanjo Neto ingressam no Partido Democrático Social - PDS.

Foi a partir da conjuntura da abertura política que a facção de José Arcanjo Neto começou a construir uma proposta marcada pelo discurso de rompimento com um passado qualificado por eles como “oligárquico” e “atrasado”.

Em 1982, ocorre uma nova configuração nas facções políticas locais. João Ananias Vasconcelos Neto³² - filho de José Ananias Vasconcelos é

³² João Ananias Vasconcelos Neto havia regressado de Portugal, em 1976, para concluir seu curso de Medicina na Universidade Federal do Ceará. Naquele país, João Ananias Vasconcelos Neto fez parte do curso de Medicina e engajou-se no movimento sanitarista e em lutas estudantis no período da ditadura salazarista. Em 1978, quando seu pai ainda pertencia à facção de Chagas, João Ananias Vasconcelos Neto militou na capital cearense na campanha de Chagas Vasconcelos ao senado.

lançado como candidato ao executivo local pela facção de José Arcanjo Neto (PDS), contra Francisco das Chagas Feijão (PMDB), candidato apoiado por Chagas Vasconcelos.

A campanha eleitoral de João Ananias Vasconcelos Neto, em 1982, marca a ruptura de José Ananias Vasconcelos com Francisco das Chagas Vasconcelos, e sua reaproximação com seu primo José Arcanjo Neto. Entretanto, João Ananias Vasconcelos Neto perde o pleito de 1982 para o candidato apoiado por Chagas, que, no entanto, não chega a exercer o mandato, pois acaba falecendo antes da sua posse. Assume o cargo a vice-prefeita Maria Socorro Vasconcelos, filha de Chagas Vasconcelos.

Após sua derrota em 1982, João Ananias Vasconcelos Neto permaneceu em Santana do Acaraú atuando como médico nas comunidades rurais. Descrito em várias entrevistas como um político combativo, carismático e excelente orador, com pouco tempo de atuação na política local ele despontou como principal liderança política da oposição a Chagas Vasconcelos ocupando o lugar outrora exercido por José Arcanjo Neto³³.

No final dos anos 1980 vários partidários de José Arcanjo Neto ingressam no diretório do Partido Socialista Brasileiro (PSB), fundado por João Ananias Vasconcelos Neto em Santana do Acaraú. Em 1987, ano que antecede as eleições municipais, o novo grupo publica o jornal *A Vez e a Voz*. Tal periódico, de viés claramente partidário, se dedica a examinar criticamente a gestão da filha de Chagas Vasconcelos à frente da prefeitura de Santana do Acaraú.

³³ Em 1986, José Arcanjo Neto disputa novamente uma vaga para deputado estadual e mais uma vez não é eleito. Já Francisco das Chagas Vasconcelos alcança a suplência na Câmara Federal pelo PMDB.

Nas eleições de 1988, João Ananias Vasconcelos Neto (PSB) concorre novamente ao cargo de prefeito com Antonio de Pádua Arcanjo - Totonho, candidato apoiado por Francisco das Chagas Vasconcelos. Desta vez, João Ananias Vasconcelos Neto vence o pleito, quebrando a hegemonia de trinta anos de Chagas Vasconcelos no governo local. Tal momento pode ser interpretado como expressão de uma “nova” proposta política. Sua campanha, cujo *slogan* era “Santana tem Cura”, foi marcada pelo discurso de ruptura com o passado classificado por sua facção como “oligárquico” e de construção de espaços para a “participação popular” na gestão pública municipal.

Com efeito, no final da década de 1980, o discurso de ruptura com um passado associado ao “atraso” não foi um caso específico daquele município. As campanhas de Maria Luíza Fontenele, eleita prefeita de Fortaleza em 1985; de Tasso Jereissati, eleito governador do Ceará em 1986; e de Ciro Gomes, eleito prefeito de Fortaleza em 1988 também traziam um discurso de ruptura delimitando um “antes” e um “depois”, construindo, assim, simbolicamente uma “nova” temporalidade política.

Embora as campanhas eleitorais de Maria Luíza Fontenele, Tasso Jereissati e Ciro Gomes apresentassem em comum o discurso de ruptura ao chamado “poder tradicional”, seus projetos políticos eram bastante distintos. Por um lado, Maria Luíza Fontenelle acenava para a “grande transformação” com base na gestão do “novo com participação do povo”, por outro, o realismo político de Tasso Jereissati e Ciro Gomes priorizava ideais de competência, racionalidade no uso dos recursos públicos e eficiência da máquina administrativa estatal (BARREIRA, 2002, p.73).

A crítica ao chamado “poder tradicional” expressava também um momento da conjuntura nacional recém-saída de um modelo político autoritário. As eleições de Waldir Pires, na Bahia, e Miguel Arrais, em Pernambuco, além da de Tasso Jereissati, no Ceará, em 1986, podem ser interpretadas como um sinal de renovação de elites nos três maiores estados do Nordeste, já que tais candidatos eram comprometidos com a superação de práticas clientelistas e apoiados pela esquerda (GONDIM, 1998, p.34).

As gestões ligadas a Francisco das Chagas Vasconcelos (1959-1986) foram associadas recorrentemente à “política tradicional”. Vale destacar que durante tal período os políticos que ocuparam o executivo local eram tutelados por Chagas. Os prefeitos exerciam o poder apenas formalmente, a própria câmara dos vereadores era subordinada aos chefes políticos locais, pouco se reunindo e não fiscalizando os atos do executivo. Também inexistia uma divisão administrativa do executivo local em várias secretarias. Na prática, o mando político ficava centralizado nas mãos de Chagas Vasconcelos. Nessas circunstâncias, os cargos de prefeito e vereador estavam muito mais associados ao prestígio social do que ao mando político de fato. O depoimento citado abaixo destaca as diferentes nuances da atuação política de Chagas Vasconcelos.

[...] se você conversasse com ele [Chagas Vasconcelos] você adora, ele é um cara inteligente, foi um herói até na época de 64, num determinado momento. O Chagas era um referencial, era um discurso de libertário. O Chagas Vasconcelos tinha... aí a gente foi ver na realidade, que o cara era o pior do que os coronéis. ...O sopão que ele distribuía quase toda noite, ele fazia questão de ser o cara que metia a colher dentro da coisa para servir, para você pedir mais e ele botar mais. É muito poder... você dizer: “Eu quero comer mais um pouco”, “Você vai comer mais um pouco”. O pagamento, por exemplo, do pessoal, ele tirava o dinheiro... a filha era a prefeita [Socorro Vasconcelos 1983-1988], tirava o dinheiro, ele botava no bolso, ia pagar, aí... “o Dr. Chagas chegou, vai ter pagamento”. Aí corria todo mundo 7 horas da noite... Aí ficava

aquela fila danada, ele botava gente para sala... “você vem aqui! Rebeca.” A pessoa contava o dinheiro na frente dele, aí dava 10 horas da noite: “Olha, eu não vou atender mais ninguém não!” Aí o resto da fila ia embora. Ele sempre utilizou isso... Ele é um artista... Com maestria essa questão do uso do poder. E graças a Deus o João [João Ananias Vasconcelos Neto], que é parente dele, tem, digamos, o mesmo charme dele também, tem aquela força, mas é um cara que se voltou para princípios bem mais saudáveis, é uma pessoa responsável (Assessor municipalista).

Atentando para o depoimento citado acima, podemos perceber que os adjetivos usados para qualificar Chagas Vasconcelos não são mutuamente excludentes e devem ser interpretados contextualmente. Se em relação à gestão municipal Francisco das Chagas Vasconcelos era classificado desta forma, quando atentamos ao âmbito estadual percebemos que mesmo seus adversários hoje reconhecem sua atuação na oposição ao regime militar e na defesa dos direitos humanos. Além disso, ao lado da imagem estereotipada de “coronel”, convivia outra nuance do “Anjo Bom” que transportava pessoalmente em seu carro, doentes para Sobral e para Fortaleza, pois o hospital de Santana do Acaraú naquela época era dirigido por José Arcanjo Neto, ou ainda a alcunha de “Advogado dos Pobres”, por restituir à liberdade a pessoas detidas na delegacia sem condições de contratar um advogado.

Um panfleto apócrifo inspirado no conto *A Cigarra e a Formiga* do fabulista francês Jean de La Fontaine que circulou em Santana do Acaraú durante a hegemonia política de Francisco das Chagas Vasconcelos é exemplar para explicar as ações políticas dos dois primos. Segundo narrativas, o texto atribuído à facção de José Arcanjo Neto descrevia metaforicamente José Arcanjo Neto como uma formiga que labutava junto ao governo estadual para implementar uma série de ações públicas em Santana do Acaraú, enquanto Chagas - a cigarra

– se limitava a persuadir a população local através da sua oratória. Por sua vez, Chagas argumentava que as ações da sua facção frente ao executivo local eram tolhidas em decorrência de fazerem oposição ao governo estadual.

Além de possuir características de uma liderança política carismática nos termos descritos por Weber (1982), Chagas Vasconcelos era um exímio orador. Tais características mais tarde também seriam reconhecidas pela população local em João Ananias Vasconcelos Neto. Esses traços distinguiam Chagas Vasconcelos e João Ananias Vasconcelos Neto de José Ananias Vasconcelos, que curiosamente em toda sua carreira política não discursava publicamente e do próprio José Arcanjo Neto que também, segundo depoimentos, era considerado um homem “reservado”;

Ele [José Arcanjo Neto] não tinha habilidade política, foi comprovado nesses anos todos, porque ele não tinha aquele jogo de cintura que o Chagas tinha, aquela malandragem. Ele era um cara muito sério, muito direito, muito correto. E na política não é o jeito dele [...] Ele era um cara do tipo... até no discurso dele, não tinha palanque, não tinha essas coisas da política (Escritor e Artista Plástico).

Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto descritos na juventude por seus familiares como “verdadeiros irmãos”, travaram embates políticos acirrados que não se limitavam ao período eleitoral. Os dois primos se diferenciavam na maneira como se expressavam publicamente suas divergências políticas. José Arcanjo Neto o fazia predominantemente pela escrita, enquanto Chagas privilegiava a oratória. Apesar de acirrados, os conflitos políticos entre as facções comandadas pelos dois primos nunca transpuseram os limites da palavra

escrita de José Arcanjo Neto ou dos discursos inflamados de Francisco das Chagas Vasconcelos. As bases eleitorais dos dois chefes políticos refletiam tais estratégias, José Arcanjo Neto tinha como partidários uma parte da elite letrada e moradores da sede de Santana do Acaraú, ao passo que Francisco das Chagas Vasconcelos tinha maior inserção nas camadas populares da “periferia” e nas áreas rurais do município.

Mas, tendo ou não a política como vocação, José Arcanjo Neto disputou o mando político local acirradamente com Francisco das Chagas Vasconcelos durante cerca de trinta anos. Além de concorrer diretamente ou apoiar um candidato ao cargo de prefeito, eles rivalizaram nas eleições proporcionais estaduais e na direção de diversas instituições existentes em Santana do Acaraú. Segundo João Ananias Vasconcelos Neto – filho de José Ananias Vasconcelos – a polarização política entre Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto repercutia na maneira como a população local era assistida pelo poder público:

E era sempre polarizada [a política], um contra o outro, e a população dividida, quem não estava com um teria que obrigatoriamente estar com outro, porque era aquela proteção. Nisso envolvia uma série de fatores, a aproximação com o poder, com o governo e os seus grupos. Quem estava com o governo tinha direito a emprego, tinha direito a assistência. Isso criava um certo medo na população de perder aquilo, perdendo a eleição poderia perder essa proteção, ninguém ficava descoberto, era como um guarda-chuva, de um lado ou do outro. Se você saía daqui ia para ali, gerava esses polos (João Ananias Vasconcelos Neto - chefe político em Santana do Acaraú).

Se por um lado, durante tal período, Francisco das Chagas Vasconcelos obteve êxito nos pleitos que competiu pelo MDB, por outro teve, durante a ditadura militar, a oposição do governo estadual administrado pela ARENA. Já José Arcanjo Neto, mesmo perdendo sucessivas eleições, se articulava politicamente com o governo estadual para implementar suas ações filantrópicas e conseguir empregos públicos para várias pessoas em Santana do Acaraú. Chagas Vasconcelos, por sua vez, controlava os empregos públicos ligados à prefeitura.

Nesse cenário, em um município como Santana do Acaraú, que dependia naquela época quase que exclusivamente dos recursos administrados pelo governo estadual e pela União, José Arcanjo Neto teve um relativo poder de ação na política local, mesmo sem ocupar mandatos. Todavia, surpreende o fato de Chagas Vasconcelos ter conseguido manter sua hegemonia na política local em um período em que os chefes políticos locais dependiam das alianças com oligarquias estaduais para se manter no governo dos municípios.

Apesar de não ter os acessos de José Arcanjo Neto, e de não ter a eloquência de Francisco das Chagas Vasconcelos, José Ananias Vasconcelos, além de possuir poder financeiro, tinha trânsito entre os membros das duas facções. Essa característica fez dele o “fiel da balança” na longa disputa política entre Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto. Seu ingresso e do seu filho na facção de José Arcanjo Neto marcam o início do fim da hegemonia política de Francisco das Chagas Vasconcelos.

Quem derrubou o poderio do Chagas em Santana, também ele está envelhecendo e doente, foi o Joãozinho, João Ananias, mas nesse tempo sobre o comando dos Arcanjos. Só que infelizmente o João Ananias não tratou bem os Arcanjos não, não tratou bem, na verdade ele não foi leal, ele não gosta que a gente diga isso, mas a verdade é essa. Passou quatro anos no poder, João Ananias, depois de quatro anos indicamos o Dr. Ari Fonteles, também, acho que talvez você conheça que é de Sobral, nosso conterrâneo, nosso amigo, nosso parente ainda. [...] Por que nós colocamos o poder nas mãos dele, por que naquele tempo o anti Chagas era José Arcanjo, só tinha dois chefes grande aqui em Santana, ou era Chagas Vasconcelos ou José Arcanjo, aí o José Arcanjo trouxe o João Ananias, convidou a família, trouxe o pai dele, o sogro que é o Zequinha... e depositamos os votos nele que ele não tinha, nesse tempo ele não tinha nada, ele vindo de Portugal, médico recém-formado. Aí, nós elegemos o Joãozinho, a verdade é essa, por que ele não tinha eleitor, não tinha nem conhecidos. Só que tá certo, ele passou os quatro anos no poder, mas ele deu as costas, principalmente para esses Arcanjos. [...] Ele passou a hostilizar, por exemplo, os Arcanjos mandavam um cliente pra lá, para ele fornecer o remédio. Começou a ... pensar que os Arcanjos queria distribuir a da conta própria, ai foi indo, foi indo e deu-se o rompimento definitivo. Eu por exemplo que sou cunhado do Zequinha, que sou, ele é meu sobrinho, a mulher dele [João Ananias] é minha sobrinha, houve pra mim um grande desgosto, esse desgosto ainda hoje eu tenho, por que eu não pude ficar com meu irmão, e outros irmãos meus também, deixamos de ficar com ele, meu irmão, pra ficar com o João Ananias (Antônio Galvino Arcanjo - ex-presidente da Câmara Municipal e vereador por vários mandatos - irmão de José Arcanjo Neto).

Depois de trinta anos na oposição, a facção de José Arcanjo Neto torna-se governo por meio da eleição de João Ananias Vasconcelos Neto. Entretanto, antes que terminasse a primeira gestão deste “novo” ciclo político, ocorre novamente uma reconfiguração nas facções políticas locais. A demanda em torno das atividades filantrópicas de José Arcanjo Neto, que outrora havia causado conflitos, e a posterior ruptura com Francisco das Chagas Vasconcelos, em 1959, novamente reaparece e provoca o rompimento com João Ananias Vasconcelos Neto.

O fim da ditadura militar no Brasil marca definitivamente, de diferentes maneiras, as trajetórias políticas de Francisco das Chagas

Vasconcelos, José Arcanjo Neto e João Ananias Vasconcelos Neto. Chagas Vasconcelos perde importância na política regional ao deixar de ser um dos baluartes contra o regime militar no Ceará. Cada vez mais seu poder político se restringe aos limites geográficos de Santana do Acaraú. O último cargo político que ocupou foi o de vereador da Câmara Municipal local, em 1992. Por outro lado, os políticos estaduais pró-ditadura militar que davam suporte as ações filantrópicas de José Arcanjo Neto também perdem a hegemonia política no Ceará. Já João Ananias Vasconcelos Neto passa a se destacar no cenário político regional com experiências administrativas ligadas à participação popular na gestão do executivo local.

Nesse novo cenário, João Ananias Vasconcelos Neto se tornaria o novo chefe político a rivalizar com Francisco das Chagas Vasconcelos. José Ananias Vasconcelos, com a saúde debilitada, se afastaria definitivamente das disputas políticas e José Arcanjo Neto passaria a atuar isoladamente por alguns poucos anos nos bastidores da política local apoiando os adversários de João Ananias Vasconcelos Neto.

Já mais no fim da vida, o Chagas já tinha tido várias derrotas. O João Ananias tomou muito o papel do Chagas, inclusive uma política muito semelhante a do Chagas. E o Chagas sofreu várias derrotas, perdeu muito prestígio, ficou mais aqui dentro, não tinha mais influência fora. Meu irmão, José Arcanjo, tinha uma dor do cotovelo horrível. Ele queria muito bem ao Chagas, aquela briga fazia um mal imenso a eles. Sempre desejou terminar a vida unidos. E terminaram se unindo. Já no final ficaram muito amigos um do outro (Raimundo Nonato Arcanjo – irmão de José Arcanjo Neto).

As sucessivas vitórias de João Ananias Vasconcelos Neto no executivo local e, conseqüentemente, o ostracismo político de José Arcanjo Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos coincidem com a reaproximação pessoal dos três primos. A interrupção dos conflitos políticos entre eles acaba reforçando seus laços familiares.

A partir de 1989 a facção de João Ananias Vasconcelos Neto renovou sua liderança na prefeitura local, elegendo prefeitos que traziam como mote de campanha a “participação”. Em 2008, o grupo de João Ananias Vasconcelos Neto perderia a hegemonia na política local para remanescentes da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos.

Figura 6 – Cartaz das eleições municipais de 2008. José Ananias Vasconcelos, João Ananias Vasconcelos Neto e Edinaldo. Avô, filho e neto - três gerações de políticos de uma mesma família



Durante cerca de quarenta anos os conflitos políticos estabeleceram ininterruptamente clivagens entre os membros da família Arcanjos e Vasconcelos, especialmente entre os três primos (José Arcanjo Neto, Francisco das Chagas Vasconcelos e José Ananias Vasconcelos). Entretanto, tais divisões não ficam

restritas às famílias dos políticos profissionais. Como argumentaremos no próximo capítulo, a política, tal como é percebida e vivenciada em Santana do Acaraú, de tempos em tempos suspende ritualmente as relações de amizade, vizinhança e parentesco para o conjunto da sociedade santanense e estabelece um tempo de conflitos ritualizados durante o período que os moradores locais chamam de “tempo da política”.

4. INCURSÕES EM SANTANA DO ACARAÚ EM “TEMPO DE POLÍTICA”

Domingo, 8 de junho de 2008, na sede do município de Santana do Acaraú, como de costume, após o término da missa noturna, muitos santanenses regressam para suas residências, entretanto, um número significativo deles se reúne na Praça do Congresso para lanchar, bater papo, assistir tevê em alguns dos estabelecimentos que fazem daquele local o principal ponto de encontro do município.

Naquela noite, no início da apresentação do *Fantástico* - programa de grande audiência veiculado pela Rede Globo de Televisão - muitos santanenses foram surpreendidos por um “apagão” que deixou o município completamente às escuras. O que poderia ser apenas um blecaute ocasional, em poucas horas ganharia conotações políticas e repercussão nacional.

A “reportagem especial” de abertura do “Fantástico” exibida, naquele domingo, denúncias de um suposto esquema de corrupção em licitações públicas envolvendo uma prefeitura e duas empresas pertencentes a uma mesma família, e o descaso com a educação em um município do interior do Ceará. As chamadas do programa não explicitavam o nome do município, o apresentador do programa apenas anunciava com um livro didático em mãos – “Conheça a cidade do interior do Ceará onde livros são jogados no lixo!” Tratava-se de Santana do Acaraú.

O “apagão” impediu que a reportagem fosse veiculada em Santana do Acaraú. Mas, ainda naquela noite, quando o abastecimento de energia foi restabelecido, um grupo de pessoas que supostamente sabia do conteúdo da reportagem, providenciou uma cópia da matéria na internet. Carros de som percorreram a sede convocando os moradores para assistissem à matéria que foi exibida na praça mais movimentada do município.

A reportagem denunciava a corrupção em licitações públicas no município. De acordo com a matéria do “Fantástico”, duas empresas de uma mesma família venciam as licitações com propostas orçamentárias idênticas. O programa denunciava também que as obras públicas não eram realizadas e que material didático era jogado indiscriminadamente no lixo.

Nas semanas seguintes, o “apagão” foi alvo de várias outras matérias veiculadas regional e nacionalmente pelos meios de comunicação. O episódio chegou a ser debatido algumas vezes na Assembleia Legislativa do Ceará. Em resposta às denúncias veiculadas na mídia, uma grande manifestação em favor do prefeito Antônio de Pádua Arcanjo, Totonho (PC do B) reuniu, no Alcione Clube, várias lideranças comunitárias, alguns prefeitos e vice-prefeitos da região norte do Ceará, deputados estaduais, um senador e o secretário de Saúde do estado, João Ananias Vasconcelos Neto.

Não convém aqui analisar a veracidade ou não das denúncias, nem apontar os possíveis responsáveis pelo blecaute, mas sim, compreender as repercussões e as apropriações geradas pela notícia em Santana do Acaraú. Todavia, só é possível compreender esses elementos se situarmos tal evento num contexto que antecede as eleições municipais de 2008.

Dessa forma, tanto a produção da reportagem – que para alguns foi encomendada pelos adversários do prefeito – quanto a interrupção da energia elétrica – que para outros foi fruto de um atentado de partidários do prefeito para impedir a veiculação da matéria –, foram interpretados como expressões dos conflitos políticos entre as facções rivais que disputam o poder local. Nesse sentido, tais eventos foram traduzidos pelos moradores locais como indícios que sinalizavam a proximidade e o tom daquilo que os santanenses chamam de “tempo da política”.

4.1 SEMPRE É TEMPO DE POLÍTICA

A política é identificada pelos moradores com a época das eleições; existe um “tempo da política” que corresponde ao período eleitoral. Contudo, constatamos também que entre os santanenses a política é compreendida e vivenciada de diferentes maneiras. Se para uma parte da população local a política é associada aos conflitos característicos do período eleitoral, para os políticos profissionais a política tem um caráter permanente³⁴.

Quando levamos em consideração que atualmente as eleições brasileiras ocorrem com a periodicidade de dois anos, percebermos que se na eleição local os chefes políticos aqui estudados testam seu prestígio apoiando ou mesmo concorrendo como candidatos, na eleição estadual e federal eles colocam à prova sua influência na condição de cabos eleitorais de candidatos de outras esferas, isso quando não disputam eles mesmos tais cargos.

³⁴ Sobre o cotidiano da atuação dos políticos profissionais ver Heredia (2002), Bezerra (1999) e Kuschnir (1999) e (2000).

Hoje é a cada dois anos [eleições], é praticamente sai de uma campanha a pessoa já fica pensando na outra... principalmente quando se aproximam das campanhas municipais que são as que têm mais emoção, mais calor (João Ananias Vasconcelos Neto - chefe político em Santana do Acaraú).

Desta forma, constatamos que existe uma preocupação constante com o processo eleitoral na carreira do político profissional. A renovação do seu mandato é colocada em xeque a cada pleito, desta continuidade depende seu poder em nomear membros do seu séquito para uma das esferas do aparelho administrativo do estado, além da possibilidade de mobilizar mais recursos públicos e privados para atender as demandas da sua clientela.

Evidentemente que o poder de prestar favores não depende exclusivamente da posse de um mandato. José Arcanjo Neto, por exemplo, apesar das inúmeras derrotas que acumulou contra Francisco das Chagas Vasconcelos, era politicamente articulado com pessoas influentes nos governos estadual e federal, especialmente com o ex-governador do Ceará, Virgílio Távora (1963-1966). Para usar os termos de Kuschnir (2000), José Arcanjo Neto tinha acessos e, mesmo sem ocupar um cargo eletivo, promovia várias ações filantrópicas em Santana do Acaraú com verbas públicas estaduais e federais, além de intermediar o ingresso de inúmeras pessoas no serviço público, coisa que Francisco das Chagas Vasconcelos não conseguia.

A preocupação contínua com o processo eleitoral fica evidente se observarmos os longos conflitos (renovados a cada dois anos desde a década de 1960), entre Francisco das Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto, descritos no Capítulo 2. Quando não disputavam diretamente vagas na Assembleia

Legislativa Estadual, estavam indiretamente disputando o Executivo local através do engajamento obstinado na campanha de um dos seus seguidores.

Desta forma, mesmo com o final das eleições, os conflitos entre os políticos não são completamente interrompidos. Nas diferentes esferas do poder legislativo, a posse dos candidatos eleitos inaugura uma série de outras rivalidades que acontecem no decorrer dos seus mandatos, da qual a população só participa como plateia. É o caso, por exemplo, das disputas pela presidência da câmara de vereadores, onde a eleição de um correligionário muitas vezes é interpretada pelos políticos como um passo fundamental na governabilidade do Executivo, na formação das Comissões Permanentes e na definição da “corrida eleitoral” do próximo pleito³⁵.

Entretanto, mesmo na ótica dos políticos profissionais, existem diferenças qualitativas na sua relação com seus pares entre o período em que exercem o mandato e o período em que disputam eleições. O material etnográfico trabalhado por Kuschnir (1996) sobre a prática legislativa na cidade do Rio de Janeiro é exemplar nesse sentido. Analisando a prática cotidiana da política, a autora constata que a competição entre os candidatos a vereador durante o pleito cede lugar, no exercício do mandato, à busca do “bom trânsito”. Conforme a autora:

³⁵ Os dados etnográficos trabalhados por Marcos Otávio Bezerra (1999) sobre o cotidiano da ação parlamentar no Congresso Nacional reforçam o caráter permanente da política entre os políticos profissionais. O autor analisa esmiuçadamente as disputas dos parlamentares pela presidência e relatorias das Comissões com maior peso orçamentário. Segundo ele, a busca por cargos chaves, por recursos públicos federais para estados e municípios, pela aprovação de emendas individuais e alocação de recursos nos ministérios fazem parte de uma complexa rede de relações pessoais que envolvem desde as “bases eleitorais”, sobretudo prefeitos, até parlamentares estaduais, governadores, ministros e empresários.

Para cada político, individualmente, a possibilidade de fazer alianças nos momentos de disputa está diretamente relacionada com sua disposição de concordar nesses momentos de unanimidade tácita. Querer aprovar um Projeto de Lei de sua autoria é um dos primeiros motivos que levam um vereador a compreender a necessidade de buscar apoio dos outros vereadores, mesmo daqueles que a princípio são seus adversários ou discordam de suas idéias. Para muitos vereadores, o exercício do mandato só tem sentido se for capaz de produzir as maiorias necessárias às vitórias em plenário e à aprovação de seus Projetos de Lei. Por isso, existe a necessidade diária de articular adesões à sua própria causa (KUSCHNIR, 1996, p.102).

Os momentos de concordância – “bom trânsito” – e as rivalidades que surgem nas diferentes disputas em que os políticos se envolvem dentro e fora do mandato só fazem sentido se levarmos em conta que a noção de adversário se restringe aos políticos com os quais se disputa em determinado momento o mesmo cargo e o mesmo perfil de eleitores (HEREDIA, 2006, p.167).

Além do exercício do próprio mandato, entre um pleito e outro existe também uma série de atividades que mobilizam os políticos tendo em vista as próximas eleições, como por exemplo, os encontros regionais e municipais que avaliam o desempenho da agremiação no último pleito e promovem novas articulações políticas. Com a proximidade do ano eleitoral, esses encontros se tornam constantes e objetivam arregimentar novos filiados e definir quem serão os candidatos para a disputa proporcional e majoritária.

Entretanto, mesmo os conflitos políticos sendo vivenciados como algo permanente, no período eleitoral eles, ganham conotações singulares para os políticos profissionais. Nessas ocasiões liminares, quando a continuidade do próprio cargo é colocada em xeque, os políticos são reduzidos à condição de candidatos³⁶.

³⁶ Estou me referindo neste caso aos políticos que já exerceram mandatos anteriormente.

Tal fato altera qualitativamente a conduta dos políticos e as expectativas que a população local tem dos seus comportamentos. Por exemplo, se no decorrer dos mandatos os políticos são procurados constantemente pela população para solucionar as mais variadas espécies de demandas, com a instauração do “tempo da política” a situação se inverte, e são eles que tomam a iniciativa de procurar seus eleitores. A narração da queixa de um agricultor no Conselho é bastante elucidativa sobre esse fato:

[...] Na época da campanha vocês não me deixam nem tomar um banho, quando a gente chegava na metade do caminho para ir para o banheiro, vocês batiam na porta, se voltava tinha dois ou três para atender, eu voltava chegava no meio da sala já tinha chegado dois de novo, por que é que agora vocês não vão mais? Por que vocês deram quinhentos tijolos a um, saco de cimento a outro, dez reais a outro e agora não pode mais fazer nada? Vocês foram eleitos por nós, para trabalhar por nós. Aí eles ficaram todos caladinhos. Aí eu disse assim: “mas eu, porque sou um cachorro, vou agüentar igual ele, tomando vitamina, para quando vocês forem de novo na outra eleição, aí quando vocês entrar, eu fecho a porta e solto o cachorro” (Representante da Comunidade do Povo Unido do Bairro do Pedregal).

É nesse sentido que muitos santanenses recorrem à expressão “os políticos só aparecem na época da política”. Tal fato é especialmente válido para aquelas pessoas que residem na zona rural, onde os políticos locais não são facilmente encontrados no dia-a-dia. Sem trânsito livre nas fazendas dos chefes políticos locais e afastadas da sede do município, portanto distantes fisicamente da prefeitura e da câmara de vereadores, o contato com os políticos, para muitas pessoas dessas localidades, se restringe ao período eleitoral. Esse é o tempo em que se espera que os políticos-candidatos deixem os limites das suas fazendas ou se desloquem até a zona rural para visitar individualmente as casas dos moradores locais. É o tempo dos firmes apertos de mãos, de ser tratado pelo

primeiro nome e de ter suas histórias ou demandas escutadas atentamente pelos políticos-candidatos.

A instauração do “tempo da política” não envolve somente os políticos que residem no município. Com o início do “tempo da política” é que os políticos profissionais atuantes em outras esferas (Assembleia estadual e Congresso Nacional) paralisam suas atividades nos parlamentos durante o “recesso branco³⁷”.

4.2 PRÉVIAS DO “TEMPO DA POLÍTICA”

Note-se que a ruptura com o cotidiano, instaurada pelo “tempo da política” em Santana do Acaraú, não começa necessariamente com o calendário estabelecido oficialmente pela Justiça Eleitoral. Por exemplo, para aquelas pessoas próximas às cúpulas das facções, o tom que assumem as declarações de possíveis pré-candidatos que pleiteiam a indicação do grupo para a disputa majoritária local e o convite para as *reuniões* sinalizam os primeiros “movimentos políticos”, ou seja, são interpretados como indícios da proximidade do “tempo da política”.

Nesse período começa as cobranças de candidaturas, quem é quem, o povo próprio começa a se preocupar mais... quais serão os candidatos, quem serão os candidatos, ficam muitas vezes cobrando o início de reuniões, de movimentos políticos eleitorais, eles cobram. Em Santana o povo é muito participativo disso (João Ananias Vasconcelos Neto - chefe político em Santana do Acaraú).

³⁷ O termo “recesso branco” é usado para designar o período em que os parlamentares nas diferentes esferas - Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas Estaduais - regressam para suas bases eleitorais, estados e municípios, para participar da campanha eleitoral de seus partidários locais. Tal recesso não é previsto em lei, formalmente, as casas legislativas permanecem abertas, entretanto, como os parlamentares priorizam as eleições locais, a falta de quórum inviabiliza qualquer tipo de votação nesse período.

Todo mundo percebe pelo trabalho que os possíveis candidatos começam a desempenhar. Agora mesmo ainda está longe, mas já dá para ver. O trabalho de um, de outro e de outro despontando como quem queira ser o candidato... Pelo trabalho de determinadas pessoas, que o povo acha que serão os prováveis candidatos, e muitas vezes nem é. Agora mesmo tem um servindo o povo, ajudando, aparecendo e no entanto possivelmente não será ele (Antônio Galvino Arcanjo - ex-presidente da Câmara Municipal e vereador por vários mandatos – irmão de José Arcanjo Neto).

Todavia, nem todos santanenses têm a capacidade de enxergar e anunciar os indícios dessa temporalidade. Tal habilidade parece estar diretamente relacionada com a proximidade dessas pessoas com o universo político e, desta forma, ao acesso a informações privilegiadas sobre os bastidores da política local. Também devemos levar em consideração que ao mesmo tempo em que essas pessoas proferem os indícios dos “movimentos políticos”, elas estão, simultaneamente, contribuindo para criar tais realidades. Nesse sentido, tais proferimentos não se limitam a contatar ou descrever fatos, já que nesse caso dizer também é fazer.

Segundo Peirano, “... falar também é uma forma de agir, como qualquer outro tipo de fenômeno: falar e fazer têm, cada um, sua própria eficácia e propósito, mas ambos são ações sociais” (PEIRANO, 2003 p.11). Austin (1990) observa que a linguagem é uma ação, uma forma de agir sobre o real. Determinadas sentenças também são ações – atos de fala. Num só pronunciamento é possível realizar diferentes atos de fala. Quando, por exemplo, um membro de uma das facções diz para seu companheiro: “já começaram a fazer política”, referindo-se aos membros da facção adversária, ele está

realizando simultaneamente três atos de fala. O primeiro deles Austin chama de *ato locucionário*, ou seja, a própria ação de proferir a frase. O segundo é o *ato ilocucionário*, neste caso, ao dizer “já começaram a fazer política” o emissor não tem a simples intenção de constatar uma situação, mas a de modificar a realidade ao advertir seus companheiros para o fato da facção rival estar se antecipando ao período eleitoral. Já o *ato perlocucionário* produz um efeito nos ouvintes através do que foi proferido. No exemplo exposto, evoca seus companheiros a tomar alguma atitude em relação aos rivais.

Frequentemente ocorrem polêmicas quando é anunciado que algum político está se antecipando ao “tempo da política”. A exposição excessiva de um possível candidato ao lado do prefeito em aparições públicas, eventos sociais ou inaugurações de obras muitas vezes passa a ser questionada pelos membros da própria facção que também almejam tal indicação, ou ainda por membros da facção rival que passam a acusar seus adversários de já estarem fazendo política.

Apesar do Tribunal Regional Eleitoral – TRE - estipular um período oficial de propaganda intrapartidária para nomeação dos candidatos nas convenções, tais disputas também antecedem tal período. Destarte, para os membros das cúpulas das facções, uma disputa eleitoral municipal começa muito antes de serem registradas oficialmente as candidaturas.

No cenário eleitoral de 2008, com a impossibilidade de um terceiro mandato de Antônio de Pádua Arcanjo – Totonho (PC do B) - para a prefeitura de Santana, a partir do segundo semestre de 2007 começaram a ser discutidos, dentro do núcleo duro de cada uma das facções, quais seriam os possíveis nomes que representariam os grupos na eleição majoritária local. Durante esse

período, que se estendeu até as convenções partidárias em junho de 2008, foram frequentes as *reuniões* convocadas pelos pré-candidatos para conquistar adesões no interior das facções. As próprias cúpulas das facções realizam sondagens junto à população local para analisar o grau de aceitação ou rejeição dos pré-candidatos majoritários.

Nos meses que antecederam as convenções partidárias de 2008, os nomes mais cotados para representar a facção de João Ananias Vasconcelo Neto eram Sandra Maria Farias³⁸ e Antônio Helder Arcanjo - Heldinha³⁹. Os remanescentes da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos - PMDB - que estavam há quase vinte anos sem eleger um prefeito, se uniram na coligação - PMDB,PSDB,PT,PTB,PP- em torno do nome de José Maria Sabino⁴⁰.

Observa-se, diante dessa conjuntura, que as eleições são acima de tudo uma oportunidade para migrações entre facções (PALMEIRA, 1992). É no “tempo da política” que se abre um espaço temporal para a reconfiguração dos

³⁸ A engenheira agrônoma Sandra Maria Farias fazia parte do grupo de João Ananias desde seu primeiro mandato como prefeito de Santana, em 1989. Na época, Sandra foi a Secretária de Agricultura atuando na reforma agrária e em assentamentos rurais. Afastou-se da prefeitura na gestão de Ari Fonteles (1992-1996), voltando a ocupar a Secretaria de Agricultura no segundo mandato de João Ananias (1996-2000). Em 2000, foi eleita vereadora, cargo que abriu mão para continuar à frente da Secretaria de Agricultura na gestão de Aldeny Farias (2000-2004). No pleito de 2004, foi a vereadora mais votada. Tal fato parece ter sido um elemento muito importante para o prestígio político de Sandra no interior da facção. Desta forma, para parte de seus correligionários sua votação expressiva na eleição proporcional a credenciava para ser a próxima candidata majoritária nas eleições 2008.

³⁹ Já o enfermeiro Antônio Helder Arcanjo – Heldinha – nunca havia participado como candidato de uma eleição municipal. Ele ocupava a Secretaria de Saúde na gestão de Totonho desde 2006. Heldinha tinha o prefeito como seu principal cabo eleitoral, além de ser membro da família Arcanjo o que, para muitos membros da facção de João Ananias Vasconcelos Neto, era um fator relevante.

⁴⁰ José Maria Sabino atua como advogado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Em 2004, candidatou-se à prefeitura pelo Partido dos Trabalhadores. Em 2008, filiou-se ao PMDB.

arranjos de compromisso pactuados entre duas eleições, já que em outros momentos esses rearranjos seriam interpretados como ingratidão ou traição.

[...] Entre duas eleições muita coisa se passa: conflitos interpessoais inviabilizam a permanência de duas pessoas na mesma facção; favores de diferentes fontes criam para um mesmo indivíduo ou para a mesma família problemas de lealdade, e assim por diante. O tempo da política é que vai permitir mudanças de fronteira capazes de readequar a sociedade à imagem que ela se faz dela própria (PALMEIRA, 1992, p.29).

É por meio dos conflitos intra e intergrupais durante o “tempo da política” que as fronteiras das facções vão se redefinindo e ganhando publicidade. Desta forma, no caso da eleição majoritária, o processo de escolha dos candidatos não coloca em xeque apenas o prestígio das pessoas que pleiteiam a indicação do partido. Coloca à prova, também, a capacidade do chefe político local em administrar as pretensões dos pré-candidatos, ao mesmo tempo em que desafia a manutenção e o reforço da coesão grupal ao tentar não tornar públicos os conflitos internos da facção.

Em algumas ocasiões, o poder de escolha do chefe político local ou os acordos costurados durante pleitos anteriores, definem *a priori* o nome do candidato que vai concorrer à eleição majoritária⁴¹. E há, ainda, situações em que o próprio chefe político disputa o cargo majoritário local. Nessas circunstâncias, a convenção partidária homologa tal indicação⁴².

⁴¹ O processo de escolha de José Aldeny Farias como candidato prefeito nas eleições de 2000 pela facção de João Ananias Vasconcelos Neto é exemplar nesse sentido, assunto tratado no próximo capítulo.

⁴² São exemplos disso a candidatura de Francisco das Chagas Vasconcelos (1996 e 2000) e de João Ananias Vasconcelos Neto (1996) ao executivo local.

Todavia, a convenção partidária não significa apenas uma mera formalidade. Tal ritual serve, também, para reafirmar internamente a superação dos conflitos internos nascidos nos embates das pré-candidaturas majoritárias e demonstrar externamente, seja para a população ou para a facção rival, que o grupo saiu coeso desse processo.

Analisando o processo de escolha dos candidatos majoritários no pleito de 2008, foi possível perceber que, dependendo da maneira como este foi conduzido, as facções podem sair fortalecidas (demonstrando a força da sua coesão grupal), ou, ainda, ter sua unidade questionada ao expor as clivagens intragrupais para seus rivais e para a população em geral. O processo de escolha de Sabino pela facção do PMDB parece se aproximar do primeiro exemplo. Já na disputa entre Sandra e Heldinha os conflitos internos da facção de João Ananias Vasconcelos Neto ficaram mais expostos.

Vale ressaltar que os conflitos que transpareceram no processo de escolha do candidato da facção de João Ananias Vasconcelos Neto não eram provenientes exclusivamente daquele momento. No decorrer do segundo mandato de Totonho (2004-2008), os partidários de João Ananias Vasconcelos Neto se polarizaram entre os apoiadores formais da gestão de Totonho e um grupo de pessoas descontentes com o prefeito. Todavia, esses conflitos permaneciam latentes e ambos os subgrupos ainda se mantinham fiéis à liderança de João Ananias Vasconcelos Neto. Tais clivagens somente eclodiram e se tornaram públicas durante o processo de escolha do candidato ao executivo local⁴³.

⁴³ Depois de eleito deputado estadual pelo PC do B em 2006, João Ananias tornou-se Secretário de Saúde do Estado do Ceará. Enredado por questões políticas estaduais, aos poucos viu surgir de longe sérias clivagens no interior da sua facção local.

Em uma *reunião* ocorrida em maio de 2008, Sandra foi provisoriamente escolhida como representante da facção. Entretanto, nas semanas seguintes, o subgrupo próximo ao prefeito realizou uma série de manifestações que percorreram a sede do município clamando pela candidatura de Heldinha.

Em uma nova *reunião* em junho, sem a presença dos partidários de Sandra, Heldinha foi escolhido como candidato pelo partido. Todavia, a indicação de Heldinha não foi consensual e o caso foi levado ao Fórum Eleitoral local, onde o processo de escolha do candidato foi questionado por não atingir o quórum mínimo e ter suas atas falsificadas. Dessa forma, a juíza eleitoral de Santana do Acaraú negou o registro da candidatura.

No interior da facção de João Ananias Vasconcelos Neto, a indecisão sobre quem representaria o grupo predominou até a data limite estabelecida pelo Tribunal Superior Eleitoral – TSE. Mas, um recurso no Tribunal Regional Eleitoral (TRE-CE) homologou a candidatura de Heldinha pela da coligação PC do B, PSB, PV e PDT.

Tal ocasião foi um momento estratégico para a facção adversária arregimentar novas adesões dentre os membros descontentes da facção de João Ananias Vasconcelos Neto e ainda demonstrar para população a falta de união dos seus concorrentes. Insatisfeita com o resultado, Sandra e uma série de membros da facção de João Ananias Vasconcelos Neto “viraram”, ou seja, migraram para a facção rival e passaram a apoiar o candidato da oposição.

Os membros remanescentes da facção de João Ananias Vasconcelos Neto ficaram divididos em dois subgrupos: o primeiro reunia pessoas que, mesmo solidarizando-se com a candidatura de Heldinha,

mantinham críticas severas ao prefeito Totonho; o segundo apoiava incondicionalmente o prefeito Totonho. Com exceção deste último, era consensual que o principal obstáculo de Heldinha não era Sabino, e sim, o prefeito Totonho, seu principal cabo eleitoral, pois era em torno dele que os principais conflitos no interior daquela facção ficavam expostos publicamente.

4.3 INCURSÕES EM “TEMPO DE POLÍTICA”

Definidos os candidatos majoritários que representam cada uma das facções nas eleições municipais, o embate eleitoral ganha outras conotações. Se antes da instauração do “tempo da política” os conflitos ocorriam preferencialmente no interior das facções, em torno da escolha dos candidatos majoritários, com a instauração desta temporalidade há uma publicização dos conflitos intergrupais e as facções passam a existir plenamente⁴⁴.

Foi nesse cenário que cheguei ao final de uma tarde de setembro de 2008, para acompanhar *in loco* o último mês da campanha eleitoral em Santana do Acaraú. O som dos fogos de artifício pipocando pela sede anunciava o clima festivo que tomava conta do município. Ao desembarcar, encontrei, em frente a um posto de combustíveis, um grupo de pessoas cantando e dançando entusiasmadamente ao ritmo da seguinte música:

⁴⁴ Vale ressaltar que, no caso da eleição proporcional, a dinâmica é outra. Como nos lembra Heredia (2006), muitas vezes o maior adversário de um candidato a vereador não é necessariamente o candidato da facção rival, mas sim, o candidato da mesma facção que disputa o mesmo perfil de eleitor. Entretanto, tais rivalidades são constantemente dissimuladas, como por exemplo, num estratagema de eficácia duvidosa em que os cabos eleitorais de um candidato disseminavam, entre os eleitores da facção, que um outro candidato a vereador do grupo já teria alcançado votos suficientes para se eleger. Desta forma, sugeriam que os eleitores não desperdiçassem seus votos.

Do lado de lá a coisa está feia / Do lado de cá o trêm tá bom demais/ Do lado de lá não tem flor é só espinhos/ Do lado de cá está tudo na santa paz/ Do lado de lá não tem carinho/ Do lado de cá esta sobrando paixão/ Do lado de lá não tem flor é só espinho/ Do lado de cá ja é teu meu coração/ Do lado de cá só tem felicidade/ Do lado de cá estou morrendo de saudade/ Do lado de cá não tem tempo ruim/ Do lado de cá o amor nunca tem fim/ Larga de bobagem deixa disso e vem pra cá/ Vê se cria coragem e manda a solidão pra lá/ Agora é a hora de você ser mais feliz/ Você perto de mim é tudo que eu sempre quis⁴⁵.

Caminhando pelas ruas da sede do município até a pousada em que costumeiramente me hospedava, percebi que o aparente sossego e a tranquilidade que tanto me chamaram à atenção nas inúmeras vezes que havia visitado Santana tinham se transmutado na eufórica dicotomia descrita na letra daquela música - “Do lado de cá/ do lado de lá”. Já na pousada, um dos meus informantes de longa data de pronto, ironicamente, exclamou: “é tempo da política é tempo de festa!”, deixando claro que não compartilhava completamente da euforia que tomava conta do município naquele período. Em suas palavras:

A cidade fica completamente movimentada, barulho, carro de som, foguetório tudo muda completamente. É uma cidade tida como pacata, mas nesses períodos, que é o período da política, aí muda completamente, o clima, a agitação, fica completamente mudado. No dia-a-dia é completamente calmo, pacífico, a cidade volta ao normal, calma, entre em contraste com o período da política. Porque fica sempre calma, não acontece nada. *Quando começa o primeiro comício partidário daí começa o pessoal a se movimentar e se acirrar.* Uma boa parte da população fica muito mais a participar da euforia, da festa, uma boa parte aproveita como festa. Sobe em todos os carros, vai para todos comícios, vai para as passeatas, principalmente o pessoal da classe dos proletariados, o pessoal que mora nas periferias. Alguns até se pronunciam que querem aproveitar a festa e que só no dia das eleições é que vão ver para quem votar. E tem aqueles que se mantêm mesmo partidariamente fiéis aos

⁴⁵ A música “Do lado de cá” é de autoria de Nilson Freitas. Ela também foi utilizada em vários outros municípios do interior do Ceará para expressar as divisões e conflitos instauradas pelo aparecimento das facções durante o período eleitoral.

seus candidatos e participam, não perdem um comício, todos os comícios que tem, seja em qualquer ponto o município (Pequeno Empresário).

O “tempo da política” representa uma quebra no cotidiano desse pequeno município. Entretanto, nem todos percebem essa ruptura da mesma maneira. Para aquelas pessoas próximas às cúpulas das facções, o “tempo da política” surge gradativamente, sendo gestado desde os primeiros movimentos dos pré-candidatos até a homologação das candidaturas. Para o restante da população, o “tempo da política” passa efetivamente a existir com início dos comícios.

Figura 7- O comício é o ponto culminante de um dia repleto de eventos da política



Deste modo, o “tempo da política” é vivenciado como um período de festas, manifestado nos rituais de comensalidade, nas carreatas, nas passeatas e nos comícios, eventos que historicamente têm marcado o período eleitoral, como podemos perceber na lembrança nostálgica de um santanense referindo-se ao cenário das eleições nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX.

O comércio vendia mais cachaça e mais foguete. Os casamentos [risadas]. As moças ajudavam mais [risadas]. Mas mudava o clima, uma cidade parada, que não tem nada. Comércio fecha meio-dia só abre quatro horas da tarde. A noite chega aqueles namoradinhos e tal tal. Hoje está bem diferente, mas aquela época você tinha uma avenidazinha, uma pracinha você ia lá para flertar com a menina, não pegava nem na mão dela. Os homens iam beber cachaça, outros iam para igreja rezar. Então nessa época de política o negócio ficava mais aferventado, tinha as festas dançantes... e tudo tem o sexo no meio[risadas]. Então mudava assim, na cidade se comprava uma roupa nova, o comércio vendia um tecido a mais, um sapato a mais... besteira...coisa muito pequena, não modificava assim. Havia uma alienação total, uma inconsciência do que era aquilo. Era um festão ... “ô, é tempo de eleição, é tempo de festa!”. Era uma grande quermécia e os produtos a pior qualidade em cima do palanque. Até as coisas eram mais falantes, mais trabalhadas. Hoje a negada pega as coisas coloca em cima do caminhão e sai rodando aí, é mais prático. Mas pra mim os palanques ainda tinham as palhas de coqueiro... o povo nem bota mais (Escritor e Artista Plástico).

O “tempo da política” está imbricado com mudanças substanciais no cotidiano dessa localidade, pois cria novos espaços de sociabilidade, movimenta a economia local e instaura um clima festivo que mobiliza direta ou indiretamente todo o município. Desta forma, o “tempo da política” não se limita à escolha de um novo governo local e nem necessariamente está restrito aos detentores de títulos eleitorais.

Todavia, além dessa dimensão lúdica, o “tempo da política” também é um período de competição e conflitos expressos nas novas clivagens sociais

que dividem pessoas que, em outros momentos, estariam unidas por relações de parentesco, amizade ou vizinhança⁴⁶.

Aqui no Sapó [distrito de Santana] é uma política muita... sabe, o povo é contra. Porque a maioria da gente é pouca, devido a maioria ser pouca [refere-se aos membros da sua facção] do lado de lá é mais. Fica uma política muito quente, violenta e perigosa. Porque você sabe, tem que torcer para o lado da gente, por causa disso existe os fogos, o outro lado não gosta....Aqui geralmente no tempo de campanha tudo é intrigado para começar, de um lado com outro. Estou eu aqui, sou do PC do B, eles acolá do PSDB. Nós estamos intrigado, nós se intriga, e assim é os eleitores também. Os eleitores de lá... passou a política tudo é aqui, dentro da política tudo se intriga.... Ninguém tem conversa, cada qual passa o seu lado. Aí vem a parte os fogos. A gente começa a soltar fogos... Tem o comício, a gente vai tem o ônibus, tem o carro, aí a gente solta fogos e isso começa. Eu gosto, eu sou muito político, e eu também faço a minha parte, eu também não vou temer. Arrisco até a vida, por que eu estou falando, é perigoso... Um ano como esse já começou. Esse ano começou mais cedo. O negócio já está quente, como se diz... de ninguém se cheira mais.... Chega uma pessoa e diz: “embora me ajeitar aqui, eu sou do outro lado, mais lá não consegue essas coisas”... aí a gente vai em Santana e consegue uma operação. Aí, devido isso eles acham que a gente está trazendo eleitor... e a gente tem o interesse de trazer, aí a gente começa a intriga por isso daí. Começa a fazer piada...esculhamba o candidato, e a gente sente.. Se revolta e ofende o candidato deles também e assim por diante. Tanto é que numa dessas, têm três, quatro de um lado... as vezes eles querem partir para cima. A gente também não quer se entregar, aí começa é desse jeito. Ninguém pode deixar por baixo, eu não deixo passar. Agora eu nunca apanhei, nunca me bateram... é só discussão... Eu gosto da política mas com respeito... respeitando eles, mas na hora a gente se enfeza e se zanga e a gente diz algumas palavras que se arrepende depois, mas já tem dito e deixa passar... O Sapó, tirando a política, é um lugar bom, é um povo muito servidor. Agora dentro da política o negócio pega fogo. Passou a política é um povo servidor, um povo amigo (Líder Comunitário do distrito do Sapó – partidário da facção de João Ananias Vasconcelos Neto).

É possível perceber, no depoimento citado acima, como operam os vários mecanismos competitivos acionados durante o “tempo da política”.

⁴⁶ A ambiguidade que cerca a política (festa/conflitos) foi estudada por Palmeira e Heredia (1997) e Heredia (1996). Nesses trabalhos, os autores se debruçaram sobre os conflitos gerados pela presença da política em situações específicas.

Inicialmente, a política pode ser percebida como “muito quente”, “violenta” e “perigosa”, contraposta ao cotidiano – lugar da calma, da amizade, da solidariedade. Entretanto, esta relação é vivenciada ambigualmente: se por um lado o entrevistado valoriza positivamente o cotidiano – “Sapó tirando a política é um lugar bom, é um povo muito servidor” –, por outro, admite que gosta da política: “Eu gosto, eu sou muito político, e eu também faço a minha parte, eu também não vou temer. Arrisco até a vida, por que eu estou falando, é perigoso”. Nessa mesma direção, um outro entrevistado afirmou que a “Política é uma caçacha”, estabelecendo uma comparação entre os malefícios do vício da bebida e os prazeres que ele traz, ambiguidade também presente no período eleitoral, nos conflitos que ele instaura e no prazer que ele sente em participar ativamente desses embates.

Mas, entre os santanenses existem diferentes níveis de engajamento e investimento no “tempo da política”. A intensidade do envolvimento desses dois entrevistados deixa claro que eles se veem completamente absolvidos pelo “tempo da política” numa espécie de *illusio* que é compartilhada por ambos (BOURDIEU, 2004b).

É durante esse período que as facções políticas são claramente identificadas pela população local em um tipo de “conflito aberto/autorizado”. O próprio espaço físico da cidade, nesses períodos, passa a ser demarcado territorialmente entre os partidários de cada uma das facções. Lugares como bares, estabelecimentos comerciais, ruas e praças são associados a uma ou a outra facção por meio de faixas, de cartazes, fogos de artifício, de carros estacionados com a propaganda política, sinalizando assim as adesões.

[...] A cidade o pessoal fica sei lá, eu não entendo bem... o comércio tem a divisão, quem é de outro partido não vai no outro comércio por que pertence ao outro partido. É toda uma divisão, tudo fica baseado na política. Não quer falar com fulano por que fulano é de outro partido. Há essas divisões que a cidade realmente sente. Passou o período eleitoral a coisa se acalma e as pessoas começam a ter uma vida mais normal, corriqueira (Pequeno Comerciante).

Sempre tem os carinhas que nem faz compras na mercearia tal porque o cara é do outro lado. Tem gente que não pisa nem na calçada um do outro de besta. Tem gente que as vezes está doente não vai para o hospital porque o hospital era do outro lado. Vai para Sobral, pega um carro emprestado, não quer dar o braço a torcer e dizer que foi o cara que ajudou. Tem gente que morreu de Santana para Sobral porque não quis ir na ambulância do Arcanjo para ir no carro do Chagas (Escritor e Artista Plástico).

Se fora do período eleitoral a política se confunde com as atividades exercidas pelo núcleo duro da facção no governo local (chefe político local, prefeito, secretários municipais, vereadores entre outros) com a instauração do “tempo da política”, abre-se um período em que se pode falar e vivenciar a política abertamente. Aliás, explicitar o engajamento na época das eleições é quase um imperativo para muitos santanenses, como podemos constatar nos depoimentos que se seguem:

Pessoas sobem o sangue na cabeça. E o seu corpo e sua mente fica dominado por aquele período. E você não tem como se controlar, tanto que depois que passa as pessoas voltam tudo ao normal. É um negócio tão sério esse negócio de política que ela corre nas veias das pessoas sabia? Principalmente em cidades do interior, capital não, o povo quer ver é a melhora da cidade e tudo, no interior eles *lutam em termos de amizade*, essas coisas assim. Lutando pela sua sobrevivência, como eu sempre falo, em época de eleição de deputado é uma coisa, e prefeito é outra. Porque para prefeito cada funcionário da prefeitura é um cabo eleitoral, e é aquela coisa, você está lutando pela sua sobrevivência, pelo seu ganha-pão. Então é uma coisa que corre nas suas veias a *política, mesmo sem querer você acaba entrando, mesmo que você não goste, mas você se envolve demais* (Dona de Bar – grifos meus).

Santana do Acaraú, a política daqui é muito acirrada. *Aqui você é marginalizado se não estiver de um lado. Aqui existe um lado e outro, não existe meio-termo.* E as pessoas que forem até amigos na época da política se não forem do mesmo partido há uma certa raiva, se separam, deixam de falar, é uma coisa muito séria aqui (Pequeno Comerciante – grifos meus).

As formulações dos entrevistados supracitados sobre o período eleitoral são exemplares. Por um lado, destacam a obrigatoriedade da adesão; por outro, chamam a atenção para a inexistência de um meio-termo entre as duas facções. Dessa forma, mesmo não concordando com os mecanismos sociais que podem ser acionados no “tempo da política” (conflito, competição, divisão, suspensão dos laços de amizade, parentesco e vizinhança) os santanenses são chamados a se posicionar, caso contrário, podem ser estigmatizados.

Nesse cenário, o voto, antes de ser um empreendimento estritamente individual e secreto, é um tipo de adesão que envolve e aciona uma série de mecanismos sociais. Cabe aqui a distinção feita por Palmeira e Heredia (2006) e Palmeira (1992,p.27; 1996, p.45-46) entre o voto como “escolha”, teoricamente individual, e o voto como “adesão”, sujeito a certas “lealdades” adquiridas por meio de “compromissos”.

Se o voto-escolha é uma decisão - uma decisão individual, tomada com base em certos critérios, em um determinado momento -, a adesão é um processo que vai comprometendo o indivíduo, ou a família, ou alguma outra unidade social significativa, ao longo do tempo, para além do *tempo da política*. Mas este é um processo diferenciado, que assume feições diversas para diferentes posições ou categorias sociais, e que pode assegurar maior ou menor margem de escolha e de individualização (PALMEIRA, 1992, p.27).

No caso estudado, quando a adesão de uma pessoa ou família não é abertamente sinalizada – com cartazes na frente das residências, com o comparecimento nos espaços delimitados pelas facções, com as cores e números da facção nos meios de transporte e até mesmo no próprio corpo – abre-se espaço para diferentes interpretações. Na ótica dos membros da facção que tradicionalmente recebiam a adesão, hesitar em tomar partido é interpretado como voto não declarado no outro lado. Já do ponto de vista daqueles que ainda não declararam sua posição, tal ação sinaliza que os compromissos confirmados durante pleitos anteriores podem ter sido abalados no intervalo entre uma eleição e outra. Assim sendo, quando não há uma adesão explícita ao outro lado, significa que aqueles laços que são revitalizados em cada pleito, ainda podem ser restabelecidos.

Ainda existem aquelas pessoas que mesmo sem deixar claro de qual lado se posicionam - na linguagem local “ficam em cima do muro” - transitam amistosamente entre os espaços públicos ocupados pelas duas facções. Contudo, acabam sendo estigmatizadas como “leva e traz”, ou seja, pelo fato delas circularem indistintamente despertam suspeitas de repassar informações para a facção rival. Na presença dessas pessoas, as palavras são medidas, as falas constantemente interrompidas, sinalizando, mesmo que cordialmente, certo desconforto com tal audiência. Além disso, elas transitam de maneira restrita, já que não têm acesso aos espaços privados onde se desenrolam os mais importantes “movimentos” intragrupo da facção.

Já entre os santanenses que aderem publicamente a um dos lados em disputa, frequentemente andam em grupos e evitam ser vistos sozinhos nos espaços associados à facção rival. Isso ocorre, por um lado, para não levantar

suspeitas entre seus partidários sobre a firmeza da sua adesão e, por outro, para que seu ato não seja interpretado como uma afronta aos partidários da facção rival.

Entretanto, existem casos de incursões furtivas aos espaços da facção rival. Devido à forte fiscalização da justiça eleitoral, frequentemente essas incursões ocorrem em carros ou motos descaracterizados, com intuito de provocar os adversários com o uso de fogos de artifício, efeitos sonoros, buzinas e paródias musicais.

Essa divisão espacial é circunscrita e ritualizada apenas durante o tempo da política. Tal fato é observável, principalmente, nos postos de combustíveis, nas farmácias e bares que, nessas ocasiões, se tornam ponto de encontro dos partidários das facções. Da década de 1960 até meados dos anos 1980, por exemplo, existiu sazonalmente em Santana do Acaraú a divisão entre os bares dos *Pimba Branca* - partidários de José Arcanjo Neto, e os *Pimba Preta* - apoiadores de Francisco das Chagas Vasconcelos. A partir do final da década de 1980 até as eleições municipais de 2008, tal divisão passou a ser expressa nos espaços sinalizados com Sabugos – séquito ligado a Francisco das Chagas Vasconcelos, e Milho – simpatizantes de João Ananias Vasconcelos Neto⁴⁷.

Vale destacar que a maioria dos estabelecimentos comerciais em Santana do Acaraú é administrado por famílias que possuem laços estreitos de amizade ou parentesco com os membros das cúpulas dessas facções. Evidentemente, também existem estabelecimentos que são frequentados

⁴⁷ A dicotomia *Pimba Preta* e *Pimba Branca* tinha conotações raciais e se referiam ao perfil socio-econômico do eleitorado de cada um dos chefes políticos. Segundo vários relatos Enquanto Francisco das Chagas Vasconcelos possuía grande inserção nos bairros “periféricos”, onde predominavam pessoas pobres - “caboclos”, José Arcanjo Neto tinha inserção nas famílias “brancas” da sede do município.

indistintamente. É o caso, por exemplo, da lotérica local que, além de ser o único estabelecimento do gênero no município, é de propriedade de um espanhol que não possui ligações com nenhuma das facções políticas locais.

Cabe ainda ressaltar que a prática de evitar os espaços identificados com uma das facções durante o “tempo da política” não é vivenciada com a mesma intensidade por todos os santanenses. O que pude observar foi que, quanto mais estreitos são os vínculos das pessoas com os membros permanentes das facções, mais perceptível se torna tal prática.

Na rua João Cordeiro, uma das principais de Santana do Acaraú, a uma distância de poucos metros, fica formalmente a sede dos comitês centrais das duas facções. Tais espaços se limitam a servir de base de apoio para os cabos eleitorais que trabalham nas campanhas dos dois candidatos. Neles quase nunca é possível encontrar os candidatos, chefes políticos ou, ainda, membros das cúpulas das facções. Os candidatos se concentram de fato nas fazendas dos chefes políticos locais. Esses espaços estão localizados fora da sede do município e são descritos como ambientes fechados, de acesso controlado, longe dos olhos dos rivais, lugares do qual só se têm notícias. São neles que as cúpulas das facções se reúnem para avaliar o andamento da campanha e traçar novas estratégias.

Mapa 4 – Territorialização no “Tempo da Política”



Fonte: Google Earth - Image c 2009 DigitalGlobe c2009 MapLink/Tele Atlas

- | | | | | | |
|----------|---|--------------------|-----------|--|------------------------|
| 1 |  | Praça São João | 6 |  | Posto Famol |
| 2 |  | Praça do Congresso | 7 |  | Cadeia Pública |
| 3 |  | Comitê do PC do B | 8 |  | Igreja Matriz |
| 4 |  | Churrascaria | 9 |  | Rua Dr. Manoel Joaquim |
| 5 |  | Comitê do PMDB | 10 |  | Rua João Cordeiro |

Mas, existem espaços públicos abertos, tais como praças, ruas e avenidas, que se tornam pontos de concentração ocupados pelos partidários das facções. A figura abaixo mostra os principais pontos de concentração das facções na campanha eleitoral de 2008.

No finais de tarde, especialmente de terça-feira a domingo, esses pontos de concentração são tomados por carros, motos, caminhões paus-de-arara e ônibus abarrotados de pessoas da zona rural. Centenas de pessoas se apinham para soltar fogos de artifício, buzinar freneticamente, agitar bandeiras, cantar e dançar ao som das músicas oficiais da campanha e de paródias.

Figura 8 – Em cada lado da sede do município se transforma em ponto de concentração dos partidários das facções.



Por volta das dezenove horas, em decorrência da missa que é realizada quase diariamente na igreja matriz, há uma diminuição significativa no ritmo das concentrações, com ausência de fogos de artifício e de som. Após a celebração, progressivamente, o número de pessoas nas concentrações aumenta ainda mais. Já próximo das vinte e uma horas, a sede do município está tomada de partidários das duas facções. Em seguida, as concentrações se desfazem, transformando-se em uma espécie de cortejo que reúne vários ônibus, caminhões, carros, motos, bicicletas, carroças e pedestres.

Figura 9 - Nos momentos que antecedem os comícios, a sede é tomada por cortejos que festejam a política



Tais cortejos, que por vezes tomam a forma de *carreatas*, *parades* e *parades*, percorrem as principais ruas da sede de Santana. Nesse percurso, em frente às residências, espectadores aglomeram-se para observar sua passagem. Os componentes do cortejo e os espectadores interagem constantemente, ora com demonstrações de apoio, ora com palavras de enfrentamento. Depois desse trajeto, os pedestres que acompanham o cortejo se apinham nos veículos motorizados e seguem para algum distrito na zona rural para compor a plateia de um dos comícios realizados diariamente, de terça-feira a domingo.

O volume de veículos nesses eventos é surpreendente. Vale lembrar que o tamanho do público que participa desses eventos é tomado pela população local como um importante indicador de prestígio dos candidatos que os promovem. As *carreatas*, por exemplo, além de carros, motos e caminhões oriundos de Santana do Acaraú reúnem, também, centenas de carros de vários municípios vizinhos. Só é possível compreender a participação de “forasteiros” na eleição municipal se levarmos em conta que existem fortes conexões entre a eleição majoritária local e a eleição proporcional estadual.

No caso de Santana do Acaraú, tal ligação ocorre através do embate eleitoral direto entre os deputados Francisco Rogério Aguiar (PSDB), proveniente do município de Marco e João Ananias Vasconcelos Neto, de Santana do Acaraú (PC do B). Há vários anos esses dois chefes políticos regionais disputam a adesão dos eleitores da região norte do Ceará nas eleições para a assembléia estadual. Desta forma, tanto há participação explícita dos partidários de João Ananias Vasconcelos Neto apoiando os rivais de Francisco Rogério Aguiar, no município de Marco, como uma presença constante de

Francisco Rogério Aguiar, em Santana do Acaraú, apoiando os rivais de João Ananias Vasconcelos Neto.

Diante disso, mesmo a eleição sendo restrita ao município, a noção de espaço geográfico ganha novas conotações no “tempo da política”. Os conflitos políticos extrapolam os limites circunscritos do município, ganhando a amplitude das “bases eleitorais” dos chefes políticos regionais envolvidos diretamente nessas disputas. Desta forma, se analisarmos as disputas políticas que ocorrem durante os pleitos municipais a partir de um recorte espacial circunscrito ao espaço geográfico do município, ou ainda, delimitado pelas siglas partidárias, deixaremos de enxergar a plasticidade que envolve as rivalidades no tempo da política

Mas essas redefinições geográficas provocadas pelo “tempo da política” vão além dos municípios vizinhos. Em virtude do grande número de santanenses residentes em Fortaleza, os candidatos a prefeito se deslocam até a capital cearense para participar de grandes reuniões realizadas em clubes fechados só para munícipes santanenses. Tais encontros reúnem centenas de pessoas através de eventos marcados pelo consumo de alimentos e bebidas.⁴⁸

Segundo Kuschnir (2002), os rituais de comensalidade que ocorrem durante, mas, também, depois do período eleitoral nos ajudam a compreender o processo eleitoral a partir da relação candidato/eleitor. De acordo com a autora, tais rituais podem ser definidos como encenações simbólicas da vitória do político. O objetivo desses encontros não é conseguir votos, já que a presença do eleitor nesses eventos sinaliza a sua adesão prévia ao candidato. Assim sendo, seu

⁴⁸ Chaves (2003) destaca o papel central da festa como forma de sociabilidade na qual a política se sustenta.

principal intuito é reforçar a identidade do político que é colocada em xeque durante o período eleitoral.

Chaves (2003) também destaca a importância das festas como espaços de sociabilidade durante o período eleitoral. Almoços, jantares e inaugurações são constantes no “tempo da política”. Algumas vezes a própria organização da campanha ocorre em bares e restaurantes, onde militantes se encontram para reforçar a identidade do grupo.

Cada um desses eventos políticos (comícios, carreatas, almoços, jantares, reuniões) são descritos entusiasmadamente no dia seguinte pelos de carros de som que percorrem todo município e anunciam, em tom festivo e convocatório, os próximos encontros. Neste cenário, por onde quer que se caminhe, basta aguçar o olhar e a escuta para perceber que a “política” subverte o cotidiano se transformando em um assunto inevitável. Está presente nas rodas de conversas, nos encontros entre os vizinhos, no comércio, nas praças e até mesmo nas brincadeiras das crianças. O tamanho dos cortejos, o número de pessoas presentes em cada um dos comícios, a quantidade de fogos de artifício, a animação das pessoas, o conteúdo das falas proferidas no palanque, notícias de apostas sobre quem vencerá o pleito e as nuances da vida privada dos políticos locais são elementos avaliados constantemente pela população local.

Durante o período eleitoral de 2008, tais eventos ocorreram regularmente de terça-feira a domingo. Nas segundas, não havia comícios, exceto na última semana do período eleitoral. Mas, além desses eventos públicos, existiam também ações políticas focalizadas, descritas pelos coordenadores da campanha como “visitas”, “conversas”, “reuniões”, que

ocorriam fora da sede do município, quase sempre em ambientes fechados, frequentemente na casa de partidários de uma das facções.

Segundo relatos, as “visitas” tinham um público genérico. Abrangiam várias casas de uma mesma localidade, inclusive aquelas em que os moradores não apoiavam abertamente algum dos candidatos. Entretanto, nas casas das famílias explicitamente engajadas na campanha da facção rival, a comitiva esquivava-se. Muitas vezes o próprio morador, sabendo antecipadamente da “visita” dos adversários, fechava as portas e janelas da sua casa, evitando assim um encontro indesejado. Nesses casos, ser visto recepcionando membros da facção rival pode comprometer a credibilidade da sua adesão diante dos seus partidários. Todavia, para as famílias que não possuíam uma ligação estreita com uma das facções, ser “visitado” pelos candidatos sinalizava seu prestígio e reputação frente à comunidade (BAILEY, 1971). Ouvi relatos de pessoas descontentes pelo fato de determinado candidato ter “visitado” inúmeras casas na sua localidade e negligenciado a sua.

Já as “reuniões” destinavam-se a um público específico de potenciais eleitores. Eram associadas à existência de um anfitrião que mediava o encontro do candidato com vários chefes de família de determinada localidade na sua própria residência.

As “conversas” foram descritas como eventos pontuais e fechados. Tais encontros eram direcionados especificamente a pessoas indecisas, ou que estavam descontentes com a facção que apoiavam. Por ter um caráter fechado, pouco se sabe realmente sobre seu conteúdo. Tal fato gerava polêmicas e muitas especulações. Todavia, quando um candidato obtinha êxito por meio desse estratagema, o apoio ou a “virada” de uma família eram anunciados

veementemente nos comícios. Em outros casos, pessoas desqualificavam tais encontros nos comícios, descrevendo como foram assediadas pelos adversários e ressaltando – como prova da sua fidelidade à facção –, o fato de não terem mudado de lado.

Com a proximidade do dia da votação, gradativamente a tensão em Santana do Acaraú aumenta. Os ânimos se acirram ainda mais e os eventos políticos se intensificam. O ápice da campanha são os comícios de encerramento. Eles acontecem simultaneamente em diferentes locais do município três dias antes das eleições e marcam oficialmente o final da campanha.

Neste íterim, um número expressivo de santanenses que reside em outras cidades regressa ao município para participar da eleição. Chegam também policiais civis e militares para reforçar a segurança pública local.

A frente do prédio da cadeia pública local torna-se um dos principais pontos de encontro dos partidários das duas facções que, aglomerados frente a frente, acompanham a movimentação dos policiais e dos vários advogados que prestam serviços para as facções. Acusações de compra de votos, propaganda política irregular, provocações, apreensão de veículos movimentam as madrugadas dos dias que antecedem a votação. A noite da véspera da votação é exemplar nesse sentido, pois, em diferentes pontos do município, partidários dos dois lados montam vigílias e fiscalizam-se mutuamente, recorrendo ao delegado plantonista ao menor sinal de movimentação suspeita dos adversários.

Ao contrário do clima agitado dos dias que antecedem as eleições, o dia da votação, pelo menos até o fechamento das sessões eleitorais no final da

tarde, revelou-se demasiadamente calmo. Todavia, este panorama alterou-se quando os dois grupos começaram a se reunir em frente à Praça do Congresso para acompanhar a apuração dos votos. Separados apenas por viaturas policiais, os dois grupos defrontavam-se com provocações a cada parcial divulgada. Foi apenas quando os números da votação já apontavam a vitória definitiva da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos, que Sabino apareceu publicamente. Sua eleição marcava uma ruptura de quase vinte anos de hegemonia do grupo de João Ananias Vasconcelos Neto à frente do executivo local.

Figura 10 - “Do lado de cá & do lado de lá” rivalidades ritualizadas no momento da apuração.



Heldinha e nenhum outro dos membros da cúpula da facção de João Ananias Vasconcelos Neto manifestaram-se naquela noite. Os simpatizantes da facção derrotada, que acompanhavam a apuração dos votos na Praça do Congresso, dispersaram-se resignadamente diante da euforia dos partidários da facção de Chagas, que convidava, ironicamente, através de paródias musicais, seus adversários a se retirarem do município.

Naquela noite, no Santana Clube, o candidato vitorioso discursou para seus partidários, convocando veementemente a unidade entre os santanenses. Argumentou em seu discurso que as divisões, o clima competitivo, as rivalidades instauradas pelo tempo da política fossem a partir daquele momento colocadas de lado. Solicitou ainda que seus eleitores respeitassem a derrota dos seus rivais. Tal pedido não impediu que seus rivais fossem tripudiados publicamente e que suas residências fossem alvo de fogos de artifício e algazarras.

Figura 11 – Candidatos eleitos desfilam pela sede de Santana do Acaraú comemorando a vitória.



Durante os dias seguintes, a vitória foi festejada diariamente. Todavia, decorrido o período de comemorações, para a maioria dos santanenses, gradativamente o clima competitivo e conflituoso instaurado pelo “tempo da política” dissipou-se. Já entre aqueles partidários mais obstinados, a animosidade perdura por mais algum tempo. Mas, os espaços públicos, antes demarcados territorialmente com as cores das facções, foram descaracterizados e passaram a ser frequentados indistintamente. Aos poucos, os laços de amizade, parentesco

ou vizinhança que marcam o cotidiano desta localidade tornaram-se preponderantes.

Entretanto, nem sempre os conflitos característicos do “tempo da política” findam com a apuração dos votos e a investidura do cargo. O modo como a campanha foi conduzida, as acusações de fraude e a solicitação de recontagem dos votos podem colocar em risco “o fecho do tempo da política”, levando os conflitos característicos de tal temporalidade para além do período eleitoral. Esse é assunto tratado no próximo capítulo.

Prólogo

Cena I

Estamos em Santana do Acaraú, meados de 2001, numa manhã de sábado. É dia de feira, muitas pessoas se deslocaram até a sede para negociar seus produtos agrícolas e fazer compras no comércio local. Seria mais um sábado corriqueiro, não fosse o alvoroço que se formava perto da Casa Lotérica local. No meio da confusão, alguém exclama: saiu mais um!

Tendo escrito há vários dias à procura do amigo Jaburu e esperando que ele se pronunciasse a altura do 'informativo por mim lançado', não se tem notícias de sua resposta. Fica difícil entender sua omissão em esclarecer tantos fatos recentemente ocorridos em nossa cidade. Não é possível que, com tamanha audiência e repercussão do último informativo a procura do amigo Jaburu, não se tenha manifestado, pois se você não leu ou não ouviu comentários, de certo estás ausente ou com medo de ser mais uma vítima das ameaças e atentados feitos a mando desta ditatorial administração. Acho-me na obrigação de conversar contigo nos repetidos dois tópicos: um te perguntando, outro te esclarecendo, digo: você sabia? Ouviu dizer! (2ª. Carta à procura do amigo Jaburu, sem data)

No domingo pela manhã, o mesmo burburinho tomava conta das ruas.

Voltei, voltei. Que saudades!!! Arnaldo Jaburu está de volta em edição extraordinária, ou seja, o testamento do Judas!!! Arnaldo Jaburu esteve com o Judas. Com maior surpresa revela os novos acontecimentos ocorridos nos bastidores das fofocas do povo de Santana. Como um comentarista identificou que a história em que vivemos é mesmo um verdadeiro testemunho da realidade. Humildes sempre a sofrer, espertalhões sempre a se locupletar à custa do suor do pobre povo sofredor. (Arnaldo Jaburu, sem data)

E no final de semana seguinte a cena se repete.

Alô, alô, Santanenses, está de volta o mais bem informado santanense, sobre as coisas da nossa terra, Arnaldo Jaburu. Hoje, estamos de volta com a segunda edição do Testamento do Judas, prometendo que em breve estamos de volta com uma edição especial, apresentando as mais novas transações ocorridas às caladas da noite. (Arnaldo Jaburu, sem data.)

Cena II

Em novembro de 2003, na Praça do Congresso em Santana do

Acaraú:

Funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura

- Agora que o Chagas morreu, agora é só Farias. O que você vai pedir para ele? Você é um traidor, saiu do lado do Farias e foi para oposição. Se for mudar tem que mudar agora. Eu sou seu amigo Chiquinho, eu só quero seu bem. Seu bem é com Farias. Sem Farias você não vai a lugar algum. Ou é Farias, ou vai viver sem nada. Eu não sou político. Trabalho na administração. Você quer um padrinho? Quer?

Chiquinho

- Quero.

Acompanhante do Funcionário da Prefeitura

- O Chiquinho é nosso. Ele precisa.

Funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura

- Você me permite te levar ao Farias. Sou sua ponte. Ele vai te dar o que quiser, quer apostar?

5. OUTROS TEMPOS E ESPAÇOS DA POLÍTICA

Ao longo da história política de Santana do Acaraú, até 1996, os conflitos característicos do “tempo da política” findavam com a apuração dos votos. Contudo, a particularidade dos episódios narrados no início deste capítulo sinaliza que os conflitos políticos, a luta por adesões e a aparição pública das facções também podem ocorrer fora do período eleitoral.

Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é analisar duas ocasiões específicas em que os conflitos característicos do “tempo da política” foram identificados por muitos moradores locais fora do período eleitoral. O primeiro caso é conhecido popularmente como *Urna 45 do Sapó* e ocorreu entre os anos de 1996 a 1998 durante a gestão do segundo governo de João Ananias Vasconcelos Neto. O segundo caso aconteceu entre os anos de 2001 a 2004, no decorrer da gestão de José Aldeny Farias.

Tais episódios representam um momento *sui generis*, em que os conflitos característicos do “tempo da política” foram espacial e temporalmente deslocados. De que forma operam os rituais que circunscrevem os conflitos políticos no “tempo da política” e como tais conflitos extrapolaram o período eleitoral invadindo abertamente o cotidiano daquele município e instaurando outras temporalidades é o assunto tratado nesse capítulo.

5.1 CASO I - URNA 45 DO SAPÓ - TEMPO DA POLÍTICA SUI GENERIS

Com o final do primeiro mandato de João Ananias Vasconcelos Neto (PSB), a continuidade da sua facção no executivo local foi colocada à prova nas eleições municipais de 1992. Naquela ocasião, José Arcanjo Neto (PTB), que havia rompido com João Ananias Vasconcelos Neto ainda nos primeiros anos da gestão do PSB, voltou a se aproximar de Chagas Vasconcelos. Os dois primos apoiaram política e financeiramente a candidatura José Aldeny Farias (PSDB) contra o médico José Ari Fonteles, candidato lançado pela facção de João Ananias Vasconcelos Neto⁴⁹.

O empresário José Aldeny Farias era um *outsider* na política local. Filho de pequenos agricultores mudou-se ainda jovem para Fortaleza onde, segundo relatos, trabalhou como frentista em um posto de gasolina, que posteriormente adquiriu. Mudou periodicamente para vários estados da região Sul e Sudeste, atuando no ramo de fabricação de móveis e comércio de madeiras. Quando regressou a Santana do Acaraú, no final dos anos oitenta, almejando prestígio social, inseriu-se no meio político local apoiando os candidatos indicados por Francisco das Chagas Vasconcelos. Nos anos seguintes, transferiu seus estabelecimentos comerciais sediados em outras cidades para Santana do Acaraú, com isso, tornou-se o maior empregador da iniciativa privada e um dos homens mais ricos do município⁵⁰.

⁴⁹ José Ari Fonteles é cunhado de Raimundo Nonato Arcanjo que, por sua vez, é irmão de José Arcanjo Neto. Ver Mapa 2 – Genealogia das famílias Arcanjo e Vasconcelos.

⁵⁰ Entre 1989 a 1993 o empresário José Aldeny Farias transferiu várias de suas indústrias e estabelecimentos comerciais (Famol - indústria de móveis, J.A Farias - distribuidora de secos e molhados, Posto Famol - posto de gasolina, Indalfa – indústria de cerâmicas, Famol Club e uma concessionária de carros usados) para o município, gerando cerca de 250 empregos diretos.

Em uma disputa acirrada, o candidato do PSB é eleito prefeito por uma pequena vantagem de votos. No mesmo pleito, Chagas Vasconcelos é eleito vereador com a maior votação.

Dois anos depois, já com projeção política regional, João Ananias Vasconcelos Neto rivalizaria com Francisco das Chagas Vasconcelos, pleiteando uma vaga na Assembléia Legislativa Estadual. Naquela ocasião, João Ananias Vasconcelos Neto elegeu-se deputado e Chagas conseguiu apenas a suplência.

Segundo depoimentos de membros da facção de João Ananias Vasconcelos Neto, com aproximação do fim da gestão de Ari Fonteles “Construindo o Amanhã” (1993-1996), sua facção não possuía nenhum candidato “forte” para fazer frente à possível candidatura de Francisco das Chagas Vasconcelos. Tal fato reverteu-se em uma ameaça à hegemonia da facção de João Ananias Vasconcelos Neto, o que fez com que ele deixasse a cadeira na Assembléia Legislativa Estadual do Ceará para novamente disputar a eleição para prefeito em Santana do Acaraú em 1996.

Desde que os Arcanjos e Vasconcelos passaram a polarizar as disputas políticas em Santana do Acaraú, a partir do final da década de 1950, em nenhuma ocasião houve um embate direto entre os chefes políticos pelo Executivo local. Nas eleições municipais daquele ano, Francisco das Chagas Vasconcelos e João Ananias Vasconcelos Neto protagonizariam a eleição mais disputada e polêmica da história política de Santana do Acaraú.

A rivalidade nesse pleito acirrou-se quando, no distrito do Sapó, onde tradicionalmente Francisco das Chagas Vasconcelos obtinha a maioria dos votos, antes da apuração, na época em cédulas eleitorais, um dos fiscais ligado à

facção de João Ananias Vasconcelos Neto rompeu o lacre de uma urna eleitoral, num episódio que ficou popularmente conhecido como *Urna 45 do Sapó*.

Atualmente a apuração dos votos em urnas eletrônicas é um processo extremamente impessoal que transcorre em menos de uma hora em Santana do Acaraú. Tal agilidade e impessoalidade no processo de apuração acabam dando pouca margem para questionamentos por parte das facções envolvidas no pleito. Contudo, nem sempre foi assim, até as eleições de 2000 a apuração dos votos em Santana do Acaraú era realizada através de cédulas eleitorais. Este processo envolvia dezenas de pessoas entre fiscais, mesários, cabos eleitorais, advogados e curiosos que cercavam o local de apuração. O processo de apuração dos votos era tenso e conflituoso, demandando dias em um exercício contínuo de contagem e recontagem manual dos votos até que se chegasse a um resultado oficial.

Figura 12 - Local da apuração das eleições municipais de 1994. A votação em cédulas tornava a apuração dos votos um processo extremamente moroso.



Depois de alguns dias de apuração, com uma pequena diferença de votos separando os dois candidatos e a confirmação da impugnação dos 310 votos da *Urna 45 do Sapó*, João Ananias Vasconcelos Neto venceu as eleições por uma vantagem de 196 votos.

Entretanto, ao contrário do que frequentemente acontecia noutros pleitos, a facção derrotada não reconheceu a legitimidade do resultado final da eleição. Francisco das Chagas Vasconcelos reivindicava a abertura da *Urna 45 do Sapó* e a contabilização dos seus votos; como isso não aconteceu, ele contestou judicialmente a vitória de João Ananias Vasconcelos Neto, acreditando que os votos contidos naquela urna pudessem dar-lhe a vitória. O caso foi levado a julgamento na Justiça Eleitoral, que resolveu provisoriamente manter a vitória de João Ananias Vasconcelos Neto enquanto o mérito da questão não fosse definitivamente julgado.

Figura 13 - Urna 45 do Sapó - violada nas eleições municipais de 1996, tal urna nunca foi aberta.



Nem mesmo a cerimônia de investidura do cargo em janeiro de 1997 fez com que os rivais de João Ananias Vasconcelos Neto admitissem a legitimidade daquele pleito. Desta forma, a facção de Francisco das Chagas Vasconcelos continuou mobilizada buscando convencer a população de que a posse de João Ananias Vasconcelos Neto era temporária. Por outro lado, o séquito de João Ananias Vasconcelos Neto esforçava-se para minimizar a movimentação dos seus adversários dando o processo eleitoral por encerrado.

Tomada pela incerteza sobre o desfecho dessa disputa, o restante da população acompanhava atentamente a batalha judicial travada pelas duas facções. O clima de indecisão também repercutia nas secretarias municipais, nas pessoas que detinham cargos de confiança, nos funcionários comissionados, nas prestadoras de serviço e fornecedores locais da prefeitura.

A controvérsia arrastou-se publicamente durante três anos, deixando em suspenso a legitimidade do governo do PSB. Apesar de a batalha judicial ser disputada espacialmente fora do município, tais conflitos fizeram com que as facções ficassem constantemente mobilizadas em Santana do Acaraú, pois ora liminares decidiam em favor de Francisco das Chagas Vasconcelos, ora reafirmavam João Ananias Vasconcelos Neto no cargo. O depoimento de um morador do distrito do Sapó, partidário de João Ananias Vasconcelos Neto, retrata bem esse cenário:

Foi a política pior que já houve esse período de dois anos. O recurso ora vinha a favor do João Ananias, parecia que a urna não iria ser mais ser apurada. Aí nesse espaço a gente é que vibrava demais, aí que eles se esquentavam. Na outra semana lá vai o Dr. Chagas, o falecido, ganhou o direito dela [urna 45 do Sapó] ser apurada. A gente pegava fogo. [...] Por que ora o João ganhava o direito da urna não ser apurada, ora o Chagas ganhava. Passou dois anos nessa luta. [...]

Quando dizia assim não vai ter a urna, foi cancelado um pau de fogos cobria. E eles lá também, o Chagas ganhou o direito de ser apurado, papocava. Mas infelizmente eles ganharam o direito e era para apurar (Líder Comunitário do distrito do Sapó – partidário da facção de João Ananias Vasconcelos Neto).

Além da batalha judicial travada pelos dois chefes políticos, esse período também foi marcado por migrações inter-faccionais. Um dos movimentos decisivos neste cenário foi a “virada” de José Aldeny Farias – candidato a vice-prefeito de Francisco das Chagas Vasconcelos em 1996 – para a facção de João Ananias Vasconcelos Neto.

Vários entrevistados narraram uma reunião entre João Ananias Vasconcelos Neto e José Aldeny Farias. Acerca do conteúdo desse encontro só existem especulações. Mas, foi a partir desse encontro que José Aldeny Farias rompeu com Francisco das Chagas Vasconcelos, deixando de ser seu candidato a vice-prefeito e começou a apoiar João Ananias Vasconcelos Neto, com a promessa de, nas eleições municipais de 2000, sair como cabeça de chapa do PSB.

Nesse período, uma eleição suplementar chegou a ser marcada para agosto de 1998, entretanto, foi suspensa às vésperas, em favor de um recurso apresentado pela facção de João Ananias Vasconcelos Neto. Entretanto, nas semanas seguintes, o Tribunal Regional Eleitoral determinou que uma nova eleição suplementar fosse realizada em dezembro daquele ano⁵¹.

Com a definição da data da eleição, membros das duas facções se instalaram temporariamente no distrito do Sapó. Dos 310 eleitores que votaram

⁵¹ Cabe lembrar que em outubro de 1998 ocorreram eleições para Presidente, Senador, Deputado Federal, Deputado Estadual e Governador.

na *Urna 45 do Sapó* em 1996, 304 estavam aptos a votar em 1998, a apuração desses votos definiria se a prefeitura continuaria sob a gestão do grupo político de João Ananias Vasconcelos Neto ou voltaria para o grupo de Francisco das Chagas Vasconcelos.

O jornal *Diário do Nordeste* de 12 de dezembro de 1998 definiu como uma “caça ao tesouro” as ações que as duas facções desenvolveram a partir de uma lista nominal das pessoas que podiam votar na *Urna 45 do Sapó* fornecida pela Justiça Eleitoral. Apesar de o Tribunal Regional Eleitoral ter proibido qualquer tipo de propaganda política, os membros de ambas as facções destacaram que a campanha da *Urna 45 do Sapó* consumiu mais esforços e investimentos financeiros que toda a campanha eleitoral para prefeito de 1996. O depoimento de João Ananias Vasconcelos Neto descreve um pouco do clima daquele pleito:

A eleição normal, a primeira no período normal, foi como outras, foi acirrada, por que aí era uma disputa minha contra ele [Chagas Vasconcelos]. Eram as duas lideranças maiores disputando, então teve um embate maior. E eu tive vários embates com ele, mas que se resumia aos palanques, eram dois oradores, duas lideranças políticas, dois quadros na política que entravam em uma ferrenha disputa. Nós ganhamos com essa diferença pequena [eleição de 1996], isso logo após a administração do Ari [José Ari Fontele prefeito 1992-1996], e tinha um desgaste, a disputa foi acirrada e a diferença muito miúda, e aí fomos para essa outra [eleição suplementar de 1998]. Quando foi decidido eu não nego eu tive muito medo, porque como ela era no âmbito de uma sessão e lá dentro do Sapó que era uma área majoritariamente, historicamente, era um reduto dele [Chagas Vasconcelos]. Que ele alimentava com muita demagogia, essa coisa do Sapó. [...] Aí foi outra festa grande, maior que a primeira. O povo acompanhou *pari passu* isso. Ressuscitou todo o processo eleitoral, moveu a cidade toda, não foi só o pessoal do distrito que ia votar, eram aquelas trezentas e poucas pessoas, mas todo mundo entrou num clima de campanha, de convencimento, um negócio muito forte (João Ananias Vasconcelos Neto - chefe político em Santana do Acaraú).

Vale destacar que, entre 1996 a 1998, a gestão do PSB realizou uma série de obras públicas para minimizar a influência política que Francisco das Chagas Vasconcelos exercia no distrito do Sapó. Nas semanas seguintes à decisão da Justiça Eleitoral, o pequeno distrito de Sapó se transformou no centro político de Santana do Acaraú. Os candidatos ficaram alojados na casa de seus partidários naquela localidade e as atenções dos santanenses que residiam em outras áreas do município ficaram todas direcionadas para o distrito do Sapó.

No dia da votação, trinta policiais militares foram destacados para garantir a segurança pública daquele pleito. De manhã, a população do distrito do Sapó foi atraída por um helicóptero que trouxe as principais lideranças estaduais do PMDB que vieram apoiar Francisco das Chagas Vasconcelos. Lideranças estaduais do PT, PC do B e PSB também compareceram para prestar solidariedade a João Ananias Vasconcelos Neto. Além disso, eleitores foram trazidos de avião de outros estados para votar naquela seção.

No final da apuração, mesmo obtendo a maioria dos votos na *Urna 45 do Sapó*, Francisco das Chagas Vasconcelos não conseguiu mudar o resultado da eleição de 1996. Dos 304 eleitores cadastrados, 219 votaram em Francisco das Chagas Vasconcelos, 81 em João Ananias Vasconcelos Neto. Além disso, houve um voto nulo, um branco e duas abstenções. Somados com os votos da primeira eleição em 1996, João Ananias Vasconcelos Neto derrotou Francisco das Chagas Vasconcelos por uma diferença de 58 votos.

5.2 CASO II – CONFLITOS DA POLÍTICA FORA DO PERÍODO ELEITORAL

No último ano da segunda gestão de João Ananias Vasconcelos Neto (1997-2000), mesmo sob protestos de seus partidários, ele indicou José Aldeny Farias para concorrer com Francisco das Chagas Vasconcelos à prefeitura de Santana do Acaraú. Através do *marketing* utilizado em sua campanha eleitoral em 2000, Farias procurou criar uma continuidade entre as gestões anteriores do PSB e a sua candidatura, projetando seu discurso a partir dos *slogans* *O Projeto Continua* e *Trabalho e Participação*. Com larga margem de vantagem, José Aldeny Farias derrotou Francisco das Chagas Vasconcelos.

Entretanto, meses depois de assumir a prefeitura, José Aldeny Farias desligou-se do PSB, rompendo com João Ananias Vasconcelos Neto. Ao longo de 2001 e 2002, vários vereadores da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos (PMDB) e da facção de João Ananias Vasconcelos Neto (PSB) transferiram-se para o Partido Popular Socialista (PPS) – base de apoio de José Aldeny Farias na Câmara Municipal.

Desde 1958, essa foi à primeira vez que o Executivo local era governado por um representante que não estava subordinado às famílias tradicionais daquele município. Desta forma, José Aldeny Farias que já era o maior empregador da iniciativa privada de Santana do Acaraú, passou a ter também o controle dos empregos ligados à prefeitura.

Após tal ruptura, os conflitos políticos gradativamente aguçaram-se. As pessoas ligadas à facção de João Ananias Vasconcelos Neto que ocupavam cargos comissionados, aos poucos foram substituídas; funcionários concursados declararam na época sofrer perseguição por causa das suas adesões políticas. O

depoimento de uma funcionária da prefeitura, partidária de João Ananias Vasconcelos Neto, obtido naquela época, retrata bem tal situação:

Trabalho na prefeitura [...]. E por causa disso [adesão a facção de João Ananias Vasconcelos Neto] a gente já perdeu o cargo comissionado. Vários companheiros foram transferidos da sede para a zona rural, está sendo uma perseguição de caça às bruxas. [...] Todos nós estamos sentindo. Meu marido foi reduzido de cargo, de salário pela metade, [...], porque a gente vota em João Ananias os cargos comissionados da gente foram todos tirados, eu trabalhava na secretaria de saúde me tiraram para outra unidade. A [amiga da entrevistada] era da secretaria, cargo comissionado, foi tirada e colocada para outra unidade, e agora vai para a zona rural, médicos que trabalhavam na sede foram para a zona rural, é um massacre (Funcionária pública municipal)

No início de 2002, os conflitos políticos que, até aquele momento estavam circunscritos às pessoas que orbitavam as cúpulas das facções, se tornaram explícitos para o restante da população com a visita do governador do Estado, Tasso Jereissati e sua comitiva composta de senadores e deputados estaduais do PSDB, para oficializar o ingresso de José Aldeny Farias naquele partido.

Tal fato antecipou a disputa eleitoral para a Assembleia Estadual. Com Francisco das Chagas Vasconcelos enfraquecido politicamente pelas sucessivas derrotas, João Ananias Vasconcelos Neto (PSB) passou a ter como principal adversário Francisco Rogério Osterno Aguiar (PSDB) – candidato apoiado localmente por José Aldeny Farias. O ingresso de Francisco Rogério Aguiar na disputa pelos votos dos santanenses para a Assembleia Legislativa Estadual fez com que nem Francisco das Chagas Vasconcelos nem João Ananias Vasconcelos Neto obtivessem êxito naquele pleito⁵².

⁵² Entre 1999 e início de 2003, João Ananias Vasconcelos Neto presidiu o diretório estadual do Partido Socialista Brasileiro no Ceará. No final de 2002, o diretório nacional

Os conflitos entre as facções políticas também repercutiram na eleição do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O pleito previsto para meados de 2002 foi suspenso pela Juíza de Direito da Comarca de Santana do Acaraú por abuso de poder econômico dos candidatos. Representantes das chapas trocaram acusações de interferência do executivo local no processo de escolha da nova diretoria do sindicato.

O acirramento público desses conflitos aos poucos foi circunscrevendo os espaços ocupados pelas facções. A Câmara Municipal, por exemplo, tornou-se o reduto do grupo de vereadores ligados à facção de João Ananias Vasconcelos Neto e de Francisco das Chagas Vasconcelos, e o Conselhão, um lugar quase que restrito aos vereadores ligados ao prefeito José Aldeny Farias.

Em 2003, um reflexo dessa mudança foi à criação da “Tribuna Livre”, por iniciativa de vereadores que se opunham a gestão de José Aldeny Farias. A da “Tribuna Livre” era um espaço “participativo” para pronunciamentos da população durante as reuniões da Câmara de Vereadores. Nesse espaço, são cedidos dez minutos para que populares previamente inscritos manifestem suas opiniões.

A Tribuna Livre passou a ser ocupada pelos partidários de Francisco das Chagas Vasconcelos e de João Ananias Vasconcelos Neto e acabou se tornando um contraponto ao espaço tomado pelos vereadores pertencentes à facção de José Aldeny Farias que se pronunciavam no Conselhão.

do PSB decretou uma intervenção no diretório cearense do partido sob acusação de infidelidade partidária. João Ananias Vasconcelos Neto e seus partidários apoiaram desde o primeiro turno a candidatura de Luis Inácio da Silva (PT) à Presidência da República, em detrimento a candidatura de Antony Garotinho (PSB). A intervenção motivou a saída do grupo de João Ananias Vasconcelos Neto do PSB e o ingresso no PC do B em meados de 2003.

Naquele mesmo ano, um santanense por meio da “Tribuna Livre”, fez denúncias contra o prefeito que provocaram a instauração, na Câmara Municipal, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI ⁵³.

No dia 19 de julho de 2003, um recurso encontrado no Regimento Interno da Câmara Municipal levou ao afastamento temporário do prefeito José Aldeny Farias. Tal fato ganhou repercussão na mídia nacional, quando, no dia 21, durante os festejos da padroeira local, os dois grupos ocuparam ao mesmo tempo o espaço do gabinete da prefeitura, reivindicando o cargo para si. Os dois “prefeitos” passaram parte do dia no gabinete dando expediente, enquanto populares e partidários das duas facções se aglomeraram conflituosamente em frente à prefeitura para observar o fato inusitado. O clima de tensão entre os partidários de cada uma das facções fez com que um grupo de policiais militares fosse destacado de Sobral para Santana do Acaraú para manter a segurança pública.

No dia 22 daquele mês, a justiça endossou o afastamento de José Aldeny Farias. O prefeito afastado, que até então resistia em entregar o cargo, deixou o gabinete para o vice-prefeito Antônio de Pádua Arcanjo – Totonho. Naquela noite, Santana do Acaraú foi tomada pelos partidários de Totonho que, ao som de fogos de artifício, seguiram em carreata até a sede da prefeitura e lá encenaram a investidura simbólica do prefeito. Após dez dias, houve reintegração de José Aldeny Farias ao cargo.

Os conflitos entre as duas facções também começaram a repercutir no cotidiano do município. A cada alternância de prefeito os funcionários comissionados eram exonerados e substituídos por outras pessoas. Um dos

⁵³ Inicialmente a gestão de José Aldeny Farias foi acusada de cadastrar alunos já falecidos para aumentar o valor de repasse de recursos do FUNDEF ao Município.

reflexos das sucessivas substituições no executivo local foi a suspensão de parte dos pagamentos dos funcionários públicos e fornecedores locais da prefeitura.

Após ser ter seu cargo restituído, o prefeito José Aldeny Farias reduziu a carga horária de vários servidores e, conseqüentemente, os salários e gratificações. Na Secretaria de Educação, foco da crise política que havia causado o afastamento do prefeito, vários funcionários foram remanejados.

Em agosto de 2003, a tensão aumentou com a morte de Francisco das Chagas Vasconcelos. Na missa de sétimo dia, carros de som de ambas as facções propagavam discursos de Chagas Vasconcelos cujos teores eram bastante distintos. Nos discursos datados de 1992 e 1996, quando José Aldeny Farias fazia parte da sua facção, o discurso elogiava este; e em 2003, os pronunciamentos de Francisco das Chagas Vasconcelos na “Tribuna Livre” criticavam vigorosamente a gestão de José Aldeny Farias.

Nesse período intensificou-se, em Santana do Acaraú, uma curiosa “guerra de pasquins”. O *Jaburu*, o mais antigo deles, misteriosamente aparecia afixado em lugares públicos ou colocado debaixo das portas das casas da sede do município. Na xérox da lotérica local pessoas procuravam entusiasmadas por cópias destes folhetins⁵⁴.

A circulação do *Jaburu* suscitou respostas do prefeito, que remetia “Notas de Esclarecimento” para as casas da sede do município, procurando

⁵⁴ O nome Jaburu é uma referência ao comentarista político Arnaldo Jabour. Posteriormente, todos os panfletos apócrifos passaram a ser conhecidos localmente como “Jaburus”. O uso de panfletos anônimos conhecidos como “pasquim”, como forma de protesto, remete a uma estátua mutilada datada dos princípios do século XVI em Roma. Tal estátua localizava-se em lugar público, em sua base se afixavam libelos e sátiras que ironizavam os poderosos locais; era um meio de fugir da censura e protestar contra as desigualdades. Tais mensagens depois se propagavam de boca em boca por toda cidade. Em Santana do Acaraú, já no final dos anos 1940, panfletos apócrifos foram utilizados por Chagas Vasconcelos e José Arcanjo Neto para criticar a gestão da prefeitura.

refutar as acusações levantadas pelos folhetins. Tal fato desencadeou a publicação de outros panfletos, a citar: “O amigo do Jaburu”; “Jaburuzão”; “Big Brother”; “Do Amigo do Jaburu”; “Carta ao Amigo Jaburu”; “O Arroto”; “Amigo do Outro”; “O outro Jaburu”; “Doa a Quem doer”; “Fiéis e Apaixonados”; “O próprio Jaburu”; “Arnaldo Jaburu”. Notas públicas assinadas pelos diretórios locais dos partidos políticos e sindicatos também se posicionavam em relação ao acirramento dos conflitos políticos.

No segundo semestre de 2003, Santana do Acaraú foi sorteada pela Controladoria Geral da União para receber uma equipe de fiscalização. Um parecer técnico apontou irregularidades na gestão de José Aldeny Farias, o que fez aumentar ainda mais a tensão no município.

Em setembro de 2003, acompanhei um desses momentos tensos na Câmara de Vereadores de Santana do Acaraú. Quando José Aldeny Farias estava sendo entrevistado em uma rádio no município de Sobral, assessores da Câmara ligados a facção de João Ananias Vasconcelos Neto telefonaram para a rádio e trocaram acusações no ar. Minutos depois da discussão, a Câmara foi evacuada preventivamente, pois uma camioneta e uma moto que circulavam o prédio foram interpretadas como uma ameaça pelas pessoas que lá se encontravam.

Nesse período, outro palco dos conflitos entre as facções políticas foi à rádio comunitária Arakém FM. Esta rádio era sediada na igreja matriz de Santana do Acaraú e tutelada pelo pároco local. Com o advento da polarização dos conflitos, dois dos programas veiculados na rádio (Programa Ecoa e Programa Rádio Comunidade Trabalho e Ação) passaram a explicitar sua adesão a cada uma das facções em disputa. Após um “atentado” nas instalações da

rádio e denúncias levadas ao conhecimento da Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel, o padre encerrou as atividades da rádio.

Durante tal período, vários munícipes santanenses relataram que o “medo” tinha tomado conta do município: fogos de artifício eram lançados em frente das casas intimidando seus moradores, transferências de servidores públicos para locais distantes da sede, notícias sobre ameaças verbais, relatos de pessoas que foram surradas, disputas entre carros de som.

Boatos e fofocas sobre tais eventos instauraram um clima de apreensão e medo em parte dos santanenses. Se verdadeiros ou não, o que é sociologicamente significativo é que a apropriação de tais fatos repercutiu sobre o cotidiano local. Certos espaços da sede do município passaram a ser evitados por serem associados à determinada facção. A presença de partidários de uma ou outra facção nesses lugares era vista como afronta, o que aumentava ainda mais os ânimos em Santana do Acaraú.

O clímax dessa série de eventos ocorreu em novembro de 2003, quando aconteceu um “atentado de pistolagem” contra o vereador “Chico Carneiro” partidário da facção de João Ananias Vasconcelos Neto. Chico Carneiro que presidia uma das comissões processantes, cuja função era a investigação de possíveis irregularidades na administração de José Aldeny Farias. Tal vereador escapou ileso, entretanto, o atentado vitimou a sua esposa que permaneceu vinte e três dias internada em um hospital em Sobral, antes de falecer.

Desde meados do século XX não se tinha notícias de um atentado de morte com conotações políticas em Santana do Acaraú. Este fato, inusitado na política local, provocou comoção e o clima de medo em parte da população.

Com a prisão de três suspeitos, o prefeito José Aldeny Farias foi apontado por um dos “pistoleiros” como o mandante do crime. Em declarações para a imprensa, o suspeito divulgou que além do vereador, o vice-prefeito Antônio de Pádua Arcanjo, o presidente da câmara municipal Raimundo Marcelo Arcanjo, o proprietário de um jornal local e dois radialistas estariam em uma “lista negra” para serem executados⁵⁵.

Sob o *slogan* “é tempo de paz” os vereadores membros da facção de João Ananias Vasconcelos Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos se articularam na Câmara Municipal para cassar os quatro vereadores da base aliada do prefeito. Com o apoio dos suplentes que assumiram os cargos, José Aldeny Farias foi novamente afastado do cargo, temporariamente, por um período de noventa dias e, posteriormente, teve seu mandato cassado pela Câmara de Vereadores; seus secretários e as pessoas que ocupavam cargos de confiança também foram exonerados dos seus cargos. O vice-prefeito Antônio de Pádua Arcanjo - Totonho (PC do B)⁵⁶ assumiu a prefeitura com o *slogan* “É tempo de paz”.

Mesmo depois da cassação do mandado de José Aldeny Farias, os conflitos não cessaram. O clima de disputa antecipou os embates que ocorreriam nas eleições para prefeito e vereadores em outubro de 2004. Com base em uma liminar judicial, José Aldeny Farias (PSDB) conseguiu reaver seus direitos políticos, voltar à prefeitura e se lançar a reeleição, concorrendo contra Antônio de Pádua Arcanjo.

⁵⁵ As investigações criminais não comprovaram o envolvimento de José Aldeny Farias nesse crime.

⁵⁶ Durante tal período, João Ananias Vasconcelos Neto, juntamente com os membros da sua facção política que pertenciam ao PSB, mudaram para o Partido Comunista do Brasil (PC do B).

A “herança política” de Francisco das Chagas Vasconcelos foi um dos temas centrais disputados entre as facções naquele pleito. Após a morte de Francisco das Chagas Vasconcelos, seus correligionários ficaram divididos entre a facção de João Ananias Vasconcelos Neto e a facção de José Aldeny Farias. A viúva de Chagas Vasconcelos aproximou-se da facção de José Aldeny Farias, tornando-se sua candidata a vice-prefeita. A outra parte da facção foi temporariamente incorporada à facção de João Ananias Vasconcelos Neto, apoiando a eleição do vice-prefeito Antônio de Pádua Arcanjo (PC do B) à prefeitura de Santana do Acaraú.

Após uma campanha eleitoral conturbada, Antônio de Pádua Arcanjo (PC do B) foi eleito prefeito de Santana do Acaraú, em outubro de 2004. No final de novembro daquele ano, José Aldeny Farias foi definitivamente afastado da prefeitura.

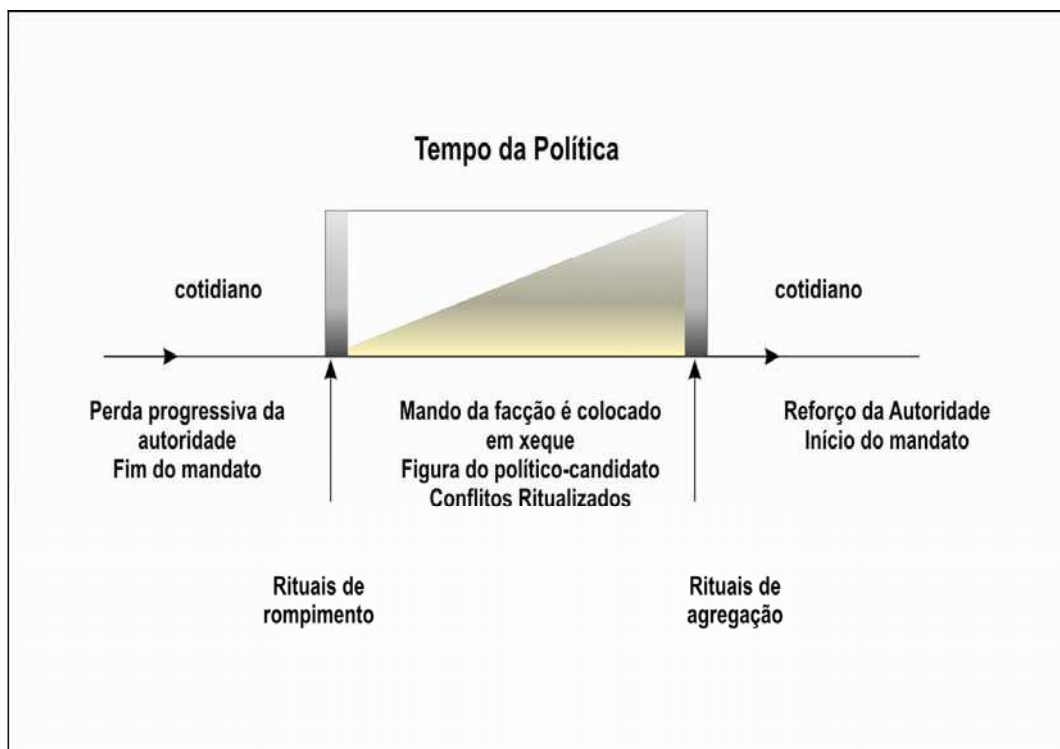
5.3 LIMINARIDADES DA POLÍTICA

Nos dois casos descritos acima podemos observar *in loco* elementos estruturais que cercam o “mundo da política”. Momentos *sui generis* como esses são elucidativos para compreender como operam os rituais que circunscrevem os conflitos característicos do “tempo da política” aos períodos eleitorais e sob quais circunstâncias tais rituais são bem-sucedidos ou não.

Inspirado em um diagrama utilizado por Edmund Leach (1978, p.97) para trabalhar os *rites de passage*, também empregado por Kuschnir (2002, p.261) para analisar os rituais de comensalidade durante o período eleitoral, propomos um modelo semelhante para pensar situações como as descritas nos dois casos.

O diagrama proposto tem um caráter que é ideal típico (WEBER, 2000). Foi elaborado a partir dos relatos de vários períodos eleitorais e da observação *in loco* das eleições municipais de 2008. O modelo exposto toma como exemplo a manutenção da hegemonia política de uma facção que elege o prefeito entre um dos seus partidários. Desta forma, podemos perceber que historicamente, em Santana do Acaraú, os conflitos característicos do “tempo da política” são demarcados entre os comícios – principal indicativo do início desta temporalidade – e a apuração dos votos ou a investidura do mandato – eventos que fixam os limites deste período.

Diagrama 1
Modelo Ideal Típico do Tempo da Política



Rituais de rompimento com o cotidiano

Comícios – primeiro indicativo do “tempo da política”. Uso excessivo de fogos de artifício também sinaliza o início dos conflitos ritualizados.

Aparição pública das facções, do político-candidato e dos chefes políticos.

Divisão espacial do município entre os partidários de cada uma das facções. Suspensão dos laços de amizade, vizinhança e parentesco entre as pessoas que pertencem a facções rivais.

O político-candidato e o chefe político passam a procurar os eleitores em busca de adesões e votos. (Visitas, reuniões, rituais de comensalidade).

Rituais de Agregação

No discurso da Vitória o candidato eleito conclama a união da população. Político-candidato derrotado retira-se temporariamente da cena pública.

Cerimônia de Investidura – reconhecimento da legitimidade do candidato vitorioso pelos representantes da facção derrotada.

As facções são reduzidas ao seu núcleo duro. Retorno progressivo dos laços de amizade, vizinhança e parentesco entre a população.

Conflitos e rivalidades políticas ficam circunscritos aos espaços institucionais ocupados pelos políticos profissionais.

Os eleitores passam a procurar o político eleito.

Parto da ideia de que existe uma perda progressiva da autoridade simbólica do político no decorrer do exercício do mandato. Tal perda está vinculada à noção de *acesso* (KUSCHNIR, 2002). É por meio dos *acessos*, entre outras coisas, que a facção política no poder pode nomear os membros do seu séquito para as vagas comissionadas, além de mobilizar recursos públicos e privados para atender às demandas sua clientela. Como a facção depende dos votos para manter ou ampliar seus *acessos*, seu poder político enfraquece à medida que se aproximam as eleições, ou seja, quando o cargo de prefeito é colocado em xeque.

Como já analisamos no capítulo anterior, é juntamente com o fim do mandato e o respectivo ano eleitoral que passam a ocorrer uma série de conflitos intrafaccionais para escolha do representante que irá pleitear a prefeitura. Entretanto, frequentemente tais rivalidades ficam circunscritas ao interior dos grupos políticos. É apenas com o início dos comícios, com aparecimento pleno das facções, que tais conflitos sinalizam publicamente a ruptura com o cotidiano e a instauração do “tempo da política”.

No modelo proposto, com o fim do período eleitoral, o cotidiano começa a ser restabelecido após a divulgação dos resultados do pleito e através de uma série de rituais que vão do pronunciamento do candidato vitorioso convocando a suspensão dos conflitos do “tempo da política”, até a cerimônia de investidura dos cargos. A fala transcrita a seguir é um exemplo disso, proferida no ano 2000 pelo líder da bancada do PMDB na Câmara Municipal de Santana do Acaraú, durante a cerimônia de posse do prefeito José Aldeny Farias:

É uma tarefa difícil, a que ora me é incumbida, de representar a fatia, a segunda maior, do eleitorado de Santana do Acaraú. Partido que ora represento nessa casa, PMDB, é o responsável pela segunda maior votação deste município. E neste momento, meus senhores, numa atitude de maturidade política, numa atitude de respeito às autoridades constituídas e às leis deste país. Apurados os votos, diplomados os vencedores e agora empossados, quero dizer, sobretudo aos senhores aqui presentes, nós decidimos compor com os demais partidos, para que no benefício de Santana, tal qual temos nos postado durante esses quatro anos de mandato, venhamos assim procedermos nos quatro anos futuros, em total apoio, sem discrepância para com a atual administração ou futura administração (Vereador Raimundo Marcelo Arcanjo – líder da bancada do PMDB).

As palavras do principal representante da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos na Câmara de vereadores fazem parte de uma série de rituais que recorrentemente colocavam fim aos conflitos do “tempo da política”. Tal postura, frequentemente, encontra ressonâncias no pronunciamento público do candidato eleito que, ainda durante as comemorações de sua vitória, logo após a apuração dos votos, procura contemporizar as clivagens instauradas com o período eleitoral. O depoimento de João Ananias Vasconcelos Neto sobre as eleições de 1988 é exemplar nesse sentido:

Quando nós ganhamos [eleições municipais de 1988], houve uma alegria enorme, manifestações, foi uma campanha onde o povo participou ativamente, quando terminou de madrugada, quando encerraram as comemorações que entrou noite adentro, eu, em um pronunciamento, pedi ao povo para.. “vamos nos aquietar agora, não vamos provocar ninguém nem aceitar provocações”. Estava um certo acirramento, “vamos respeitar os vencidos do processo e que isso é da disputa, vamos serenar os ânimos”. Eu acho que a liderança tem

esse papel. A gente procurou logo em seguida a isso [processo eleitoral], dar curso ao mandato. Sair desse estado de ânimos elevados para ir para operacionalização do mandato, para participação do povo na construção do mandato como forma de tomada de consciência. [...] *Você desmonta essa história de festa política, de acirramentos e de provocações. Você não alimenta isso. Quando termina, bom... quem ganhou a eleição é o prefeito de todos, é o vereador de todos* (João Ananias Vasconcelos Neto - chefe político em Santana do Acaraú - Grifos meus).

A fala do prefeito eleito logo após a divulgação oficial dos resultados e a participação da facção derrotada na cerimônia de investidura dos cargos são momentos cruciais para circunscrever para o restante da população os conflitos políticos característicos do tempo da política ao período eleitoral.

Durante as comemorações da vitória de Sabino nas eleições municipais de 2008, a mesma temática reaparece quando o prefeito recém-eleito, em seu pronunciamento, invoca seus partidários para que, a partir daquele momento, suspendam os conflitos e rivalidades instauradas pelo “tempo da política”.

Evidente que tais conflitos não são suspensos imediatamente com o fim do período eleitoral. Se por um lado, as solicitações do chefe político ou do candidato eleito sinalizam ritualmente o final dessa temporalidade, por outro, existe um espaço temporal em que os partidários da facção vitoriosa tripudiam dos simpatizantes da facção derrotada. Um exemplo disso são os pedidos debochados que acontecem durante as comemorações da vitória para que os rivais deixem o município. Nessas ocasiões, os membros da facção vencedora soltam fogos de artifício em frente às casas dos seus desafetos políticos e desfilam pela sede do município em cima de carros empunhando malas, insinuando,

simbolicamente, que o candidato derrotado e seu séquito devem se retirar do município.

No caso do político-candidato derrotado, frequentemente tal manifestação coincide com o seu resguardo temporário dos espaços públicos, o que acaba endossando ainda mais a legitimidade do político-candidato eleito nas urnas.

Já para aqueles partidários mais engajados no processo eleitoral da facção derrotada, além de serem os alvos preferenciais do escárnio dos rivais durante tal lapso temporal, muitas vezes, a mudança no mando político local também significa a perda do acesso aos recursos públicos administrados pelo novo gestor, tais como os cargos comissionados, fornecimento de mercadorias ou prestação de serviços terceirizados para a prefeitura.

Devemos ainda levar em consideração que o final do “tempo da política” parece estar relacionado à manutenção ou alternância das facções no poder. Nas ocasiões em que a facção no governo mantém sua hegemonia no executivo local, elegendo o prefeito entre um dos seus partidários, a apuração dos votos costuma finalizar tal temporalidade. Todavia, quando há efetivamente alternância das facções no poder, esses conflitos podem perdurar por mais algum tempo até que a legitimidade do novo governante eleito seja simbolicamente estabelecida pela investidura no cargo na cerimônia de posse.

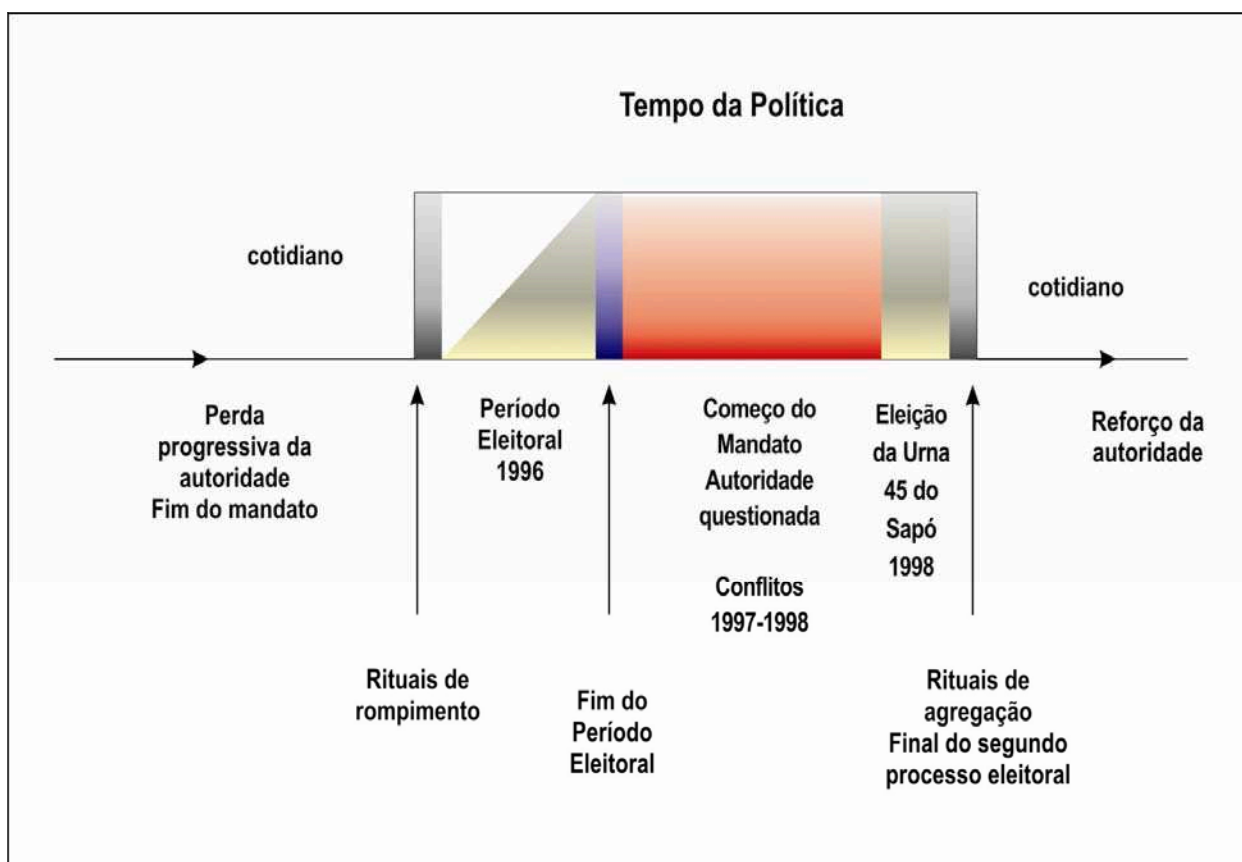
Neste último caso, os exemplos históricos da região são inúmeros e mostram que o período de transição administrativa pode ser bastante conflituoso. Recorrentemente, a facção derrotada é acusada pelos

seus opositores ou mesmo pelo Ministério Público de dilapidar o patrimônio público durante o período de transição administrativa para outra facção. Tal fato, conhecido popularmente como “desmonte”, envolve medidas que vão desde a suspensão temporária de serviços públicos, interrompimento do pagamento do funcionalismo, demissão dos funcionários comissionados, sucateamento e até depredação do patrimônio público.

Entretanto, não há dúvida de que os conflitos políticos não deixam de existir de fato com o fim do período eleitoral ou do “tempo da política”. Como argumentamos no Capítulo três, o cotidiano dos políticos profissionais é feito de constantes rivalidades e momentos de solidariedade circunstanciais. Contudo, tais conflitos possuem conotações bastante distintas daquelas que presenciamos durante o período eleitoral já que eles têm sua visibilidade reduzida e não se pautam exclusivamente pela busca de adesões entre a população local. Ou seja, com o fim dos embates característicos do período eleitoral, da luta aberta por adesões, as facções perdem visibilidade e ficam circunscritas aos seus membros permanentes.

Desta forma, podemos perceber que os rituais de agregação têm a dupla função de proclamar a mudança de *status* do político-candidato e colocar fim aos conflitos característicos do “tempo da política”. Mas, para que sejam bem-sucedidos, é fundamental o reconhecimento da legitimidade de todo o processo eleitoral por parte da facção derrotada, tal como ocorreu no pronunciamento do líder da bancada de vereadores do PMDB na cerimônia de posse do prefeito José Aldeny Farias em 2000.

Diagrama 2

Tempo da Política no caso da *Urna 45 do Sapó*

Com o fim do período eleitoral de 1996, o candidato eleito conclama a união da população e a suspensão dos conflitos que marcam o “tempo da política”.

Entretanto, como os adversários não reconhecem a legitimidade do processo eleitoral, os rituais de agregação não são suficientes para colocar fim ao “tempo da política”.

Cerimônia de Investidura – Facção “derrotada” não reconhece a legitimidade da facção “vitoriosa”.

O político-candidato “derrotado” não se retira da cena pública e passa a questionar judicialmente a vitória do seu rival.

Retorno progressivo dos rituais de rompimento com o cotidiano.

Conflitos e rivalidades políticas deixam de ficar circunscritos aos espaços institucionais ocupados pelos políticos profissionais e instauram publicamente o tempo da política outra vez.

O prefeito é reduzido à condição de político-candidato e passa novamente a procurar a população buscando adesões.

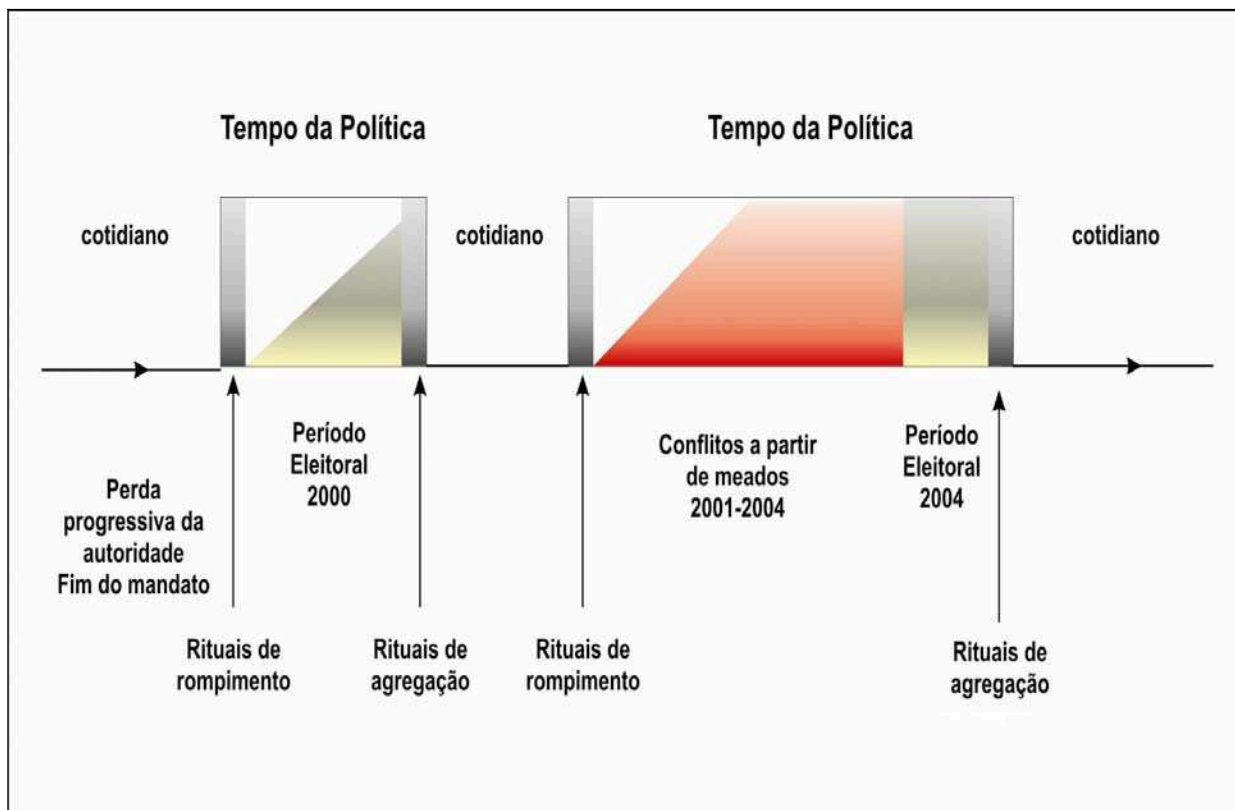
Com o final da apuração dos votos da *Urna 45 do Sapó* os conflitos gradativamente se dissipam e João Ananias Vasconcelos Neto tem sua autoridade política reforçada.

No diagrama 2, exposto acima, podemos perceber que nem sempre os conflitos característicos do “tempo da política” coincidem inteiramente com o período eleitoral. Com esteio no caso da *Urna 45 do Sapó*, podemos compreender a importância do reconhecimento tácito das partes envolvidas, a respeito da legitimidade de todo o processo eleitoral, para que os conflitos ritualizados durante o “tempo da política” fiquem circunscritos ao período eleitoral.

Com a impugnação da *Urna 45 do Sapó*, a legitimidade da vitória da facção de João Ananias Vasconcelos Neto foi colocada em xeque pelos partidários de Francisco das Chagas Vasconcelos. Nem a divulgação do resultado final da apuração dos votos, nem mesmo a cerimônia de investidura do cargo em janeiro de 1997 fizeram com que seus rivais admitissem a legitimidade da sua gestão.

Se por um lado a disputa na justiça eleitoral sobre a apuração ou não da *Urna 45 do Sapó* fez com que os partidários de Francisco das Chagas Vasconcelos continuassem mobilizados esforçando-se para que o clima de campanha política extrapolasse o período eleitoral, por outro lado, o séquito ligado a João Ananias Vasconcelos Neto inicialmente subestimou tal mobilização, presumindo que a disputa sobre a impugnação daquela urna ficaria circunscrita aos tribunais da justiça eleitoral. Porém, os conflitos que até então ficavam restritos ao período eleitoral, invadiram o cotidiano e a indefinição social e a incerteza, que marcam a figura do político-candidato durante o período eleitoral, passaram a contaminar a gestão de João Ananias Vasconcelos Neto (1996-1998), até que um novo processo eleitoral fosse realizado em 1998, restituindo a legitimidade do gestor local.

Diagrama 3
Conflitos Políticos Fora do Período Eleitoral entre meados de 2001 a 2004



Busca aberta por adesões fora do período eleitoral e o consequente aparecimento pleno das facções.

Carreata com o governador do Estado para comemorar a entrada de José Aldeny Farias no PSDB.

Divisão espacial da sede do município entre os partidários de José Aldeny Farias e os membros das outras facções.

Os espaços abertos (praças, bares, restaurantes etc.) eram ocupados pelos membros da facção de Farias. Já os partidários de Francisco das Chagas Vasconcelos e João Ananias Vasconcelos Neto evitavam tais espaços e se reuniam na Câmara de Vereadores ou se recolhiam para espaços privados.

Rituais de comensalidade promovidos por José Aldeny Farias em sua fazenda para angariar novas adesões.

Polarização das facções através de programas de rádio, Conselhão, Câmara de Vereadores.

Relatos sobre agressões físicas se difundiam por meio de boatos e fofocas.

Medo e a violência física são os novos ingredientes nos embates políticos locais.

A escolha de José Aldeny Farias como candidato ao Executivo local, em 2000, pela facção de João Ananias Vasconcelos Neto, está estreitamente ligada à busca por adesões pelas facções durante os conflitos descritos no caso da *Urna 45 do Sapó*. Contudo, diferentemente do primeiro caso, o pleito em que José Aldeny Farias foi eleito transcorreu sem maiores incidentes.

A legitimidade do seu mandato foi confirmada simbolicamente com a participação dos membros da facção de Francisco das Chagas Vasconcelos durante a cerimônia de investidura do cargo. No diagrama acima, podemos perceber, num primeiro momento, a eficácia dos rituais de agregação no final do período eleitoral de 2000.

Uma vez eleito, ainda no primeiro ano de mandato, José Aldeny Farias encontrou o momento oportuno para formar a sua própria facção. A busca aberta por adesões entre os vereadores partidários de João Ananias Vasconcelos Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos fora do período eleitoral parece ter sido o elemento deflagrador da série de acontecimentos conflituosos descritos no caso II.

Os vereadores arregimentados por José Aldeny Farias acionaram suas redes de relações pessoais buscando um maior número de adesões entre a população local para a facção do prefeito. Funcionários comissionados da prefeitura que, no período eleitoral, militavam na facção de João Ananias Vasconcelos Neto, foram aos poucos sendo substituídos pelos novos partidários de José Aldeny Farias. Desta forma, a existência aberta do conflito político fez com que as facções emergissem plenamente no cotidiano, fazendo com que os santanenses tivessem que optar declaradamente por um dos lados em disputa.

No período eleitoral, os embates entre as facções encontram espaços legalmente constituídos pela Justiça Eleitoral - são manifestados por meio das candidaturas, dos comícios, das carreatas, da propaganda eleitoral dos rituais e comensalidade. Já no intervalo de tempo aqui analisado, tais conflitos foram revelados por outras vias. Apareceram repentinamente nas reuniões do Conselhão, nos programas da rádio comunitária local, no sindicato dos trabalhadores rurais, em espaços que na ótica da população local não deveriam estar.

Aliados do executivo local, alguns membros do grupo político de João Ananias Vasconcelos Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos encontraram no anonimato dos pasquins “Arnaldo Jaburu” e “A procura do Amigo Jaburu” uma maneira irônica de expressar sua insatisfação com o gestor local, sem correr o risco de sofrer represálias.

O elemento novo nesse cenário de conflitos políticos abertos no cotidiano local foi à instauração de um “tempo de medo⁵⁷” expresso nos boatos e rumores que narravam provocações, perseguições, agressões física, tentativas de atropelamento ou ainda na existência de uma “lista negra” de pessoas marcadas para morrer.

Contudo, não nos interessa aqui apurar as responsabilidades criminais, ou ainda se tais eventos narrados pelos boatos e rumores aconteceram de fato. Em cenários conflituosos como esse, vale o alerta Delumeau (2009, p.265), o que importa é o que a opinião, ou parte dela, acredita possível. E mesmo no caso de “atentado de pistolagem”, independente da autoria ou das

⁵⁷ A respeito do medo, ver Chauí (1987) e a coletânea de ensaios organizados por Novaes (2007).

motivações alegadas pelo autor dos disparos, o que é sociologicamente significativo nesse episódio é o fato dele ter sido tomado como prova empírica da veracidade dos boatos e rumores e de ter disseminado ainda mais o “clima de medo” entre os rivais de José Aldeny Farias e mesmo naquelas pessoas que não estavam diretamente envolvidas nos embates entre as facções. O depoimento citado a seguir é um exemplar nesse sentido:

Com o Farias houve o advento de uma prática que não existia anteriormente. Um grupo de baderneiros, o termo e esse, um grupo que sentavam em bares o dia todo e depois que se embriagava saía provocando as pessoas... ou de carro, ou botando som alto, provocando ostensivamente os cidadãos. Essa prática não havia antes porque lá [Santana do Acaraú] terminava a campanha ninguém era de estar provocando ninguém, assim insultando. E essa prática surgiu com o Farias depois da ruptura. Porque não aceitamos aquilo, nunca toleramos aquilo, então eles passaram primeiro a nos perseguir, perseguir assim no sentido da política, das pessoas que eram ligadas a gente. [...] E derivaram para violência que culminou com a tentativa de assassinato do vereador e quem acabou morrendo foi a Socorro (João Ananias Vasconcelos Neto - chefe político em Santana do Acaraú).

Os boatos e rumores podem ser apropriados por grupos em disputa e se transformarem em elementos de acusação, mobilizando pessoas, desmascarando complôs e elegendo inimigos públicos. Segundo Delumeau,

O rumor aponta um ou mais culpados, uma coletividade se posiciona como vítima, Além disso, imputando ao acusado (ou acusados) toda espécie de crimes, vícios e negros desígnios, ela se purifica de suas próprias intenções turvas e transfere para outrem o que não quer reconhecer em si própria. Escapando a qualquer controle crítico, o rumor tende a aumentar os poderes do inimigo desmascarado e a situá-lo no centro de uma trama de cumplicidades diabólicas. Quando mais intenso for o medo coletivo, mais se estará inclinado a acreditar em vastas conjurações apoiadas em ramificações adversas (DELUMEAU, 2009, p.272).

Se num primeiro momento, tais ameaças, reais ou imaginárias, eram divulgadas através de canais não institucionalizados, sob o signo do anonimato, fazendo com que essa atmosfera de medo fosse reforçada pela descrição detalhada de reuniões secretas, de relatos de cenas de violência e perseguição que aconteciam durante a noite ou em lugares afastados. Num segundo momento, o “atentado de pistolagem” serviu como elemento detonador, mobilizando publicamente parte da população local que anteriormente estava reclusa. Depois do atentado e durante as quase quatro semanas em que a vítima esteve hospitalizada antes de falecer, gerou-se no município um estado de “comoção” traduzidos nos atos públicos de repúdio à violência, em visitas de lideranças políticas estaduais, pelo debate do tema na assembléia estadual e pelo acompanhamento do caso pelos principais meios de comunicação cearense

Conforme Barreira (2008, p.12-13) desde o final do século XIX, os embates políticos na região Nordeste têm sido momentos propícios para o emprego da violência física. Os estudos de Freitas (2003) sobre o mundo canavieiro em Alagoas e de Batista (2002) sobre Acaraú, município próximo a Santana do Acaraú, também corroboram esta tese. Todavia, o histórico dos embates políticos em Santana do Acaraú nos últimos cinquenta anos não registrava nenhum caso semelhante.

A morte dos três antigos chefes políticos locais (Francisco das Chagas Vasconcelos, José Ananias e José Arcanjo Neto) parecer ter repercutido no modo como os conflitos políticos eram geridos nesse período. As reflexões de Delumeau (2009) sobre o vazio de poder são pertinentes para analisar momentos como esses. De acordo com o autor,

O vazio de poder é um fenômeno ambíguo. Deixa livre o caminho de forças que permaneciam comprimidas enquanto a autoridade era sólida. Abre um período de permissividade. Desemboca na esperança, na liberdade, na permissão e na festa. Não secreta, portanto, apenas o medo. Libera também seu contrário. Como negar, no entanto a carga de inquietação que encerra? Ele cria uma vertigem; é ruptura com uma continuidade; logo, com a segurança. É portador de amanhã incertos que serão talvez melhores ou talvez piores que ontem. É gerador de uma ansiedade e de um enervamento que podem facilmente conduzir às agitações violentas (DELUMEAU, 2009, p.242).

De certa forma, os embates que Arcanjos e Vasconcelos travaram ao longo dos últimos cinquenta anos produziram entre os membros das duas facções uma série de padrões de conduta para exprimir os conflitos políticos, estabelecendo limites para os conflitos e para a violência. Mesmo os embates mais acirrados nunca desembocaram em agressões físicas graves entre os partidários das duas facções. A ausência de árbitros legitimamente reconhecidos pelos grupos em disputa parece ter comprometido ainda mais o gerenciamento dos conflitos políticos.

Somente com o início das eleições municipais de 2004 estes conflitos ganharam espaços legalmente constituídos para se expressar. A retomada dos rituais do período eleitoral regrou os conflitos políticos que outrora eclodiram fora dos canais habituais disseminando o medo e a violência.

Uma trágica coincidência marcou o fim desses conflitos. Em 31 de dezembro daquele ano, José Aldeny Farias perdeu a vida em um acidente automobilístico. No dia 1º de janeiro, ao mesmo tempo em que era celebrada a posse de Antônio de Pádua Arcanjo na prefeitura, o corpo do ex-prefeito José Aldeny Farias era velado noutra parte da cidade.

Figura 14 – Como contraponto aos conflitos políticos acirrados ocorridos durante a gestão de José Aldeny Farias, o prefeito eleito em 2004 assumiu sob o signo “é tempo de paz”.



Com a morte de José Aldeny Farias e a posse de Antonio de Pádua Arcanjo na prefeitura, as divisões instauradas pelos conflitos políticos entre os santanenses aparentemente se dissiparam. As facções deixaram de demandar posicionamento por parte da população mediante adesões e os conflitos políticos passaram a ficar circunscritos aos bastidores das facções políticas e o cotidiano foi restabelecido sob o signo da “paz”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar temas políticos em nossa própria sociedade requer auto-vigilância redobrada por parte do pesquisador. A política é um assunto que habitualmente demanda posicionamento, desta forma, é fundamental que o pesquisador não traga de contrabando para o campo examinado suas concepções apriorísticas sobre o significado da política.

Tento consciência disso, o reconhecimento do significado nativo da política em Santana do Acaraú serviu de guia para cada passo desta investigação. Assim sendo, analisei interpretativamente os discursos e as práticas construídas em torno da política, a partir de diferentes pontos de vista. Para compreender a polissemia das concepções nativa da política, delimiti três temporalidades distintas – cotidiano, “tempo da política” e nas ocasiões que denominei como momentos *sui generis* na história política local – onde os conflitos característicos do tempo da política extrapolaram o período eleitoral. A partir desse recorte, me debrucei sobre como os conflitos, especialmente os associados ao universo da política, são vivenciados nessas diferentes temporalidades.

Durante a pesquisa de campo, tanto na vida diária, como durante os pleitos eleitorais, o lugar do pesquisador em campo em muitos momentos foi ponderado pelo grupo observado. Se no cotidiano meus interlocutores acionaram mapas de localização social para me situar socialmente e inferir sobre as minhas reais intenções, no tempo da política, à minha adesão foi sondada por membros dos diferentes grupos em disputa em várias ocasiões.

Nesse sentido, ter iniciado a pesquisa de campo pelo cotidiano tornou meu trabalho menos árduo. Já que na vida de todos os dias as clivagens sociais que dividem os santanenses são mais amenas. Desta forma, tive tempo suficiente para estabelecer laços de empatia com membros dos diferentes estratos sociais que durante o tempo da política compõem uma das duas facções que tradicionalmente disputam a política local.

Diante disso, constatei muitos santanenes vivenciam seu cotidiano a partir do signo da união e de um modelo idealizado de família que, aliás, é muito distante das relações familiares que existem de fato. Contudo, a aparente tranquilidade que predomina na vida diária também encobre em seus bastidores uma série de clivagens. No entanto, os moradores locais desenvolveram formas socialmente aceitáveis de vivenciar esses conflitos. Desse modo, habitualmente, se esforçam para que seus amigos e vizinhos não percebam as tensões que existem no interior dos seus agrupamentos familiares. Neste ponto, as fofocas se revelaram numa importante via de acesso aos conflitos cotidianos, que do contrário ficariam circunscritos ao ambiente privado.

Somente quando percebi que entre muitos santanenses o cotidiano é pensado a partir do signo da união é que consegui compreender a relutância daquelas pessoas em reconhecer o caráter político de muitas de suas práticas cotidianas. Ou seja, apesar de muitos moradores locais se interessarem pelas sessões da Câmara Municipal, por reuniões de diferentes tipos de associações e pelo debate de assuntos de interesse público, muitos santanenses não identificam tais ações como sendo de natureza política. A concepção nativa de política para essas pessoas é associada ao conflito. Por este motivo a política é encarada

como uma atividade fora de seus cotidianos coloca em xeque as relações sociais de amizade, vizinhança e parentesco.

Foi através da história de família que analisei como as trajetórias políticas e sociais dos principais chefes políticos daquele município estabelecem um *continuum* que liga os conflitos publicamente invisíveis do cotidiano familiar com os conflitos vivenciados abertamente durante o tempo da política. Fenômeno semelhante ocorre com o restante da população local - o tempo da política é um momento ímpar em que ritualmente acontece uma reconfiguração social daquilo que Palmeira (1992) classificou como “lealdades primordiais” – solidariedade familiar, laços de parentesco, amizade e vizinhança.

Deste modo, se por um lado o tempo da política instaura um período socialmente legítimo para que os conflitos sejam ritualizados publicamente, por outro, também é necessário reconhecer que frequentemente tais conflitos estão latentes no dia a dia. Ocorre que o tempo da política concomitantemente explicita os conflitos e cria novos arranjos que com o restabelecimento do cotidiano se solidificam readequando as fronteiras sociais.

Estudando a história política de Santana do Acaraú é possível constatar que os conflitos políticos também são marcados por conflitos familiares. Tal fato faz com que a esfera pública e privada estejam profundamente embricadas. Contudo, no cotidiano, política e conflito são quase sempre pensados como sinônimos. Por isso, fora do campo e atuação dos políticos profissionais, a política não encontra lugar legítimo no dia a dia da maioria dos santanenes.

Destarte, o sentido que os moradores locais constroem em torno da política é eminentemente polissêmico, ou seja, a política é compreendida de

diferentes maneiras, dependendo do ator social, do tempo e do espaço em que tal noção é mobilizada.

Para aquelas pessoas que compõem o núcleo duro das facções os conflitos políticos têm um caráter permanente que abrangem desde rivalidades inerentes ao exercício do próprio mandato, passando pelos embates travados no interior da facção no período das convenções partidárias até os conflitos entre as facções durante o período eleitoral. Já para o restante da população o lugar socialmente legitimado para a publicização dos conflitos da política é o “tempo da política”, período em que as facções aparecem plenamente fazendo com que os santanenses sejam impelidos a aderir a um dos lados em disputa. Nessa temporalidade além de permitido, é desejável que as pessoas tomem partido nas disputas políticas.

Contudo, mesmo nessa temporalidade, a política ainda assim é vivenciada com diferentes intensidades, desde o engajamento aguerrido dos cabos eleitorais, passando pelos eleitores “comuns” que vivenciam o período festivamente, até a hesitação dos eleitores que “ficam em cima do muro”.

Os dados etnográficos apresentados nesta pesquisa corroboram as reflexões de Moacir Palmeira (1992 e 1996) e Beatriz Heredia (2006) a respeito da categoria nativa “tempo de política” como ocasião na qual os conflitos políticos adquirem visibilidade através do aparecimento público das facções e a instauração de um momento de “conflito aberto/autorizado”. Contudo, a especificidade do caso de Santana do Acaraú acrescenta outros elementos. O modo e a intensidade como a campanha eleitoral foi vivenciada, as acusações de fraude e a solicitação de uma nova apuração dos votos, podem colocar em xeque

“o fecho do tempo da política”, fazendo com que a maneira que os conflitos são vivenciados nessa temporalidade transborde para além do período eleitoral.

O episódio da Urna 45 do Sapó e os conflitos ocorridos na gestão de José Aldeny Farias, por exemplo, são os principais achados empíricos da tese. Tais ocasiões demonstram empiricamente que nem sempre o “tempo da política” corresponde necessariamente ao período eleitoral. Momentos *sui generis* como os analisados aqui se revelaram muito fecundos para pensar como operam os rituais que circunscrevem os conflitos políticos ao período eleitoral.

No caso da *Urna 45 do Sapó* apontamos o papel fundamental dos rituais de agregação ao promover a mudança de *status* do político-candidato. O reconhecimento da legitimidade do processo eleitoral por parte das facções rivais é essencial para que ocorra simbolicamente o fim dos conflitos característicos do “tempo da política”. O fato do prefeito eleito em 1996 ter sua legitimidade questionada pela facção adversária prorrogou os conflitos característicos do “tempo da política” por dois anos até que a realização de um novo pleito restaurasse ritualmente sua legitimidade.

Já a análise dos conflitos ocorridos durante a gestão de José Aldeny Farias serviram para refletir sobre como os embates ritualizados e a busca por adesões cederam lugar à violência física e ao medo. Se num primeiro momento um rival comum – José Aldeny Farias – uniu membros das famílias Arcanjo e Vasconcelos que há quase meio século rivalizavam em lados opostos, o acirramento exarcebado dos embates políticos instaurou um tempo de silêncio e o medo entre os opositores da facção de José Aldeny Farias.

Dois elementos reforçaram esse cenário, primeiro o vazio deixado pela morte dos antigos chefes políticos – José Arcanjo Neto, Francisco das

Chagas Vasconcelos e José Ananias Vasconcelos – que noutros momentos disciplinaram a intensidade dos conflitos políticos entre seus partidários, segundo a inserção de João Ananias Vasconcelos Neto no cenário político estadual, que acabou afastando temporariamente das disputas políticas local.

Para interpretar a perda de eficácia dos rituais num cenário de medo e violência é oportuno recuperar os argumentos de Hannah Arendt de que a violência aparece quando o poder está em perigo. Segundo a autora a violência é a ausência da palavra, da argumentação na resolução dos conflitos. É nesse sentido que “somente a pura violência é muda” (ARENDR, 1999, p.35).

Acrescentaria, a tal raciocínio, a constatação que a violência no caso aqui analisado, também obscureceu o papel dos rituais políticos como elemento mediador dos conflitos entre as facções em Santana do Acaraú. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que os conflitos políticos ritualizados cederam lugar à violência, as facções excluídas do governo local tiveram sua visibilidade pública ofuscada. O temor pela integridade física fez com que os partidários da facção de João Ananias Vasconcelos Neto e Francisco das Chagas Vasconcelos deixassem de se expressar os conflitos publicamente e se recolhessem a esfera privada.

Desta forma, ao longo do processo de acirramento dos embates surgiram outros mecanismos pelos quais os conflitos políticos se expressaram. A “guerra de pasquins” descrita durante a gestão de Farias é um exemplo dessa dimensão diretamente não visível dos conflitos. Pois, ao mesmo tempo em que tais panfletos alcançavam uma circulação surpreendente, também sinalizavam o anonimato e o recolhimento público dos membros das facções que estavam fora do governo local.

O silêncio estabelecido pela violência e pelo medo no decorrer da gestão de José Aldeny Farias parece ter encontrado fim com o estabelecimento de uma nova eleição. O momento ritual instaurado pelo tempo da política durante o período eleitoral é uma oportunidade para se resolver conflitos e de reconfigurar as relações sociais. Nesse sentido, as eleições municipais de 2004 e a dissolução do grupo político liderado por José Aldeny Farias, após a sua morte, parece ter momentaneamente colocado os conflitos políticos no seu lugar de costume.

A eleição de um novo prefeito sob o *slogan* “é tempo de paz” circunscreveu novamente os conflitos políticos e ação dos políticos profissionais aos bastidores da política, tornando assim a política mais uma vez em algo temporariamente externo ao cotidiano da maioria dos santanenses.



BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hannah. *Da Revolução*, SP/Brasília, Atica/UNB, 1990

_____. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

_____. *A condição humana*. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Trad. de Danilo M. S. Filho./Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUGÉ, Marc. *Os domínios do parentesco*. Lisboa: Edições 70, 2003.

BAILEY, F.G. Gifts and Poison. In: *Gifts and Poison. The Politics of Reputation*. Oxford: Basil Blackwell, 1971. p. 1-25.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Editora Minerva, 1999.

_____. *Antropologia política*. Difusão Européia do Livro. Editora SP, 1969.

BARREIRA, César. *Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

_____. *Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BARREIRA, A. Irllys, Pensamentos, palavras e obras, In: PARENTE, Josênio & ARRUDA, José Maria (orgs.) *Era Jereissati: modernidade e Mito*, Editora Fundação Demócrito Rocha, 2002, p. 62-82.

_____. Política, Memória e Espaço Público: a via dos sentimentos. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.16 n.46 SP. 2001.

_____. *Chuva de papéis, ritos e símbolos de campanha eleitoral no Brasil*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BATISTA, José Elcio. *Lutas políticas e poder familiar: pactos, conflitos e violência*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, 2002.

BERGER, Peter. e LUCKMANN, Thomas. Os alicerces do conhecimento na vida cotidiana. p. 31-57 In: *A construção social da realidade*. 2 ed, Lisboa: Dinalivro 2004.

BEZERRA, Marcos Otávio. *Em nome das bases - Política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

BOISSEVAIN, Jereny. *Friends of friends: networks, manipulators and coalitions*. A Blackwell Paperback, 1978

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Espaço Simbólico. In. *Razões Práticas, sobre a teoria da ação*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. *O poder simbólico*. 7, ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

_____. É possível um ato desinteressado? In: *Razões Práticas*. Papyrus Editora 2004 b.

_____. “A ilusão biográfica”: In. FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. O mundo do carnaval – mitos e rituais. In *Cultura popular na idade Moderna 1500-1800*. São Paulo Companhia das Letras, 1989.

CARMO, Renato Miguel do. *Contributos para uma sociologia do Espaço-Tempo*. Oeiras, Portugal: Editora Celta, 2006.

CARONE, Edgar. *A República Velha (instituições e classes sociais)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma Discussão Conceitual”. In: *Dados* v. 40 n. 2 Rio de Janeiro, 1997.

CARVALHO, Rejane. *Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política*. Campinas: Pontes/UFC, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In: Novaes, Adauto (org.), *Os Sentidos da Paixão*, São Paulo: Funarte/Companhia das Letras, 1987.

CHAVES, Cristine de Alencar. *Festas da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petropolis: Vozes, 1996.

COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a luta – sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
_____. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *Carnavais, malandros e heróis*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

_____. *A Casa & A Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

DELUMENAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, 1975.

FARIAS, Airton de. *História do Ceará*. 2. ed. Edições Livro Técnico: Fortaleza, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio – Século XXI*, Editora Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaína (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

FREITAS, Geovani Jacó de. *Ecos da violência: narrativas e relações de poder no nordeste canavieiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. São Paulo: Global, 2003.

GEERTZ, Clifford. Centro Reis e Carismas In: *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

_____. *Negara*. São Paulo: Difel, 1980.

GIDDENS, Antony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 4 ed. 2006.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Companhia das Letras, 1987.

GOLDMAN, Marcio. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica a política*. Rio de Janeiro: 7 Letras 2006.

GOFFMAN, ERVING. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 10 ed, 2002.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Clientelismo e modernidade – As políticas públicas, os “Governos das Mudanças” no Ceará (1987-1994)*. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, 1998.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. *Perfil Básico Municipal – Santana do Acaraú*. Fortaleza-CE 2005.

GUEDES, Francisco. *Cartilha Básica Ampliada do Método de Administração Concreta – Metac*, 2001 (mimeo).

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 4 Ed., 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HEREDIA, Beatriz. Entre duas Eleições - Relação político eleitor. p. 17-38. In *.Como se fazem eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,2002.

_____. Luta entre iguais: as disputas no interior de uma facção política. p. 165-178. In. M. Palmeira e C. Barreira (orgs.), *Política no Brasil – visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

_____. Política, Família e Comunidade. p. 57-72, In: PALMEIRA & GOLDMAM (orgs.) *Antropologia, Voto e Representações Política*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1996.

IBOPE OPINIÃO. *Pesquisa de opinião pública sobre a imagem dos parlamentares brasileiros*. 31 Janeiro de 2007.

KUSCHNIR, Karina. Trânsito e aliança na representação parlamentar. p.101-9, In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.30. ano 11, fevereiro, 1996.

_____. Eleições e representação no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

_____. *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. Rituais de comensalidade na política. In. p. 243-270. In *Como se fazem eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

LEACH, Edmund. *Cultura e comunicação – a lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro, Zahar Editores 1978.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder*. Edições UFC, 1996.

LEFEBVRE, Henri. *Vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche, 1968

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia.” In. FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Ana Claudia. *Intriga e Questões. Vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARTINS, José de Sousa. *A Sociabilidade do Homem Simples*. Ed. Contexto, 2008.

NOVAES, Adauto (org.). *Ensaio sobre o Medo*. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e conflito de classes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA: dados históricos de 1608 a 1881. Papelaria e Typographia Correio da Semana, Sobral – CE, 1926.

PAIS, José Machado. *Sociologia da vida cotidiana*. 3 ed. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais – ICS, 2007.

PALMEIRA, Moacir. Voto: Racionalidade ou Significado? p. 26-30, In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 7 (20) 1992.

_____. Política, Facções e Voto. p. 41-56, In: PALMEIRA & GOLDMAN (org.) *Antropologia, Voto e Representações Políticas*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1996

_____. Eleição municipal, política e cidadania. p.137-149. In. M. Palmeira e C. Barreira (orgs.), *Política no Brasil – visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

PALMEIRA, M. e HEREDIA, Beatriz. Le temps de La Politique. *Études Rurales*. 131-132, p. 73-87. Paris, Les Éditions de l'école des hautes études en sciences sociales, 1993.

_____. Os comícios e a política de facções. p. 31-94, In: *Anuário Antropológico*, nº 94, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. Política Ambígua. p. 159-183, In: *O mal à brasileira*. P. BIRMAN & S. CRESPO (org.). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

_____. O voto como adesão. p. 281-298 In: Miranda, Julia; Pordeus, Ismael; Laplantine, François. (orgs.). *Imaginários Sociais em Movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PEIRANO, Mariza. Análise antropológica de rituais. In. PEIRANO, Mariza. (org.) *O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

_____. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PINA CABRAL, João de, e LIMA, Antónia Pedroso de. “Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social”. In. *Etnográfica*, Vol. IX (2), Lisboa, p. 355-388, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.

REDFIELD, Robert. The Little Community as a Whole. In: *The Little Community and Peasant Society and Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 1-16.

RIBEIRO, Renato Janine. Hobbes: o medo e a esperança. p.51-77. In: WEFFORT, Francisco (org.) *Os clássicos da política Vol. I*. São Paulo, Ática, 2000.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1983.

SCHMITT, Rogério. *Partidos Políticos no Brasil (1945 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SHILS, Edward. Centro e Periferia. In: *Centro e Periferia*. Lisboa, Difel, p.53-71. 1996.

SILVA, Clódson dos Santos. *O que se diz e o que se faz em nome da participação Conselho Santana do Acaraú - CE*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SIMMEL, George. *Fidelidade, gratidão e outros textos*. Lisboa: Ed. Antropos, 2004a.

_____. *Fragmentos sobre o amor e outros textos*. Lisboa: Ed. Antropos, 2004b.

_____. *Simmel: Sociologia* In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Sociologia: Estudios sobre las formas de socializacion* . 2. ed. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977.

SOUZA, Jessé. *A modernidade Seletiva*. Brasília:UNB, 2000.

TEIXEIRA, Carla Costa, *A honra na política. Decoro parlamentar e cassação de mandato no Congresso Nacional (1949 – 1994)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

TEIXEIRA, Carla Costa, e CHAVES, Christine de Alencar (orgs.) *Espaços e Tempos da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras , 1998.

TURNER, Victor W. *O processo ritual – estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Ed. Vozes,1974. p. 116-159.

WEBER, Max. *A Sociologia da Autoridade Carismática*. In. *Ensaio de Sociologia*. 5 ed. Editora LCT, p. 283-291, 1982.

_____. *A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais*. In: *Weber Grandes Cientistas Sociais*. Editora Ática,2000.

_____. *Ciência e Política duas vocações*. Martin Claret, 2001.

APÊNDICE A

ANO	DATA	ELEIÇÃO
2008	05/out	Prefeito e Vereador
2006	01/out	Presidente, Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
2005	23/out	Referendo sobre a comercialização de arma de fogo e munição
2004	03/out	Prefeito e Vereador
2002	06/out	Presidente, Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
2000	01/out	Prefeito e Vereador
1998	04/out	Presidente, Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
1996	03/out	Prefeito e Vereador
1994	03/out	Presidente, Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
1993	21/abril	Plebiscito para escolha da Forma e Sistema de Governo
1992	03/out	Prefeito e Vereador
1990	03/out	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
1989	15/nov	Presidente
1988	15/nov	Prefeito e Vereador
1986	15/nov	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
1985	15/nov	Prefeito e Vereador
1982	15/nov	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Governador, Prefeito e Vereador
1978	15/nov	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual
1976	15/nov	Prefeito e Vereador
1974	15/nov	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual
1972	15/nov	Prefeito e Vereador
1970	15/nov	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Prefeito e Vereador
1966	15/nov	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Prefeito e Vereador
1963	06/jan	Plebiscito sobre o retorno ao Sistema Presidencialista
1962	07/out	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Governador, Prefeito e Vereador
1960	03/out	Presidente
1958	03/out	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Governador, Prefeito e Vereador
1955	03/out	Presidente
1954	03/out	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Governador, Prefeito e Vereador
1950	03/out	Presidente, Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual, Governador, Prefeito e Vereador
1947	19/jan	Senador, Dep. Federal, Dep. Estadual e Governador
	07/dez	Prefeito e Vereador
1945	02/dez	Presidente, Senador, Dep. Federal
1930	01/mar	Presidente, Senador, Dep. Federal

APÊNDICE B

Prefeitos de Santana do Acaraú a partir de 1958

1958. **Francisco das Chagas Vasconcelos** – Advogado, chefe-político que comandou a política local até 1982.

1962. **José Ananias Vasconcelos** – Comerciante eleito prefeito de Santana do Acaraú em 1962 e 1972 com o apoio do seu primo Francisco das Chagas Vasconcelos.

1966. **Raimundo Nazion Aguiar** – Comerciante. Com apoio de Francisco das Chagas Vasconcelos derrota Geraldo Arcanjo candidato apoiado por José Arcanjo Neto.

1970. **José Cirineu de Menezes** – Agropecuarista, eleito com o apoio de Francisco das Chagas Vasconcelos. Um dos seus filhos é genro de José Ananias Vasconcelos.

1972. **José Ananias Vasconcelos** – Comerciante, primo de Chagas Vasconcelos e de José Arcanjo Neto eleito pela segunda vez com apoio de Chagas Vasconcelos.

1976. **João Batista Arcanjo** – Com o apoio de Francisco das Chagas Vasconcelos, derrota seu primo Geraldo Arcanjo. João Batista Arcanjo também era primo de Francisco das Chagas Vasconcelos, José Arcanjo Neto e José Ananias Vasconcelos.

1982. **Francisco das Chagas Feijão** – Médico que derrotou João Ananias Vasconcelos Neto nas eleições municipais de 1982. Entretanto, faleceu antes de ser empossado. Desta forma, assumiu o cargo a vice-prefeita Maria de Socorro Vasconcelos, filha de Francisco das Chagas Vasconcelos.

1988. **João Ananias Vasconcelos Neto** (PSB) – Médico, filho de José Ananias Vasconcelos, teve como principal adversário nas eleições de 1988 um parente próximo - Antonio de Pádua Arcanjo – Totonho (PMDB), candidato apoiado por Francisco das Chagas Vasconcelos.

1992. **José Ari Fonteles** (PSB) – Médico apoiado por João Ananias Vasconcelos Neto. José Ari Fonteles é cunhado de Raimundo Nonato Arcanjo, irmão de José Arcanjo Neto e Antônio Galvino Arcanjo.

APÊNDICE C

Prefeitos de Santana do Acaraú a partir de 1958

1996. **João Ananias Vasconcelos Neto** (PSB) – João Ananias Vasconcelos Neto, na época Deputado Estadual, deixa a Assembléia Estadual do Ceará, para disputar as eleições municipais em 1996 contra Francisco das Chagas Vasconcelos (PMDB) e José Aldeny Farias (candidato a vice-prefeito - PSDB). Foi nesse pleito que ocorreu o episódio da “Urna 45 do Sapó” em que José Aldeny Farias abandonou a coligação com Francisco das Chagas Vasconcelos para apoiar João Ananias Vasconcelos Neto.

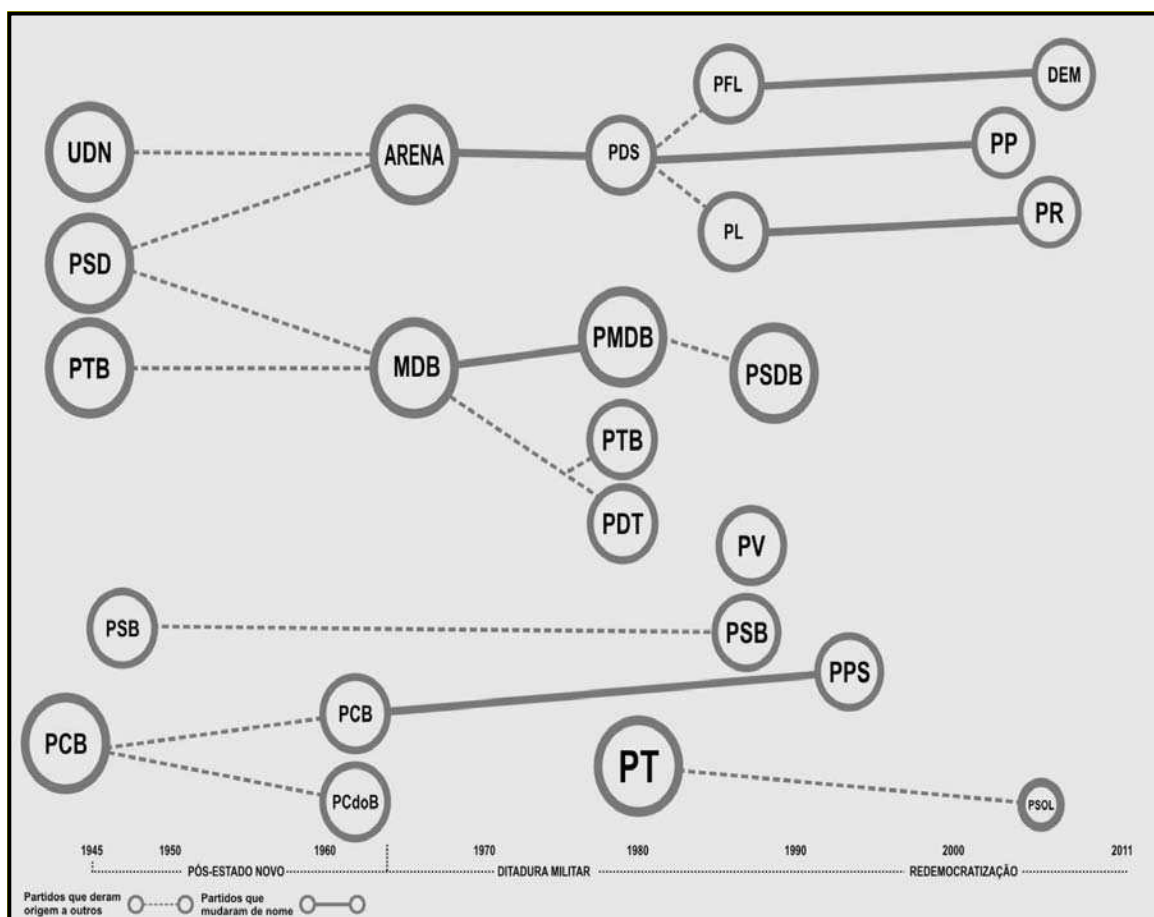
2000. **José Aldeny Farias** (PSB) – empresário recém filiado ao PSB na época. Como retribuição ao apoio dado na campanha da “Urna 45 do Sapó” em 1996-8, João Ananias Vasconcelos Neto, mesmo contra a vontade de seus correligionários, indica seu nome para concorrer pelo PSB contra Francisco das Chagas Vasconcelos. Meses depois de eleito, Aldeny Farias rompe com João Ananias Vasconcelos Neto.

2004. **Antônio de Pádua Arcanjo** (PC do B), Agrônomo, filho de Geraldo Arcanjo. Foi candidato apoiado por Francisco das Chagas Vasconcelos em 1988 contra João Ananias Vasconcelos Neto (PSB). Foi eleito vereador em 1992 e 1996 pelo PMDB. Em 2004, já partidário de João Ananias Vasconcelos Neto (PC do B), derrota a coligação encabeçada por José Aldeny Farias (PSDB), e a viúva de Francisco das Chagas Vasconcelos (PMDB) candidata a vice-prefeita.

2008. **José Maria Sabino** (PMDB) advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Em 2004 candidatou-se a prefeitura pelo Partido dos Trabalhadores. Em 2008, filiou-se ao PMDB, naquele pleito derrotou o enfermeiro Antônio Helder Arcanjo – Heldinha – que ocupava a Secretaria de Saúde na gestão de Totonho desde 2006. Heldinha é sobrinho de José Arcanjo Neto.

APÊNDICE C

Gráfico dos principais partidos políticos brasileiros



UDN - União Democrática Nacional

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PDS - Partido Democrático Social

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PV - Partido Verde

PPS – Partido Popular Socialista

PP – Partido Progressista

PR – Partido da República

DEM - Democratas

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

ANEXO I

Mapa de Santana do Acaraú

